UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ (UEM)
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS (MESTRADO)

IRENE RODRIGUES BATISTA DA SILVA

O DISPOSITIVO DA MATERNIDADE NA PRÁTICA FOTOGRÁFICA: QUESTÕES DO SABER/PODER PELO VIÉS DO DISCURSO IMAGÉTICO

MARINGÁ, PARANÁ

2022

IRENE RODRIGUES BATISTA DA SILVA

O DISPOSITIVO DA MATERNIDADE NA PRÁTICA FOTOGRÁFICA: QUESTÕES DO SABER/PODER PELO VIÉS DO DISCURSO IMAGÉTICO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual de Maringá (UEM), como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Letras, Área de concentração em Estudos Linguísticos – Estudo do Texto e do Discurso.

Orientador: Prof. Dr. Pedro Luís Navarro Barbosa

MARINGÁ, PARANÁ

2022

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
(Biblioteca Central - UEM, Maringá - PR, Brasil)

S586d

Silva, Irene Rodrigues Batista da

O dispositivo da maternidade na prática fotográfica : questões do saber/poder pelo viés do discurso imagético / Irene Rodrigues Batista da Silva. -- Maringá, PR, 2022.

174 f.: il. color., figs., tabs.

Orientador: Prof. Dr. Pedro Luís Navarro Barbosa.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual de Maringá, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Departamento de Letras Modernas, Programa de Pós-Graduação em Letras, 2022.

1. Dispositivo de poder. 2. Enunciado visual. 3. Maternidade . 4. Subjetividade feminina. 5. Discurso imagético. I. Barbosa, Pedro Luís Navarro, orient. II. Universidade Estadual de Maringá. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Departamento de Letras Modernas. Programa de Pós-Graduação em Letras. III. Título.

CDD 23.ed. 401.41

Marinalva Aparecida Spolon Almeida - 9/1094

IRENE RODRIGUES BATISTA DA SILVA

O DISPOSITIVO DA MATERNIDADE NA PRÁTICA FOTOGRÁFICA: QUESTÕES DO SABER/PODER PELO VIÉS DO DISCURSO IMAGÉTICO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras (Mestrado), da Universidade Estadual de Maringá, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Letras, área de concentração: **Estudos Linguísticos**.

Aprovada em Maringá, **09 de maio de 2022.**

BANCA EXAMINADORA

ISMARA ELIANE VIDAL DE SOUZA TASSO:49366270972

Assinado de forma digital por ISMARA ELIANE VIDAL DE SOUZA TASSO:49366270972
Dados: 2022.05.10 10:16:42 -03'00'

Profª Drª Ismara Eliane Vidal de Souza Tasso
Membro Titular - UEM/PLE

Profª Drª Denise Gabriel Witzel
Membro Externo (UNICENTRO – GUARAPUAVA/PR)

Prof. Dr. Pedro Luis Navarro Barbosa
Presidente – Orientador

DEDICATÓRIA

Para minha mãe – puro amor.

AGRADECIMENTOS

- ***Agradeço a Deus pela palavra – "Lâmpada para os meus pés é tua palavra, e luz para o meu caminho" (Salmo 119:105);***

- ***agradeço ao Professor Dr. Pedro Luis Navarro Barbosa, pela orientação, confiança e generosidade em compartilhar o saber-poder;***

- ***agradeço a todos os Professores do Programa de Pós-Graduação em Letras da UEM, pelo incentivo dado e pela boa vontade com que acolheram minhas dúvidas e dificuldades;***

- **um especial reconhecimento à profa. Dra. Denise Witzel, por aceitar participar de momento único da minha vida;**

- **carinhoso agradecimento à profa. Dra. Ismara Tasso, pela valiosa contribuição em relação a esse meu esforço de pesquisa;**

- ***agradeço aos colegas do GEF (Grupo de Estudos Foucaultianos), cujo companheirismo foi sempre um ponto certo de apoio e alegria;***

- ***agradeço aos meus alunos e colegas de trabalho pelo encorajamento e carinho sempre presentes;***

- ***agradeço aos gestores das Escolas Estaduais João de Faria Pioli (em Maringá) e Olavo Bilac (em Sarandi), pela atitude compreensiva e cooperativa sem a qual essa pesquisa talvez não existisse;***

- ***agradeço a minha família, que tudo suportou para o bem e para o mal;***

- ***enfim, gratidão à Vida, à Ciência, à Saúde, à Educação, a todo esforço humano no sentido de construção de atitudes assertivas em prol do Amor, da Verdade e do Conhecimento.***

EPÍGRAFE

Um coração
De mel de melão
De sim e de não
É feito um bichinho

No Sol de manhã
Novelo de lã
No ventre da mãe
Bate um coração
De Clara, Ana
E quem mais chegar

Água, terra, fogo e ar

(*Clareana*, Joyce)

RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo geral refletir sobre o esquema de forças nas relações de poder que ligam o sujeito-mãe ao sujeito-filha, através da interpretação da prática fotográfica em séries enunciativas visuais, em que linhas de força sejam visibilizadas. Tendo em vista o que articula a prática fotográfica, com referência ao registro artístico-imagético da relação mãe e filha e, partindo do pressuposto de que esse relacionamento é constitutivo da subjetividade feminina, fizemos uma abordagem interpretativa de imagens fotográficas, organizando discursivamente séries visuais. O método aplicado foi o da arqueogenealogia de Michel Foucault em função dos seguintes objetivos específicos: examinar aspectos da emergência da maternidade como dispositivo de poder, em níveis macrofísico e microfísico na prática discursiva fotográfica; caracterizar aspectos do dispositivo em relação à prática discursiva da fotografia, focando regularidades do sujeito-mãe no discurso fotográfico; refletir sobre o sujeito-mãe e as linhas de força/fuga que se configuram dentro do dispositivo da maternidade, levando em conta o sujeito-filha e o exercício de poder observável. Esses objetivos revelaram-se fundamentais na compreensão da problemática presente nas relações de poder, configuradas entre mãe e filha, em que se estabelecem linhas de poder e força em função do dispositivo da maternidade. Também foi possível acessar a relação conflitante dos sujeitos pelo viés da prática fotográfica, que discursiviza os sujeitos, a relação entre eles e o próprio enunciado visual, também com acesso a um arquivo audiovisual. Além disso, em nível macrofísico, através da interpretação de visualidades fotográficas, foi possível observar como o sujeito-mãe se transforma em função de sua relação com o biopoder/governamentalidade, na ação de cuidado com a prole. Por outro lado, em nível microfísico, procuramos traçar as linhas de força/fuga entre os sujeitos mãe e filha, observando aspectos da relação entre os sujeitos e como as ações/desempenhos, capturadas nas imagens fotográficas, afetaram os sujeitos e produziram interações condizentes com um esquema de poder ligado ao dispositivo da maternidade.

Palavras-chave: Dispositivo, Maternidade, Discurso, Enunciado Visual, Subjetividade Feminina.

ABSTRACT

The general objective of this research is to reflect on the scheme of forces of power relations that link the mother-subject to the daughter-subject, through the interpretation of photographic practice in visual enunciative series, in which lines of force are made visible. In view of what articulates the photographic practice, with reference to the artistic-imagery record of the mother and daughter relationship and, based on the assumption that this relationship is constitutive of female subjectivity, we made an interpretive approach to photographic images, discursively organizing visual series. The method applied was that of Michel Foucault's archeogenealogy due to the following specific objectives: examine aspects of the emergence of motherhood as a device of power, at macrophysical and microphysical levels in photographic discursive practice; to characterize aspects of the device in relation to the discursive practice of photography, focusing on regularities of the subject-mother in the photographic discourse; to reflect on the mother-subject and the lines of force/escape that are configured within the device of motherhood, taking into account the subject-daughter and the exercise of observable power. These objectives proved to be fundamental in understanding the problem present in power relations, configured between mother and daughter, in which lines of power and strength were established as a function of the maternity device. It was also possible to access the conflicting relationship of the subjects through the bias of the photographic practice, which discursivizes the subjects, the relationship between them and the visual statement itself, also with access to an audiovisual archive. In addition, at a macrophysical level, through the interpretation of photographic visualities, it was possible to observe how the mother-subject is transformed according to her relationship with biopower/governmentality, in the action of caring for the offspring. On the other hand, at a microphysical level, we tried to trace the lines of force/escape between the mother and daughter subjects, observing aspects of the relationship between the subjects and how the actions/performances, captured in the photographic images, affected the subjects and produced interactions consistent with a power scheme connected to the maternity device.

Key-words: Dispositve, Motherhood, Discourse, Visual Statement, Feminine Subjectivity.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 01 Postagem do facebook. 60

Imagem 02 Brigitte e Huguette, Ghazir Lebanon, 2014. 62

Imagem 03 Nisreen e Ola em Bourj El Barajneh, campo de refugiados, Beirute, Líbano, 2015 . 67

Imagem 04 Imagem 04: Soraya e Tala, Yarze, Líbano, 2014. 71

Imagem 05 *The New Mothers* (1989) de Sally Mann. 80

Imagem 06 Família Goebbels. 100

Imagem 07 Corpos da família Goebbels. 101

Imagem 08 Mães argentinas da Praça de Maio protestando. 106

Imagem 09 Mãe argentina confrontando forças de segurança. 109

Imagem 10 Wafa'a e Hasna, *Bourj El Barajneh* campo de refugiados, Beirute, Líbano. 112

Imagem 11 Maureen e Devin, em Wellesley, Massachusetts, 2015. 122

Imagem 12 Leila, a filha, e Souraya, a mãe, diante de quadros pintados pela mãe para representar a filha, Jounnieh, Líbano, 2015. 125

Imagem 13 Detalhe A da Imagem 12 (mãe segurando braço da filha). 125

Imagem 14 Detalhe B da Imagem 12 (olhar da mãe para a filha). 125

Imagem 15 Leila e Souraya em outra pose, Jounieh, Líbano, 2015. 127

Imagem 16 Rawiya e Celine, Beirute, Líbano, 2015. 130

Imagem 17 Rawiya e Celine, Beirute, Líbano, 2015, com a porta de vidro fechada. 131

Imagem 18 Susie e Tea, Beirute, Líbano, 2013. 134

Imagem 19 Detalhe da imagem 18 (porta-retrato de homem idoso). 136

Imagem 20 Pin-Chieh e Stephanie, North Andover, Massachusetts,2017 143

Imagem 21 Shelita e Taylor, Hyde Park, Massachusetts, 2016. 145

Imagem 22 Lina e Sarah, Beirute, Líbano, 2014. 146

Imagem 23 Lina, Beirute, Líbano, 2014. 148

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO..... 11

2 ALGUNS PRESSUPOSTOS TEÓRICOS DOS ESTUDOS DISCURSIVOS FOUCAULTIANOS..... 17
2.1 Eixo do sujeito..... 19
2.2 Eixo do discurso..... 21
2.3 Eixo do poder e da subjetividade..... 25
2.4 A prática fotográfica..... 41

3 O DISPOSITIVO..... 47

4 MAPEANDO O TERRITÓRIO DO DISPOSITIVO DA MATERNIDADE NO ARQUIVO DO VISÍVEL E DO ENUNCIÁVEL..... 76

5 O DISPOSITIVO DA MATERNIDADE EM IMAGENS MICROFÍSICAS DE MÃES E FILHAS..... 116

6 CONCLUSÃO..... 149

REFERÊNCIAS..... 154

APÊNDICES..... 162

ANEXOS..... 170

INTRODUÇÃO

O tema desta pesquisa é a maternidade. Porém, a temática ainda pode ser melhor delimitada dizendo que o tema aqui levantado tem intrínseco vínculo com a experiência da maternidade do sujeito-mãe e as relações de poder estabelecidas com a prole, em particular as filhas (em nível microfísico), e com a política (no nível macrofísico). Esse recorte em relação às filhas justifica-se pelo *corpus* fotográfico aqui reunido para análise, cuja amplitude traça uma linha entre enunciados imagéticos de grau macrofísico até os enunciados imagéticos de grau microfísico. Portanto, a prática da maternidade de que falamos está materialmente circunscrita pelo ato fotográfico e, por isso mesmo, está vinculada às condições de possibilidade do fazer fotográfico, tanto como tecnologia quanto como prática discursiva.

Bem sabemos que, como prática discursiva, a fotografia sobre a maternidade pode estar ligada a uma multiplicidade de possíveis manifestações. Contudo, como já dissemos, estamos interessados naquilo que a maternidade estabelece como elemento de força em relação às dimensões designadas anteriormente, e como esses pontos de força são registrados pela fotografia. A emergência desse registro imagético de mães fomenta discussões sobre a natureza biológica da maternidade, tomada como intrínseca ao corpo feminino, mas controversa e polêmica se situarmos essa "natureza biológica inata" no âmbito social e psicológico. O discurso fotográfico, por sua prática social, pode tornar visível essa discursivização da experiência materna mais recentemente e dos aspectos de tensão que emergem a partir da mulher como sujeito-mãe e como sujeito-filha.

Ao olharmos para o nível microfísico, chamam nossa atenção os aspectos de tensão captados pela fotografia em função da presença desses pontos de força entre mães e filhas e do atrito que estes pontos tornam visíveis pelo ato fotográfico, evidenciando, assim, um quadro de luta, disputa, enfrentamento, discordância, desconfiança, vigilância, hostilidade, controvérsia. Tudo isso levando-nos a perceber o movimento de um dispositivo em ação – o dispositivo da maternidade. A análise enunciativa em torno do poder é fundamental no *corpus* com o qual lidamos.

Nesse sentido, é importante mencionar o ineditismo de nossa pesquisa tanto pelo *corpus* visual analisado, quanto pelas ferramentas teóricas que trouxemos de

Michel Foucault, ao determinar as linhas gerais para o dispositivo da maternidade em seu livro *A História da Sexualidade 1* (2014b), configurando um dado funcionamento do dispositivo da maternidade a partir do dispositivo da sexualidade. A abordagem das relações de força, então, passam primordialmente pelo registro imagético da prática fotográfica, mais particularmente pelo enquadramento, como ação efetiva de organização dessas relações de força no plano do visível da fotografia.

Além disso, a busca do estado da arte em alguns bancos virtuais como o *site* de periódicos da CAPES, da Biblioteca Virtual da FAPESP, o catálogo de Teses e Dissertações da CAPES, a Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da USP mostrou que nossa pesquisa do dispositivo da maternidade, com um *corpus* fotográfico, não apresenta, até esse momento, equivalência acadêmica de pesquisa dentre os trabalhos de tais bancos de dados, caracterizando mais um dado pelo ineditismo de nossa pesquisa.

Nesse sentido, inicialmente percebemos nas fotografias analisadas o funcionamento do princípio foucaultiano da raridade[1], pelo qual a prática discursiva da fotografia, ao trazer o registro das relações de força entre mães e filhas, ou entre mães e a política, enuncia, pela modalidade visual da prática fotográfica, diagramas de poder que se tornam acessíveis (visíveis) num dado esquema de relações de força, a partir daquilo que foi enquadrado, ou seja, a prática discursiva da maternidade é *discursivizada* pelo ato fotográfico, tendo como foco as relações de poder entre os sujeitos mãe e filha, delineados pelo dispositivo da maternidade em ação. Essa ação do dispositivo é o que determina aquilo que é ou não é visibilizado (ou enunciado).

Como prática discursiva de dimensão macrofísica, é claro que a maternidade é discursivizada pela história, remontando à memória da tradição oral da humanidade, período em que se fala na existência do matriarcado (D'EAUBOONE, 1995; ENGELS,1984), cuja a vigência foi sobrepujada pelo patriarcado. A rigor, o surgimento

[1] A constatação do silenciamento e da invisibilidade das mulheres é tracejada segundo os vazios do enunciável e do visível, na análise da historiadora Michelle Perrot, para quem "[...] as mulheres ficaram muito tempo fora desse relato [da história], como se, destinadas à obscuridade de uma inenarrável reprodução, estivessem fora do tempo, ou pelo menos, fora do acontecimento. Confinadas no silêncio de um mar abissal. [...] Elas atuam em família, confinadas em casa, ou no que serve de casa. São invisíveis. Em muitas sociedades, a invisibilidade e o silêncio das mulheres fazem parte da ordem das coisas. É a garantia de uma cidade tranqüila. Sua aparição em grupo causa medo. Entre os gregos, é a *stasis*, a desordem Sua fala em público é indecente. "Que a mulher conserve o silêncio, diz o apóstolo Paulo. Porque primeiro foi formado Adão, depois Eva. E não foi Adão que foi seduzido, mas a mulher que, seduzida, caiu em transgressão. Elas devem pagar por sua falta num silêncio eterno. [...]." (PERROT, 2007, p.16-17).

da “boa mãe” no discurso iluminista do século XVIII representa uma descontinuidade no delineamento do dispositivo da maternidade: foi quando o biopoder se organiza para que as mães biológicas amamentem, cuidem das crianças para que não morram e eduquem esses filhos, que serão os soldados das guerras imperiais pelos territórios da África/América ou serão a mão de obra das revoluções industriais do século XIX.

A outra descontinuidade em relação ao dispositivo da maternidade tem a ver com a *histerização* do corpo da mãe (FOUCAULT, 2014b), a partir do que o próprio dispositivo se vê ameaçado pela incidência da doença mental sobre o corpo feminino, e com a provável obsoletização desse corpo feminino para a procriação e da mente da mulher para o bom cuidado e educação dos filhos. A história do dispositivo da maternidade pode ser assim resumida em função da dimensão macrofísica, dando conta das condições macrolineares das relações de poder.

Embora seja fundamental a dimensão macro do contexto histórico em que acontece a discursivização, há um segundo foco em nossa pesquisa, cuja extremidade nos leva a um outro nível das relações de poder, trazendo para a discussão a outra ponta do fio condutor do poder – dentro do dispositivo da maternidade – seu nível microfísico (FOUCAULT, 2018). Nesse nível, consideramos assim que o poder é uma ação sobre o corpo (FOUCAULT, 2018), segundo as palavras do próprio Foucault “[...] o corpo se tornou aquilo que está em jogo numa luta entre os filhos e os pais, entre as crianças e as instâncias de controle. A revolta do corpo sexual é o contra-efeito desta ofensiva.” (FOUCAULT, 2018, p.236).

Para nós, agora pensando na prática arqueogenealógica de Michel Foucault, a problemática pode ser formulada assim: como se dá, discursivamente, em enunciados fotográficos, a relação de poder-saber entre mãe e filha, considerando-se a dimensão do dispositivo da maternidade que se impõe sobre esses sujeitos?

O discurso histórico em torno da maternidade é um indicativo do eixo de saber que aponta para a existência desses níveis macrofísico e microfísico do dispositivo sob investigação. Os fatos históricos reunidos em torno da referida prática, certamente são capazes de contribuir imensamente para a abordagem dos sujeitos e as relações entre eles.

Soma-se a isso o fato de que há um *corpus* visual, que pode nos oferecer condições de visibilidade, em que os sujeitos mãe e filha aparecem em ação. Com isto, é o efeito de raridade enunciativa do *corpus* fotográfico aqui reunido que faz

funcionar nossa compreensão da fotografia como superfície discursiva, que intersecciona uma certa possibilidade de discursivização da maternidade pela natureza de poder que está discursivizada nas imagens como enunciados visuais.

Consequentemente, tal enunciado visual fotográfico emerge como um importante caminho de análise para o problema em foco. Nesse sentido, o *corpus* aqui analisado foi constituído a partir da noção de série enunciativa, a fim de que efetivamente conseguíssemos formar um quadro discursivo, que permitisse uma compreensão da problemática posta em termos de enunciação imagética. Por isso, recorremos à internet e trouxemos para a análise imagens fotográficas retiradas de diferentes esferas de circulação, tais como: o retrato de família (dos Goebbels), fotografias jornalísticas (das mães da Praça de Maio) e artisticamente preparadas (de Sally Mann e de Rania Matar).

A maior parte da análise foi feita com a série de imagens da fotógrafa líbano-americana Rania Matar (1964-), que abordou a questão da relação mãe-filha no conjunto fotográfico chamado *Unspoken Conversations (Mothers & Daughters)*, publicado na internet e objeto de várias exposições presenciais de fotos feitas entre 2013 e 2017. A importância desse conjunto de fotografias está no fato de que ele reúne imagens de mães e de filhas, mostrando aspectos cotidianos desse relacionamento; trazendo um olhar microfísico em que lugares, corpos e objetos ganham relevância no esquema das relações de poder. Como nos orienta Perrot,

> [...] o interesse pelos discursos comuns, as vidas "ínfimas" e as silhuetas desconhecidas que se captam nos textos marginais, o desvio de uma frase ou de um processo convém muito bem às mulheres. Apreen*demos* a sua representação menos, nas obras filosóficas do que nos manuais de comportamento e bem-viver ou nos tratados de higiene. Tentamos captar seus gestos e suas palavras nos arquivos da repressão, policial ou judiciária. Enfim, as técnicas *de* si suscitam escritas femininas - correspondências, diários íntimos - que permitem acompanhar seu surgimento como sujeito. Estas práticas foucaultianas da pesquisa histórica (que Michel Foucault tomou emprestado aos historiadores tanto quanto o inverso) aplicam-se à história das mulheres. Bem como os estudos de caso de uma microhistória atenta aos conflitos, reveladores das tensões cotidianas e dos jogos de poder. Gesto dos obscuros, as notícias policiais fazem surgir as mulheres, protagonistas ou, mais frequentemente vítimas, da sombra da casa. [...] (PERROT, 2005, p.502).

São fotografias em que mães e filhas se mostram interagindo e compondo situações comuns em que a maternidade está colocada como a questão central entre

os sujeitos. Desde os lugares em que estão até os objetos usados, tudo circunscreve um determinado objetivo em termos daquilo que o poder ali informa, organiza, reorganiza no espaço enunciativo constituído. Em especial, notamos como o espelho, a cama, o quarto, as roupas, o gesto, enfim, detalhes mínimos são encadeados a fim de adquirirem traços de pertinência relativos ao poder na relação entre os sujeitos.

Também temos de mencionar os corpos de mães e filhas. As expressões do rosto, os traços de emoção, ou a necessidade de esconder partes do rosto ou corpo. Os gestos, os olhares, os contornos e ângulos que os corpos constroem no espaço com a mobília e os outros corpos. Tudo isso faz funcionar modos de enunciação, pelos quais o jogo enunciativo se estabelece pela própria dinâmica do jogo de poder-saber.

Tudo isso descreve, fala, articula, indica, mostra, registra, mapeia, torna concreto o território da maternidade numa escala multidimensional, já que é ao olhar que tais existências tornam-se reais, visíveis, visibilidades e não possibilidade ilusória. O poder é observável a olho nu e a fotografia é nosso observatório, confirmando o que diz Foucault quando fala que “[...] o poder penetrou no corpo, encontra-se exposto no próprio corpo” (2018, p.235).

Nesse contexto, temos como objetivo geral do trabalho com esse *corpus* o seguinte: refletir sobre o esquema de forças, nas relações de poder que ligam o sujeito-mãe ao sujeito-filha, através da interpretação de séries enunciativas visuais, em que linhas de força sejam visibilizadas. Com isso, tendo em vista chegar a uma análise discursiva das imagens, postulamos como objetivos específicos o seguinte:

a) examinar aspectos da emergência da maternidade como dispositivo de poder, em níveis macrofísico e microfísico na prática discursiva fotográfica;
b) caracterizar aspectos do dispositivo em relação à prática discursiva da fotografia, focando regularidades do discurso fotográfico, em função do sujeito-mãe;
c) refletir sobre o sujeito-mãe e as linhas de força/fuga que se configuram dentro do dispositivo da maternidade, levando em conta o sujeito-filha e o exercício de poder observável.

Assim sendo, o trabalho de pesquisa a ser implementado se organiza em dois capítulos metodológicos, em que, no primeiro, vamos expor os pressupostos teóricos dos Estudos Discursivos Foucaultianos, procurando dialogar com Foucault, Navarro-

Barbosa, Deleuze, Gattari, Gregolin, Agamben, entre outros, para construir uma perspectiva fundamentada sobre a prática discursiva, poder, dispositivo e sujeito.

No segundo capítulo, vamos abordar a noção de dispositivo e da maternidade, para mostrar como as ferramentas de compreensão do poder se articulam teoricamente com alguns aspectos da veridicção pelo esquema de forças delineado. Tomando esse foco da verdade como ponto de partida, abordaremos algumas regularidades da maternidade, a partir do discurso fotográfico, pela consideração do sujeito-mãe em função das situações em que este é discursivizado pela fotografia, para com isso caracterizar as regularidades que aparecem como traços conformadores daquela subjetividade na imagem, tornando compreensível as relações de poder.

Subsequentemente, no terceiro capítulo, vamos lançar um olhar macrofísico a respeito do sujeito-mãe através de imagens, em que é colocado em relação a um sistema de poder governamental e biopolítico. Da mesma maneira, no quarto capítulo, vamos analisar imagens que apresentem traços do exercício de poder em nível microfísico, com a finalidade de oferecer um contraponto de análise ao capítulo anterior, e que consiga contribuir para a reflexão sobre a questão do dispositivo na discursivização da maternidade em enunciados visuais.

2 ALGUNS PRESSUPOSTOS TEÓRICOS DOS ESTUDOS DISCURSIVOS FOUCAULTIANOS

Como estipulamos anteriormente, esta é a parte da pesquisa em que vamos expor os pressupostos da análise foucaultiana do discurso, apresentando o que pensam alguns de seus autores, com o intuito de estabelecer ferramentas de análise, mas também uma certa perspectiva de percurso metodológico. Aqui nessa seção, portanto, vamos fundamentar metodologicamente a pesquisa, procurando construir um diálogo entre nossos objetivos e os recursos teóricos oferecidos pelas ferramentas da área do discurso, tendo em vista o aporte teórico sobre os seguintes eixos: do sujeito, do discurso, do poder e da subjetividade.

Além disso, o tratamento do *corpus* também não descartou o emprego da comparação e do contraste para elaboração e reelaboração de significações, categorizações, classificações, exames. Tendo em vista a complexidade do contexto a ser abordado, o emprego variado de ferramentas pode abarcar certos elementos contextuais, com diversificação na análise dos elementos contextuais e na abordagem do objeto de pesquisa (o dispositivo da maternidade em fotografia).

Mais especificamente, visamos mobilizar uma abordagem arqueogenealógica do discursivo para a compreensão de um *corpus* fotográfico, que foi organizado como uma série de imagens fotográficas. Retiradas da internet, essas imagens advém de diferentes esferas de circulação: são imagens jornalísticas (as fotos sobre as mães da Praça de Maio); retrato de família (a fotografia da família Goebbels); foto de arquivo histórico oficial (a que traz os corpos das crianças Goebbels); o conjunto artístico-fotográfico *Unspoken Conversations (Mothers & Daughters),* produzido pela fotógrafa líbano-americana Rania Matar; ou o conjunto artístico-fotográfico *At Twelve*, produzido pela fotógrafa norte-americana Sally Mann.

Esse *corpus* é uma reunião variada de séries enunciativas, pelo que conseguimos construir um quadro do dispositivo da maternidade, com o intuito de refletir sobre questões do poder ligadas ao sujeito, discurso e subjetivação, a partir do ponto em que a fotografia intersecciona discursivamente a não discursividade da maternidade. Ao fazer isso, a prática fotográfica faz acontecer o discurso na medida em que, pela imagem produzida, conseguirmos vislumbrar a prática discursiva como esse

> [...] conjunto de regras anônimas, históricas, sempre determinadas no tempo e no espaço, que definiram, em uma dada época e para uma determinada área social, econômica, geográfica ou linguística, as condições de exercício da função enunciativa [...]. (FOUCAULT, 2014a, p. 144).

Em nossa pesquisa, essas condições de exercício da função enunciativa definem a prática discursiva sobre a maternidade pela perspectiva da prática fotográfica, que não obrigatoriamente contém a intenção de se constituir como um discurso sobre a maternidade, porém os traços discursivos que emergem dessa prática, principalmente em referência às relações de poder, acabam por determinar a prática discursiva da fotografia como um discurso sobre o (e calcado no) dispositivo da maternidade.

Sendo assim, é de forma multilinear que encaramos a proposta de reunir e analisar um *corpus* que estabelece comunicação com o discurso jornalístico (no caso das fotografias sobre as mães da Praça de Maio), com o discurso estético-artístico (como é o caso das fotografias de Rania Matar e Sally Mann) e com o discurso histórico-documental (como é o caso das fotografias referentes aos Goebbels). Todas essas práticas discursivas concorrem para que consigamos abordar as questões de poder e força que estão atravessadas nessas fotografias sobre a maternidade.

Tomando como base a análise arqueogenealógica dessas fotografias, almejamos trabalhar, em tais imagens, aspectos da visibilidade enunciativa, no intuito de identificar aspectos ligados à dinâmica de forças da maternidade na condição de dispositivo, bem como também analisar sua realidade heterogênea; examinando-a em termos do que ela evidencia segundo a rede de forças-saberes, que emerge da prática de maternidade, nela residente, capturada pela superfície das fotografias do *corpus*, dada uma certa visualidade possível, concretizada nessa materialidade fotográfica.

Ainda assim, é preciso que se diga que, como método, a arqueogenealogia é a intersecção de duas práticas: a prática discursiva/domínio do saber e a prática disciplinar/domínio do poder (ARAÚJO, 2004, p.38). Nessa intersecção, interessa-nos considerar os aspectos ligados ao sujeito, discurso e subjetivação a partir da perspectiva das relações de poder construídas pelas ações sustentadas pela prática do dispositivo da maternidade. Sobretudo, tratar a maternidade pelo ponto de vista das

> [...] *práticas não discursivas* que sujeitam os indivíduos a mecanismos de poder; o indivíduo moderno “nasce” de relações de saber e poder; os sistemas filosóficos e as ciências, especialmente as ciências psicológicas e as ciência bioestatísticas, que são vistas pelo ângulo epistemológico e consideradas como método de conhecimento, para Foucault, em contrapartida, são *um produto de certas transformações históricas*. O genealogista aborda as práticas que tomam o ser humano como objeto de estudo científico, cujo resultado é a formação de um novo tipo de saber. [...] (ARAÚJO, 2004, p.40, grifo da autora).

O liame entre os eixos do saber-poder que atravessa a maternidade, transformando-a em prática discursiva e prática disciplinar, é aquele que admite a emergência de linhas de força/pontos de fuga, que subjugam/transformam os sujeitos e implementam as ações dentro do sistema do dispositivo da maternidade. Então, ao considerar o sujeito, o discurso, o poder/subjetivação e o dispositivo é preciso entender que não existe o que está pronto – só existe aquilo que está posto, e que por isso mesmo está à mercê do que é transitório, histórico.

2.1 Eixo do sujeito

Dentre as inúmeras contribuições metodológicas de Michel Foucault para o pensar discursivo em geral, a abordagem das subjetividades talvez seja uma das mais relevantes, ao modificar, por exemplo, alguns estatutos metodológicos já consagrados pela prática científica tradicional.

> A concepção de sujeito como sendo uma construção historicamente determinada pelas práticas discursivas vai de encontro, portanto, à pratica histórica tradicional [...]. É justamente desse sujeito constituinte que o autor vê a necessidade de se livrar, a fim de poder realizar suas análises sobre a constituição do sujeito na trama histórica da qual participa, bem como sobre os mecanismos e as estratégias empregados pelas diversas práticas discursivas para instituir e legitimar processos de subjetivação. (NAVARRO-BARBOSA, 2004, p.107).

Para Foucault, não existe algo como “o homem” no sentido de que este já se apresente como uma categoria subjetiva pronta e monoliticamente realizada e definida. Sobre a subjetividade, Foucault entende que incide uma multiplicidade de práticas discursivas, cujas regiões metodológicas terminam por fazer surgir uma diversidade de focalização do sujeito.

> [...] Assim, a ideia que se tem sobre o homem é datável, uma vez que sua aparição se dá num determinado momento, quando se torna objeto do saber. **O homem passa a ser também alvo de um poder, não de um poder centralizado** num determinado aparelho ideológico, como reivindicam os adeptos do rnarxismo-althusseriano, **mas de práticas**, como a psiquiatria, a medicina, economia, ou a mídia, objeto deste estudo. Nesse sentido, **o indivíduo e, segundo os estudos foucaultianos, tecido nos enunciados científicos** [...] (NAVARRO-BARBOSA, 2004, p.106).

Assim, a mudança paradigmática instituída por Foucault sanciona uma prática de análise que não se baseia em uma perspectiva pré-concebida e homogeneizante. A visão de ciência do filósofo vai demonstrar que são as "práticas descontínuas" (os vários campos de saber), que darão as condições de se chegar a uma visão mais ampla das questões históricas que concorrem para a implementação das subjetividades: o homem como "datável" implica numa possibilidade de dispersão das subjetividades muito rica e variada.

O horizonte da prática metodológica de Foucault nos remete a uma compreensão mais atenta ao panorama microfísico da ciência, a partir do que focamos nossa atenção nos discursos como práticas determinantes dos modos de subjetivação, tendo em vista que o que é dito pelos sujeitos está fundamentado pelos discursos e não pelos sujeitos. A ideia de um "sujeito fundador" do discurso é completamente descartada por Foucault, por isso os sujeitos não estão na origem discursiva, nem tão pouco se apresentam como uma unidade solitária no controle do que diz, ou seja,

> [...] é o discurso que determina o que o sujeito deve falar, é ele que estipula as modalidades enunciativas. Logo, o sujeito não preexiste ao discurso, ele é uma construção no discurso, sendo este um feixe de relações que irá determinar o que dizer, quando e de que modo [...] (NAVARRO-BARBOSA, 2004, p.112).

Dessa maneira, podemos dizer que o discurso é o que produz o sujeito, pela ação de outros dizeres que antecedem esse sujeito, conforme incidência histórica do discurso sobre as subjetividades. A incidência histórica sobre o sujeito-mãe é um fato biológico que transforma a mulher num corpo reprodutor, num primeiro momento, e num aparelho disciplinador, num segundo momento. Esse é o panorama básico do sujeito-mãe configurado pelo dispositivo da maternidade: um corpo que cria outros

corpos, para depois agir sobre os corpos recém-criados e submetê-los aos padrões desse mundo.

> [...] Nesse ponto de vista, a Reforma protestante é uma ruptura. Ao fazer da leitura da Bíblia um ato e uma obrigação de cada indivíduo, homem ou mulher, ela contribuiu para desenvolver a instrução das meninas. Na Europa protestante do Norte e do Leste espalharam-se escolas para os dois sexos. E constata-se, na França, uma dissimetria sexual na alfabetização entre um lado e outro da linha Bordeaux/Genebra. A instrução protestante das meninas teria consequências de longa duração sobre a condição das mulheres, seu acesso ao trabalho e à profissão, as relações entre os sexos e até sobre as formas do feminismo contemporâneo. O feminismo anglo-saxão é um feminismo do saber, muito diferente do feminismo da maternidade da Europa do Sul. O contraste marca os cuidados de enfermagem: Florence Nightingale preconizava um ofício qualificado, paramédico, com salários decentes, para as moças oriundas das classes medianas, que ela formara por ocasião da Guerra da Criméia. O *nursing é* diferente do emprego de serventes, ex-domésticas. [...] (PERROT, 2007, p.91, grifo da autora).

A subalternidade da mulher fica evidente, à medida em que as condições impostas a ela pela maternidade (a sujeição desta ao cuidado dos outros, por exemplo) permanecem determinando não apenas a atividade econômica de sustento, mas também a própria formação. Assim, o que percebemos é o atrelamento da mulher ao seu corpo biológico, e a insistência em que ela seja vinculada ao fato de que concebe, gesta, pari, nutre.

2.2 Eixo do discurso

O discurso[2] aparece aqui em nossa pesquisa como um dos eixos fundamentais da investigação em curso, não apenas por forjar os dizeres que se produzem em função da prática de pesquisa, mas principalmente por estabelecer um percurso pelo qual é importante conduzir uma linha de análise que seja substancialmente discursiva, ao mesmo tempo em que esteja também articulada com certa perspectiva do poder. Com isso, é oportuno declarar que o itinerário discursivo a ser percorrido inicia-se na apreensão da maternidade como um dispositivo de poder, em que, por isso, a

[2] É seguramente na *A Arqueologia do saber* que Foucault fixa uma acepção para o termo discurso, dizendo que ele é “um conjunto de enunciados que se apoia em um mesmo sistema de formação; é assim que poderá falar do discurso clínico, do discurso econômico, do discurso da história natural, do discurso psiquiátrico” (2014a, p.131).

maternidade é uma prática que se inscreve como objeto visível e enunciável, tem visibilidade e verbo.

Como prática, a maternidade não se limita a se configurar como um produto discursivo ou uma ocorrência discursiva. Entendemos essa(s) prática(s) compatíveis com a dinâmica das condições de possibilidade dos discursos, ou seja, por que certos discursos sobre a maternidade ascendem à condição de discursos verdadeiros em detrimento de outros. Como o que ocorreu com o discurso iluminista da “boa mãe”, no século XVIII, que termina por impor às mães francesas o seu *status* de verdade quanto à importância da amamentação da mãe biológica e não da ama-de-leite para garantir a sobrevivência dos bebês (BADINTER, 1985).

Por conseguinte, a análise dos discursos, tal como foi praticada por Foucault, deriva de uma percepção específica tanto do que o discurso é na prática social, quanto de como o discurso (ou os enunciados) funciona(m), enquanto prática social, de modo que a

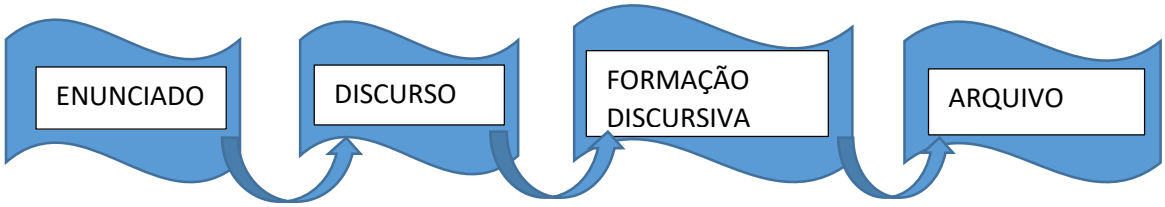
> [...] descrição que Foucault realiza não se confunde com a análise sistêmica da língua cujo trabalho visa a inventariar o léxico ou o campo semântico para chegar a significação. A proposta da análise arqueológica é justamente outra. [...] A descrição arqueológica distingue-se também da análise da relação entre enunciado e pensamento, que intenta encontrar nos discursos a atividade consciente do sujeito falante, aquilo que supostamente ele desejou falar, ou o jogo inconsciente que veio à luz a partir do que disse. A arqueologia propõe uma questão muito diferente da análise linguística ou da história do pensamento, que é a de interrogar as condições que propiciaram o aparecimento de um determinado enunciado e não outro em seu lugar. [...] (NAVARRO-BARBOSA, 2004, p. 110-111).

Para compreensão dessas condições de aparecimento dos enunciados, faz-se igualmente importante também, a consideração de outros princípios a partir dos quais a análise foucaultiana do discurso fundamenta uma certa atitude de análise, com a finalidade de “questionar nossa vontade de verdade; restituir ao discurso seu caráter de acontecimento; suspender, enfim, a soberania do significante” (FOUCAULT, 2012, p. 48). As condições de emergência do discurso permitem-nos olhar para lugares exteriores ao enunciado, ao questionarmos os meios que possibilitaram a insurgência de um certo enunciado e não outro em seu lugar.

À vista disso, podemos relacionar determinados “princípios de método” (FOUCAULT, 2012, p. 49) como segue: princípio de inversão, de rarefação (do

discurso e do sujeito); de descontinuidade; de especificidade; da exterioridade; de série; de regularidade e de condição de possibilidade (FOUCAULT, 2012, p. 49, 50, 51). Tais princípios trazem como fundamento prático as perspectivas metodológicas da análise do discurso, conforme a linha de ação analítica preconizada por Michel Foucault, e que são designadas como arqueogenealógicas, cuja aplicação se funda na "problematização das relações entre saberes e poderes na história da sociedade ocidental, [...] a fim de compreender a construção histórica das subjetividades" (GREGOLIN, 2015a, p.09).

Nessa direção, as fotografias como práticas discursivas são também visualidades enunciativas – enunciados visuais. Elas são enunciados ligados a um discurso, que por sua vez se associa a uma dada formação discursiva. O diagrama (FOUCAULT, 2014a *apud* NAVARRO, 2015, p. 159) abaixo ilustra essa relação:



Hierarquicamente falando, o enunciado é uma função (FOUCAULT, 2014a), cuja superfície se apresenta ao analista do discurso, fazendo a ponte entre as ações de análise do pesquisador para chegar ao discurso, à formação discursiva relativa ao discurso e ao arquivo que comporta toda a rede anteriormente descrita a partir do enunciado. Sendo definido por Foucault como uma função, o enunciado configura-se por quatro características básicas: a) possui um campo de emergência, um referencial[3]; b) tem como sujeito do enunciado um lugar determinado e vazio; c) está ligado a um campo associado, um domínio; d) possui uma materialidade (FOUCAULT, 2014a).

[3] "[...] **Está antes ligado a um 'referencial'** que não é constituído de 'coisas', de 'fatos', de 'realidades', ou de 'seres', mas de leis de possibilidade, de regras de existência para os objetos que aí se encontram nomeados, designados ou escritos, para as relações que aí se encontram afirmadas ou negadas**. O referencial do enunciado forma o lugar, a condição, o campo de emergência, a instância de diferenciação dos indivíduos ou dos objetos, dos estados de coisas e das relações que são postas em jogo pelo próprio enunciado; define as possibilidades de aparecimento e de delimitação do que dá à frase seu sentido, à proposição seu valor de verdade**. É esse conjunto que caracteriza o nível *enunciativo* da formulação, por oposição a seu nível gramatical e a seu nível lógico: através da relação com esses diversos domínios de possibilidade, o enunciado faz de um sintagma, ou de uma série de símbolos, uma frase a que se pode, ou não, atribuir um sentido, uma proposição que pode receber ou não um valor de verdade. [...]." (FOUCAULT, 2014a, p.110-111).

Consequentemente, como prática discursiva, o enunciado possibilita a Foucault definir o discurso da seguinte maneira:

> [...] o discurso é constituído por um conjunto de sequências de signos, enquanto enunciados, isto é, enquanto lhes podemos atribuir modalidades particulares de existência. E se conseguir demonstrar – como tentarei em seguida - que a lei de tal série é precisamente o que chamei, até aqui, *formação discursiva,* se conseguir demonstrar que esta é o princípio de dispersão e de repartição, não das formulações, das frases, ou das proposições, mas dos enunciados (no sentido que dei à palavra), o termo discurso poderá ser fixado: **conjunto de enunciados que se apoia em um mesmo sistema de formação; é assim que poderei falar do discurso clínico, do discurso econômico, do discurso da história natural, do discurso psiquiátrico**. [...] (FOUCAULT, 2014a, 131, grifo nosso).

Mas o discurso não se articula apenas pelo caráter de sua formação ou de uma existência estatística, numérica, de seus enunciados O discurso é uma dimensão do enunciado que o liga a aspectos de poder por todas as características que compõem o enunciado. Pelo discurso, podemos divisar as relações de poder que atravessam os enunciados, possibilitando enxergar, observar e refletir sobre as forças de poder que atuam sobre os saberes ou de dentro dos saberes. Para que se conseguisse chegar a tal abordagem das relações de poder, Foucault elabora sua concepção de dispositivo de poder (FOUCAULT, 2014b), com a finalidade de situar as forças que atuam dentro de um determinado sistema de saber-poder.

O esforço de “escavar” e descrever a organicidade histórica do poder possibilitou o acesso a uma perspectiva de poder que não apenas dimensiona as relações de forças em um nível panorâmico da história (macrofísico). Esse esforço tornou possível ver o exercício de poder também na extremidade microfísica, na medida em que a observação de Foucault relaciona ao poder aspectos da esfera corporal (física) dos indivíduos (a disciplina, a docilização, a vigilância, a normatização, etc).

São exatamente esses nós do saber-poder que determinam as condições de acesso ao discurso produzido por um determinado conjunto de enunciados, que apresentam uma determinada configuração através da observação da dispersão provocada pela diversidade de formações discursivas. Para nossa pesquisa, será fundamental o diálogo com o discurso feminista e sua análise das condições de subjetivação da mulher na sociedade patriarcal.

Ao trazer esse olhar crítico sobre a maternidade e os modos de subjetivação impostos por ela, vamos conseguir estabelecer correlações entre o discurso que constrói o sujeito-mãe pelo viés masculino, e o discurso feminino, que mobiliza não apenas o empírico dessa subjetivação, mas também consegue apresentar, demarcar e criticar toda a situação de jugo da mulher em função da construção masculina da subjetividade materna.

2.3 Eixo do poder e da subjetividade

A discursivização da maternidade, através de enunciados fotográficos, possibilitou acesso ao esquema de poder presente na observável ação de forças entre os sujeitos mãe e filha, considerando uma dada seleção de séries enunciativas fotográficas, com a finalidade de construir uma reflexão que caracterize quadros de análise em torno da relação entre os sujeitos em foco.

Em tal séries de fotografias, ocorre a emergência de um discurso ligado ao contexto feminino, à relação mãe-filha, em que essas imagens fotográficas trazem à visibilidade a problematização da maternidade como um dispositivo de poder. Acreditamos que seja possível chegar, com base no quadro metodológico adotado, a uma cartografia da maternidade enquanto dispositivo produtor de sujeito(s), nas séries fotográficas selecionadas; cartografia esta que tem como meta a compreensão dessas subjetividades, a partir do dispositivo que as captura e/ou agencia.

A cartografia (DELEUZE; GATTARI, 1995) a que nos referimos demarca sua procedência na maneira como geograficamente pesquisadores procedem para mapear a topologia de um lugar. No entanto, diferentemente da geografia, o espaço físico não é o que interessa nesse mapeamento cartográfico dos sujeitos a que nos propomos, embora também seja relevante pensar a questão do território, não como espaço, mas antes como um lugar ocupado por sujeitos, entendidos como campos delimitados pelos saberes, valores, condutas, atitudes que delineiam tais sujeitos, como fronteiras que mapeiam territórios existenciais. Por esse princípio, Deleuze e Gattari definem o mapa dessa maneira:

> [...] Se o mapa se opõe ao decalque é por estar inteiramente voltado para uma experimentação ancorada no real. O mapa não reproduz um inconsciente fechado sobre ele mesmo, ele o constrói. Ele contribui para a conexão dos campos, para o desbloqueio dos corpos sem

> órgãos, para sua abertura máxima sobre um plano de consistência. Ele faz parte do rizoma. O mapa é aberto, é conectável em todas as suas dimensões, desmontável, reversível, suscetível de receber modificações constantemente. Ele pode ser rasgado, revertido, adaptar-se a montagens de qualquer natureza, ser preparado por um indivíduo, um grupo, uma formação social. Pode-se desenhá-lo numa parede, concebê-lo como obra de arte, construí-lo como uma ação política ou como uma meditação. [...] (DELEUZE; GATTARI, 1995, p. 21).

O mapeamento como “experimentação ancorada no real” é uma prática que advém do percurso do pesquisador(a). Significa percorrer uma realidade que não está planificada para o pesquisador, na acepção de um objeto já visitado e delimitado. Ao contrário, o mapeamento desse lugar-sujeito impõe andar pelo território desconhecido da subjetividade que ainda não foi mapeado; é pensar e fazer em termos daquilo que emerge a cada momento da pesquisa. Pensando sobre o indefinido para fazer com que o mapa se configure como um rizoma, uma multiplicidade heterogênea conectada a outras tantas multiplicidades (DELEUZE; GATTARI, 1995).

Mais particularmente, o pesquisador(a) coloca-se cognitivamente afetado(a) pela prática metodológica em que se posiciona como cartógrafo(a) em relação à realidade com a qual lida; tanto assim que,

> [...] especificamente, o trabalho da pesquisa se faz pelo engajamento daquele que conhece no mundo a ser conhecido. É preciso, então, considerar que o trabalho da cartografia não pode se fazer como sobrevoo conceitual sobre a realidade investigada. Diferentemente, é sempre pelo compartilhamento de um território existencial que sujeito e objeto da pesquisa se relacionam e se codeterminam. [...] (ALVAREZ; PASSOS, 2009, p. 131).

Metodologicamente, a cartografia sobre a qual estamos informando liga-se a uma perspectiva prática da análise arqueogenealógica, na lida com o dispositivo, segundo a prática de Michel Foucault, em que o sujeito é colocado como foco da abordagem metodológica, tal como um monumento, um dado que oferece visibilidade, ou seja,

> [...] a cartografia social aqui descrita liga-se aos campos de conhecimento das ciências sociais e humanas e, mais que mapeamento físico, trata de movimentos, relações, jogos de poder, enfrentamentos entre forças, lutas, jogos de verdade, enunciações, modos de objetivação, de subjetivação, de estetização de si mesmo, práticas de resistência e de liberdade. Não se refere a método como

> proposição de regras, procedimentos ou protocolos de pesquisa, mas, sim, como estratégia de análise crítica e ação política, olhar crítico que acompanha e descreve relações, trajetórias, formações rizomáticas, a composição de dispositivos, apontando linhas de fuga, ruptura e resistência. [...] (PRADO FILHO; TETI, 2013, p. 47).

Igualmente importante é pontuar esse caráter visual da prática metodológica de Michel Foucault, que, por várias vezes, fundamenta sua abordagem pelo viés do olhar, optando por lançar mão de visualidades para discutir aspectos das formações discursivas (FOUCAULT, 2014a, p.38-48), no âmbito das práticas discursivas (enunciados) e não discursivas (institucionais).

Tendo em vista os elementos que singularizam uma prática discursiva, na esfera de abrangência dos saberes que emergem em certos momentos históricos, as formações discursivas são compostas por enunciados efetivamente ditos, mas funcionam no sentido de estabelecerem uma dada organicidade à dispersão discursiva, em função de regularidades que possam ser evidenciadas num determinado conjunto de práticas:

> [...] No caso em que se puder descrever, entre um certo número de enunciados, semelhante sistema de dispersão, e no caso em que entre os objetos, os tipos de enunciação, os conceitos, as escolhas temáticas, se puder definir uma regularidade (uma ordem, correlações, posições e funcionamentos, transformações), diremos, por convenção, que se trata de uma *formação discursiva* [...]. (FOUCAULT, 2014a, p. 47, grifo do autor).

Falando agora em termos de formação discursiva, a maternidade emerge como um objeto de saber pela subjetivação da mulher como a “boa mãe” (entre os séculos XVII e XVII). Em termos de discursivização temos um paradoxo relevante a ser mencionado: existe notável quantidade de produções técnico-científicas que tomaram como objeto a maternidade nas mais diversas áreas (disciplinas); no entanto, há pouca produção em relação à experiência da maternidade (enunciados provindos das próprias mães).

É verdade também que a maternidade fez surgir a Obstetrícia[4] como ramo médico específico para lidar com as questões da reprodução feminina ligadas à

[4] [...] A mulher grávida e a parturiente tornaram-se o centro das atenções dos obstetras nesta fase. A obstetrícia era uma especialidade nova – nascida nas faculdades de medicina europeias na primeira metade do século XIX – e ainda lutava para ser reconhecida, tanto no meio médico quanto para o público leigo, em especial para os maridos e suas esposas. Algumas mulheres já chamavam o médico-

concepção, gravidez e parto. Além da área obstétrica, outras áreas médicas dedicam-se aos problemas da maternidade no âmbito psicológico (a Psicanálise, a Psicologia). Além disso, a pediatria e a pedagogia também podem ser apontadas como disciplinas ligadas à questão da maternidade.

Todavia há uma paradoxal escassez da discursivização da maternidade pelo ponto de vista das mães (ou mesmo dos filhos e filhas), ou seja, parece que os participantes da relação mãe-prole não estão propensos à exteriorização dessa relação, em termos da experiência que ela envolve. A discursivização da experiência da maternidade (e da filiação) parece estar velada pela insegurança da revelação que se constitui tanto pela escrita quanto pela imagem.

Historicamente, sabemos que foi o Iluminismo europeu (século XVII) que tomou a maternidade como objeto de suas preocupações diretas, ao identificar a importância da mãe para a sobrevivência das crianças. A partir daí, a amamentação e os cuidados com a criança ganham formidável magnitude para médicos, filósofos, juristas, políticos. O sujeito-mãe, ou a “boa mãe”, emerge dessas condições históricas, em que a preocupação com os mercados (demográficos) era a grande tônica do momento:

> [...] a maternidade é uma realidade multiforme, da qual é necessário destacar alguns traços históricos mais importantes. Para as mulheres, é uma fonte da identidade, o fundamento da diferença reconhecida, mesmo quando não é vivida. Uma mulher gera uma mulher, diz Luce Irigaray; o que ela produz ora é o outro, ora é o mesmo. Discípula italiana de Irigaray, Luisa Muraro fala do corpo a corpo com a mãe, da "felicidade extraordinária que é ter nascido do mesmo sexo que minha mãe". A maternidade é um momento e um estado. Muito além do nascimento, pois dura toda a vida da mulher. O mesmo acontece, embora em menor grau, com os filhos, que dela recebem a vida, o alimento, uma primeira socialização. Daí o drama do abandono. E o das dificuldades da adoção, consequência do abandono. A sociedade ocidental promove a assunção da maternidade. Ela é "aureolada" de amor, "o amor a mais", segundo a expressão de Elisabeth Badinter, que descreve o crescimento do sentimento maternal a partir do século XVII e o da figura da mãe, tanto nas práticas (saúde, puericultura, educação na infância) quanto na simbólica. Um dos traços mais marcantes da época contemporânea reside na politização da maternidade, tanto nos Estados totalitários quanto na República. Esta se encarna na Marianne, mãe dos cidadãos franceses, celebrada por

---

parteiro para atendê-las nos partos domésticos, mas a maioria delas, principalmente nas classes populares, ainda preferia contar com a presença da parteira, das parentas ou vizinhas, para socorrê-las em meio às dores e incertezas do parto. O período que começa nas últimas décadas do século XIX marca o início de uma campanha médica de transformação do parto num evento controlado pelos médicos e circunscrito ao espaço hospitalar; transformação esta que se efetivou somente na segunda metade do século XX, com a hospitalização do parto nos centros urbanos. [...] (MARTINS, 2004, p.66).

> Zola em seu romance *Fécondité.* A América inventa o Dia das Mães, nos anos 1920, mas é o governo de Vichy que promulga uma lei para instituí-lo. Como a função materna é um pilar da sociedade e da força dos Estados, torna-se um fato social. A política investe no corpo da mãe e faz do controle da natalidade uma questão em evidência. [...] (PERROT, 2007, p. 68-69).

Ao deslocarmos nossa atenção da questão das formações discursivas para o problema do dispositivo, surpreendentemente, o advento da Psicanálise vai representar uma descontinuidade do sujeito-mãe como a "boa mãe", já que o surgimento da *histerização* do corpo feminino (século XIX) marca uma reviravolta na configuração do sujeito dentro do caráter disciplinar, que ganhara o dispositivo da maternidade anteriormente a partir do Iluminismo e da pedagogização da função materna.

> [...] *Histerização do corpo da mulher*: tríplice processo pelo qual o corpo da mulher foi analisado – qualificado – como corpo integralmente saturado de sexualidade; pelo qual, este corpo foi integrado, sob o efeito de uma patologia que lhe seria intrínseca, ao campo das práticas médicas; pelo qual, enfim, foi posto em comunicação orgânica com o corpo social (cuja fecundidade regulada deve assegurar), com o espaço familiar (do qual deve ser elemento substancial e funcional) e com a via das crianças (que produz e deve garantir, através de uma responsabilidade biológico-moral que dura todo o período da educação): **a Mãe, com sua imagem em negativo que é a "mulher nervosa", constitui a forma mais visível desta histerização**. [...] (FOUCAULT, 2014b, p.113, grifo nosso).

Em linhas gerais, nesse contexto, é necessário compreender que o dispositivo se apresenta como uma ferramenta teórico-estratégica, com a qual Foucault, por meio dos procedimentos arqueogenealógicos, torna visível aspectos do poder, constituídos em relação ao saber. Neste sentido, os dispositivos dão condições de visibilidade para a observação e análise das forças atuantes em relação a um dado saber. Mais ainda,

> [...] temos antes que admitir que o poder produz saber (e não simplesmente favorecendo-o porque o serve ou aplicando-o porque é útil); que poder e saber estão diretamente implicados; que não há relação de poder sem constituição correlata de um campo de saber, nem saber que não suponha e não constitua ao mesmo tempo relações de poder. [...] (FOUCAULT, 1987, p. 31).

Os aspectos teórico-metodológicos expostos até o momento, mobilizaram-nos a formular nosso problema de pesquisa, já expresso na Introdução desta dissertação

e aqui retomado, qual seja: como se dá, discursivamente, em enunciados fotográficos, a relação de poder-saber entre mãe e filha, considerando-se a dimensão do dispositivo da maternidade que se impõe sobre esses sujeitos?

Desta feita, assumindo que a finalidade das ações de pesquisa é também a exploração do conceito de dispositivo da maternidade como fenômeno produzido/registrado em imagem fotográfica, relacionando essa realidade a fatores sócio-históricos, fatores produtores de subjetividade, consideramos que aspectos diferenciados estejam na constituição dessa realidade que nos levam ao universo da mulher como sujeito-mãe.

Para a constituição do sujeito-mãe, há um agenciamento do corpo da mulher (concepção, gravidez) e também de seu psiquismo (no cuidado com a prole, na pedagogia da docilização). A maternidade, como acontecimento não discursivo, instaura para a mulher e para a criança um processo que abrange a amamentação, passa pelo investimento na educação da criança, e chega no momento em que a prole deve atingir autonomia suficiente para sua autocondução. Com o advento da técnica fotográfica, esses processos da maternidade vem sendo registrados (discursivizados); mais que isso, enunciados visuais já foram construídos, circulam ou circularam como objetos sociais concretos que existem.

Essa escala do campo existencial da imagem técnica dimensiona a fotografia como um elemento perceptivo eminentemente visual e, por seu caráter iconográfico, é que ela mobiliza simultaneamente grande quantidade de informação. Assim, a imagem fotográfica não apenas serve como suporte de domínios da realidade que mecanicamente é capaz de registrar. Ela também pode servir aos propósitos criativos do sujeito-fotógrafo, no sentido de se obter um resultado de imagem mais significativo, em função da manipulação dos aspectos de composição da cena e da técnica a ser captada/usada na dimensão do *studium* ou do *punctum* (BARTHES, 1984).

A natureza das imagens na série fotográfica dá visibilidade à captura corporal, física dos sujeitos na cena. Em nossa pesquisa, essa corporeidade se apresenta como elemento tematizador das imagens, pois são basicamente mães e filhas posando para construírem a relação que tem. Por isso, tais corpos se desenham a partir de uma borda gestual e postural configurada, ou seja, os corpos estabelecem relações entre si que extrapolam os limites da imagem concreta e da cena fotográfica como um todo, de maneira que esse relacionamento escreve (ou inscreve) uma significância, uma

história, um dizer – um enunciado de quem está no mundo e existindo como sujeito singular no coletivo relacional de um corpo social: corpo marcadamente posicionado em um dado lugar, sendo capturado como traço referente de um dispositivo, de maneira que

> [...] o discurso deve ser compreendido a partir daquilo que Foucault denomina “dispositivo”, isto é, de um conjunto heterogêneo de instituições e de leis, de coisas e de ideias, de atos e de práticas, de palavras e de textos, de ditos e de não ditos. [...] (COURTINE, 2013, p. 303).

Desta feita, igualmente importante é a perspectiva das resistências e contracondutas, cuja natureza está intrinsicamente ligada à emergência do poder, pelo que Foucault chega a admitir que “onde há poder há resistência” (FOUCAULT, 2014b, p.104) como uma das proposições para a análise do poder, tendo em vista que para Foucault não existe exterioridade ao poder, pois dele não “se escapa” (2014b, p.104). Nesse sentido, as resistências

> [...] não se reduzem a uns poucos princípios heterogêneos; mas não é por isso que sejam ilusão, ou promessa necessariamente desrespeitada. **Elas são o outro termo nas relações de poder**; inscrevem-se nestas relações como o interlocutor irredutível. Também são, portanto, distribuídas de modo irregular: os pontos, os nós, os focos de resistência disseminam-se com mais ou menos densidade no tempo e no espaço, às vezes provocando o levante de grupos ou indivíduos de maneira definitiva, **inflamando certos pontos do corpo, certos momentos da vida, certos tipos de comportamento**. [...] (FOUCAULT, 2014b, p.104-105).

A questão do comportamento, dentro da perspectiva das relações de poder, possui profunda associação com as contracondutas, cuja noção não é referida na *História da Sexualidade*, mas aparece em *Segurança, Território e População*, livro em que Foucault fala do dispositivo de segurança e da crise do poder pastoral, definindo a noção de condutas como uma referência

> [...] a duas coisas. A conduta, de fato, a atividade que consiste em conduzir, a condução, se vocês quiserem, mas é também a maneira como urna pessoa se conduz, **a maneira como se deixa conduzir**, a maneira como é conduzida e **como, afinal de contas, ela se comporta** sob o efeito de urna conduta que seria ato de conduta ou de condução. Conduta das almas, creio que é assim que talvez pudéssemos traduzir, menos mal essa *oikonomía psykhôn* de que

> falava são Gregório de Nazíanzo, e penso que essa noção de conduta, com o campo que ela abarca, é sem dúvida um dos elementos fundamentais introduzidos pelo pastorado cristão na sociedade ocidental. (FOUCAULT, 2008, p.255).

Relacionando os termos resistências e condutas (ou contracondutas), percebe-se que Foucault apresenta o primeiro de um ponto de vista mais abrangente, enquanto o segundo permaneceria restrito à dimensão do comportamento, da liberdade de comportamento:

> [...] Gostaria de tentar pesquisar alguns dos pontos de resistência, das formas de ataque e de contra-ataque que puderam se produzir no próprio campo do pastorado. De que se trata? Se é verdade que o pastorado é um tipo de poder bem específico que se dá por objeto a conduta dos homens - quero dizer, por instrumento os métodos que permitem conduzi-los e por alvo **a maneira como eles se conduzem, como eles se comportam** -, se [portanto] o pastorado é um poder que tem de fato por objetivo a conduta dos homens, creio que, correlativamente a isso, **apareceram movimentos tão específicos** quanto esse poder pastoral, **movimentos específicos que são resistências, insubmíssóes**, **algo que poderíamos chamar de revoltas específicas de conduta**, aqui também deixando a palavra "conduta" toda a sua ambigüidade". São movimentos que têm como objetivo outra conduta, isto é, querer ser conduzido de outro modo, por outros condutores, e por outros pastores, para outros objetivos e para outras formas de salvação, por meio de outros procedimentos e de outros métodos. São movimentos que procuram, eventualmente, em todo caso, escapar da conduta dos outros, que procuram definir para cada um a maneira de se conduzir. [...] (FOUCAULT, 2008, p.256-257).

Consequentemente, essa compreensão do poder a partir do ângulo do dispositivo marca a composição da cena fotográfica em si, pois não apenas os sujeitos merecem destaque. Há outras características composicionais que demandam atenção quanto a uma cuidadosa descrição, configuração e análise em função do todo da cena imagética sob o domínio de um dispositivo de poder. É o caso de categorias espaciais que aparecem registradas pelas situações imagéticas. Tais espaços podem, muitas vezes, configurar verdadeiros cenários em que não apenas os sujeitos “ficam”, mas com os quais interagem através das bordas que configuram nos lugares onde fisicamente se posicionam, colocam o corpo, dimensionando fronteiras.

Em relação a essa questão dos espaços na fotografia, a historiadora Ana Maria Mauad (1996, p.13-14) expõe categorias espaciais como “unidades culturais” que, na esteira de Umberto Eco, preconizam o valor da linguagem como “fenômeno social”. Mauad (*idem*) descreve, então, tais categorias como: **espaço fotográfico** (recorte

espacial processado pela fotografia - tamanho, formato, enquadramento, nitidez e o produtor); **espaço geográfico** (espaço físico representado na fotografia - local retratado, ano e atributos da paisagem); **espaço do objeto** (compreende os objetos fotografados); **espaço de figuração** (compreende as pessoas retratadas, a natureza deste espaço, a hierarquia das figuras e outros atributos); **espaço de vivência** (tema da foto). Categorias essas que devem ser objeto de análise na pesquisa em curso.

Ainda sobre a espacialização, vem de Michel Foucault a ideia de que certas práticas tais como o teatro ou cinema possam ser compreendidas como **heterotopias** ou os “espaços absolutamente outros” (2013, p. 20-21), que “tem como regra justapor em um lugar real vários espaços que, normalmente, seriam ou deveriam ser incompatíveis” (2013, p. 24).

A fotografia completamente se encaixa nessa perspectiva heterotópica de espacialidade multidimensional de Michel Foucault. Ela é o suporte perfeitamente delineado para, como numa vitrine da realidade, espacializar numa montagem uma dada figurativização, cuja temporalidade também é móvel. A fotografia heterotópica viaja no tempo e no espaço para carregar os saberes no(s) discurso(s) que atravessa(m) a área desse perímetro visual, no qual se constitui a imagem fotográfica.

A discursivização pode ser uma atividade cumulativamente complexa em tudo quanto pensarmos ser possível em termos de prática social, tendo em vista a espessura material das imagens. O discurso na fotografia se emoldura pela técnica de um sujeito-olhar que não apenas lida com a representação em si mas também precisa trabalhar com aspectos técnicos da construção imagética, já que a fotografia envolve uma tecnologia.

A foto, produto de um esforço de fixação de um olhar somado ao uso de uma tecnologia, não pode ser abordada como uma produção unívoca. Trata-se de um produto polifônico, heterogêneo, plural, plurivalente, multilinear. Por isso, a abordagem do discurso demanda também o uso de ferramentas metodológicas que permitam ao pesquisador adentrar essa complexidade. Por isso, como suporte heterotópico, a fotografia discursiviza tanto espaços quanto objetos desses espaços, conferindo a esses objetos/espaços um valor estratégico dentro do esquema de atuação das forças em ação.

Neste sentido, considerando o campo do poder pelo viés arqueogenealógico da prática foucaultiana, os saberes designam mais do que epistemologias. Eles

configuram as forças de poder em rede, que investem, em dado momento histórico, sobre os sujeitos, pela ação de forças provindas também dessa vontade de verdade presente nos sujeitos. É nesta perspectiva que Michel Foucault define os dispositivos em geral, incluindo, o da sexualidade:

> [...] Através deste termo tento demarcar, em primeiro lugar, um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas. Em suma, o dito e o não dito são os elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que se pode estabelecer entre estes elementos. [...] (FOUCAULT, 2018, p. 364).

O dispositivo é essa teia (MACHADO, 2018) que as forças de poder conseguem estabelecer para capturar o corpo social (FOUCAULT, 2018, p.235), atravessando-o para lançar através dele todo um aparato que conforme os sujeitos na estabilização de suas dimensões. Nas palavras de Judith Revel, o dispositivo “designa inicialmente os operadores materiais do poder, isto é, **as técnicas, as estratégias e as formas de assujeitamento utilizadas pelo poder"** (2005, p. 39, grifo nosso). O dispositivo é uma tecnologia de poder: polivalente e polissêmica; o termo, tal como define Giorgio Agamben (2009, p. 34), comporta uma capacidade de uso em pelo menos três acepções diferentes: jurídica, tecnológica e militar.

O dispositivo, assim, serve ao saber-poder pelos operadores estratégicos que se estabilizam nas relações históricas que o constituem e que, por isso mesmo, podem sofrer modificações inerentes às acomodações características aos movimentos históricos. Na análise que faz entre os dispositivos da sexualidade e de aliança, Foucault registra como o poder, em suas atualizações, age sobre a família:

> [...] **uma família reorganizada, com laços mais estreitos, intensificada com relação às antigas funções que exercia no dispositivo de aliança. Os pais, os cônjuges, tornam-se, na família, os principais agentes de um dispositivo de sexualidade** que **no exterior se apoia nos médicos e pedagogos, mais tarde nos psiquiatras,** e que, no interior, vem duplicar e logo **“psicologizar” ou “psiquiatrizar”** as relações de aliança. [...] (FOUCAULT, 2014b, p. 120, grifo nosso).

Isso nos leva a pensar em como os agentes dos dispositivos e suas interposições figuram na abordagem de Foucault em relação à sexualidade. Pela ação

dos discursos da ciência, responsáveis pelo estatuto de verdade conferindo à tendência psicologizante do dispositivo da sexualidade, Foucault reconhece o caráter impositivo desse discurso no exercício do poder sobre os sujeitos dentro do dispositivo, ou melhor, pela ação psicologizante do dispositivo da sexualidade,

> [...] aparecem, então, estas personagens novas: **a mulher nervosa, a esposa frígida, a mãe indiferente ou associada a obsessões homicidas, o marido impotente, sádico, perverso, a moça histérica ou neurastênica, a criança precoce e já esgotada, o jovem homossexual que recusa o casamento ou menospreza sua própria mulher.** São as figuras mistas da aliança desviada e da sexualidade anormal: **transferem a perturbação da segunda para a ordem da primeira;** dão oportunidade para que o sistema da aliança faça valer seus direitos na ordem da sexualidade. [...] (FOUCAULT, 2014b, p. 120-121, grifo nosso).

Com isso, é no âmbito familiar, onde se pode observar a ação dos micropoderes (FOUCAULT, 2018, 239), que o dispositivo da sexualidade deixa-se fissurar, rachar, colocando-se pronto para que uma ruptura se efetive, colocando em questão a sobrevivência do dispositivo como tecnologia do poder vigente, pela permeabilidade à ação das práticas discursivas e das não discursivas. Contudo, nada pode ser mais corrosivo do que o levante da resistência, tão cara a Michel Foucault, a ponto de funcionar como elemento de convergência empírica entre teoria e prática:

> [...] gostaria de sugerir uma outra forma de prosseguir em direção a uma nova economia das relações de poder, que é mais empírica, mais diretamente relacionada à nossa situação presente, e que implica relações mais estreitas entre teoria e prática. **Ela consiste em usar as formas de resistência contra as diferentes formas de poder como um ponto de partida.** Para usar uma outra metáfora, ela consiste em **usar esta resistência** como um catalisador químico **de modo a esclarecer as relações de poder, localizar sua posição, descobrir seu ponto de aplicação e os métodos utilizados.** Mais do que analisar o poder do ponto de vista de sua racionalidade interna, **ela consiste em analisar as relações de poder através do antagonismo das estratégias.** [...] (FOUCAULT, 1984, p.234).

Ainda assim, a questão norteadora no pensamento de Foucault está em como o sujeito luta pelo regime do saber, “a maneira pela qual o saber circula e funciona, suas relações com o poder” (FOUCAULT, 1984, p. 235), com o objetivo de se atacar a “técnica de poder” em vigência. Por isso é que Foucault também vai definir três tipos de luta: a étnica, a social e a religiosa (FOUCAULT, 1984, p. 235). No entanto,

acrescentaríamos mais uma, a luta de gênero, que amplia o viés da sexualidade para além do biológico. As lutas da mulher dentro da sociedade patriarcal vem reconfigurando vários dispositivos de poder, incluindo o da sexualidade e é a partir disso que a própria maternidade se redesenha no contexto de uma nova subjetivação feminina, respaldada pelas resistências, pela luta.

O trabalho fora do lar, as lutas feministas, a noção de gênero, o papel político das mulheres, as técnicas de anticoncepção, tudo isso redimensiona o dispositivo da sexualidade. Impulsionando a maternidade, obrigação biológica a ser cumprida pela mulher dentro do casamento, a se transformar numa máquina divergente e esquiva do dispositivo da sexualidade, na medida em que ao sujeito-mãe, além da prole, colam-se posições subjetivas descritoras de condições sociais: a mãe-trabalhadora, a mãe-divorciada, a mãe-solteira, a mãe-adolescente, a mãe-arrimo de família, a mãe-ausente, a mãe-barriga de aluguel, etc. Portanto, daí decorre que a mulher já não é mais apenas a mãe de família como no dispositivo da sexualidade.

Mais especificamente, como um elemento de resistência, as questões de gênero ligadas à mulher subsidiam linhas de fuga dos dispositivos em geral, se concordamos com o entendimento de que as lutas da mulher são contra “a submissão da subjetividade” (FOUCAULT, 1984, p. 236).

À vista disso, ponderando principalmente sobre os enfrentamentos recorrentes, gerados por governamentalidades e suas ações macropolíticas, observáveis nas recentes práticas conservadoras de governo, numa percepção bioprocriadora do sujeito-mulher, constatamos que o caráter nevrálgico da maternidade no saber-poder atual é o controle da vontade da mulher sobre seu próprio corpo, principalmente em referência ao poder de decisão da mulher sobre a gravidez (ou interrupção da gravidez). O corpo da mulher é o produto a ser assujeitado a fim de que uma dada perspectiva conservadora de “feminilidade governamental” seja reafirmada.

Tais ligações do corpo da mãe com a política, diz respeito ao tratamento da maternidade enquanto território-dispositivo. Essa visão implica localizar os sujeitos (o sujeito-mãe, por exemplo) vinculados a uma rede, um processo, um sistema de sustentação, caracterização, sobrevivência, visibilidade, num mapeamento em que o discurso se movimenta e faz movimentar os sujeitos em foco, mostrando que

> [...] diferente do método da ciência moderna, a cartografia não visa isolar o objeto de suas articulações históricas nem de suas conexões

> com o mundo. Ao contrário, o objetivo da cartografia é justamente desenhar a rede de forças à qual o objeto ou fenômeno em questão se encontra conectado, dando conta de suas modulações e de seu movimento permanente. [...] (BARROS; KASTRUP, 2009, p. 57).

Ao assumirmos que a maternidade é um território, estamos admitindo que neste território há variados processos em desenvolvimento, inclusive o da produção de subjetividades. Tais processos podem estar vinculados a uma concepção de cientificidade (MINAYO, 1994, p. 11), mais como potência a ser explorada e menos como efetividade, algo diverso do que normalmente se espera ver, mas que podemos formular: o cartógrafo analisa seu território-objeto processualmente, caminhando dentro dele, em reconhecimento de sua superfície, sua topografia e sua extensão.

Assim, caminhamos pela maternidade das fotografias para observar o sujeito-mulher-mãe em suas configurações de saber e de poder, trazendo à evidência os nós em que se imbricam o saber e as relações de poder no processo que produz os sujeitos, ou melhor,

> [...] Se [..] entendemos o processo como processualidade, estamos no coração da cartografia. Quando tem início uma pesquisa cujo objetivo é a investigação de processos de produção de subjetividade, já há, na maioria das vezes, um processo em curso. Nessa medida, o cartógrafo se encontra sempre na situação paradoxal de começar pelo meio, entre pulsações. Isso acontece não apenas porque o momento presente carrega uma história anterior, mas também porque o próprio território presente é portador de uma espessura processual. A espessura processual é tudo aquilo que impede que o território seja um meio ambiente composto de formas a serem representadas ou de informações a serem coletadas. Em outras palavras, o território espesso contrasta com o meio informacional raso. [...] (BARROS; KASTRUP, 2009, p.58).

De fato, é principalmente o efeito do visível sobre os sujeitos que não consegue escapar à espessura do que é captado. Essa espessura processual é discursiva e por isso mesmo pode estar submetida às limitações do discurso (visual). Lembramos assim que é na *Ordem do Discurso* (2012) que Michel Foucault expõe o papel dos mecanismos de controle para a produção dos discursos, enfatizando que o aparecimento dos mesmos depende também do fato de que “em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos” (FOUCAULT, 2012, p.08). Essas limitações dos discursos têm implicações também na construção das subjetividades.

Ainda segundo Foucault, esses mecanismos de controle são particularmente ativos em relação a “duas regiões”: a da sexualidade e a da política. De acordo com o filósofo francês, esses mecanismos de controle agem no sentido de “conjurar” os perigos suscitados pelos discursos e suas interdições, quando estes revelam sua vinculação com o desejo e o poder (FOUCAULT, 2012), já que “o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar.” (FOUCAULT, 2012, p.10).

> [...] Em síntese, subjaz à arquegenealogia foucaultiana o objetivo de diagnosticar e compreender a racionalidade de práticas sociais do saber e do poder que produziram o que somos nós, no nosso presente. Nesse contexto, principalmente pela necessidade de incorporar às análises a dimensão heterogênea das práticas discursivas e não discursivas que produzem subjetividades, Foucault elaborou o conceito de dispositivo. Se ele já estava latente nas análises arqueológicas, a partir dos anos 1970, Foucault insistirá, cada vez mais, na importância dos dispositivos. É interessante notar que não há, em seus livros, sistematização ou definição desse termo. As intervenções sobre esse conceito aparecem com regularidade em entrevistas e falas de Foucault. O desenvolvimento desse conceito imprimiu novidades ao mesmo tempo teóricas, metodológicas e políticas às discussões clássicas sobre o poder: isso se deve, principalmente, pelo fato de que na base da ação dos dispositivos não se encontram a repressão ou a ideologia – como propõe a teoria marxista althusseriana, por exemplo – mas a normalização e a disciplina. [...] (GREGOLIN, 2015b, p.10).

A luta pelo poder (ou contra a sistematização da dominação) enquadra-se numa trama que objetiva demonstrar a “busca de explicação para a mecânica do poder, mostrando como ele se exerce, como produz seus efeitos, fabricando indivíduos dóceis, inscrevendo subjetividades” (SILVA, 2004, p.171-172). Parece ser constatável que parte dessa luta pelo poder passa pela perspectiva de silenciamento (controle) ou não dos discursos em confronto na conformação das forças. Mais especificamente, para Foucault

> [...] a disciplina é um instrumento de poder que trabalha os corpos dos homens, manipula seus elementos, produz seu comportamento, fabricando um tipo de homem necessário ao funcionamento e a manutenção da sociedade industrial, capitalista. E é assim, quando trabalhado pelo sistema político de dominação, característico do poder disciplinar, que o corpo se torna força de trabalho. Visto desse modo, o indivíduo é uma produção do poder, ou seja, o poder, na concepção

> foucaultiana, é formador de uma verdade sobre o sujeito. Assim, o indivíduo é uma fabricação do poder e o elemento que torna possível um conhecimento sobre ele [...]. (SILVA, 2004, p. 172).

Assim é que a aplicação da força de um sistema de dominação sobre os corpos dos indivíduos torna possível a subjetivação, ou seja, podemos dizer que é dessa maneira que o sujeito-mãe emerge no pensamento iluminista como a responsável pela sobrevivência dos filhos de tal forma que

> [...] No século XVIII [...] o abandono do aleitamento materno é considerado uma injustiça cometida com o filho. Alguns médicos, como P. Hecquet ou Dionis chegam a lembrar os "direitos" que têm os filhos ao leite da mãe. Em consequência, **aquela que se recusa a amamentar demonstra depravação e merece uma condenação inapelável. Essa era a opinião de Buchan e de Rousseau.** Quanto a Verdier-Heurtin, sintetizando perfeitamente a nova ideologia, faz uma advertência enérgica às suas leitoras: "Mulheres, não espereis que eu estimule vossa conduta criminosa. Não censuro os vossos prazeres quando sois livres... mas transformadas em esposas e mães, deixai os adornos vãos, fugi dos prazeres enganosos: sereis culpadas se não o fizerdes." **Todos esses argumentos tiveram por resultado colocar a mulher diante de suas responsabilidades, que, no dizer de Rousseau e de seus adeptos, são imensas**. Como o lembram todos os médicos, ela é inteiramente responsável pela sobrevivência e pela saúde futura de seu filho. É dela que tudo depende, agora**. Não chegam até a lhe imputar a irresponsabilidade dos pais? Se estes não assumem sua função paterna, é porque a mãe é má**. "Se as mulheres voltarem a ser mães, dentro em pouco os homens voltarão a ser pais e maridos." **Contrariamente ao século seguinte, que aceita que o pai, autoridade muda, lance aos ombros da mãe o fardo da educação, os reformadores do século XVIII reservam-lhe o importante papel do preceptor. Se as mães amamentarem, os pais farão naturalmente o seu dever. A família será unida e a sociedade virtuosa.** O que chefes de polícia e economistas traduzem em termos mais políticos: "O Estado será rico e poderoso." A todos esses discursos insistentes e repetitivos, as mulheres reagiram de maneira diversa e sobretudo lenta. Seria um erro acreditar que os escritos de Rousseau, dos moralistas e dos médicos modificaram imediatamente os hábitos e costumes. A maioria das mulheres não se apressou a se submeter ao "teste do sacrifício". Mais uma vez, foi o interesse da mulher que ditou o comportamento da mãe. Mesmo que este tenha sido realmente influenciado pelo discurso que celebrava o **reinado da "boa mãe", dois fatores influíram igualmente na opção das mulheres. Em primeiro lugar, suas possibilidades econômicas, mas também, variando segundo sua posição social, a esperança ou não de desempenhar um papel mais gratificante no seio do universo familiar, ou da sociedade. Segundo fosse rica, abastada ou pobre, a mulher do final do século XVIII e sobretudo a do século XIX aceitou, com maior ou menor rapidez, o papel da boa mãe. Rousseau abrira sem dúvida, com outros, uma pequena brecha em 1762,** mas restava ainda um grande

> número de praças fortes a tomar no coração das mulheres [...] (BADINTER, 1985, p.198-201, grifo nosso).

Essa “nova” mãe (devotada ao cuidado dos filhos) vem principalmente atender a uma demanda histórica, imposta tanto pelo interesse governamental de um dado período, quanto pelo proveito familiar, advindo do fato da conveniência paterna (patriarcal) em que a mãe permanecesse mais empenhada no cuidado com a prole.

Com isso, mobilizam-se tanto os discursos médico (promover a saúde infantil), quanto o jurídico (o direito dos filhos ao leite da mãe biológica) para que o corpo da mãe seja assujeitado à finalidade desejada pelas forças históricas, detentoras dos discursos dominantes através dos quais o poder em exercício se impõe. Essas formas de discurso se alinham a um diagrama de forças que cria condições para que a configuração do dispositivo possa ser acessado, de modo que

> [...] os dispositivos têm, então, como componentes linhas de visibilidade, linhas de enunciação, linhas de força, linhas de subjetivação, linhas de ruptura, de fissura que se entrecruzam e se misturam, enquanto umas suscitam, através de variações ou mesmo mutações de disposição. (DELEUZE, 1990, p.04).

Isso posto, como objetivos específicos de pesquisa, as ações estão ancoradas na abordagem do sujeito-mãe, na materialidade fotográfica, a partir da seguinte perspectiva:

a) examinar aspectos da emergência da maternidade como dispositivo de poder, em níveis macrofísico e microfísico na prática discursiva fotográfica;
b) caracterizar aspectos do dispositivo em relação à prática discursiva da fotografia, focando regularidades do sujeito-mãe no discurso fotográfico;
c) refletir sobre o sujeito-mãe e as linhas de força/fuga que se configuram dentro do dispositivo da maternidade, levando em conta o sujeito-filha e o exercício de poder observável.

Dito isso, queremos esclarecer que a análise do material fotográfico aqui não é apenas uma questão de leitura[5] e descrição da imagem em superfície, mas antes uma

[5] A atividade de leitura de imagens engloba basicamente o emprego do olhar sobre a superfície sensível. Todavia é esse olhar em movimento que reorganiza os elementos imagéticos, construindo congruências de sentido. Para Flusser (1998a), “[...] o fator decisivo no deciframento de imagens é tratar-se de planos. O significado da imagem encontra-se na superfície e pode ser captada por um golpe de vista. No entanto, tal método de deciframento produzirá apenas o significado superficial da imagem. Quem quiser aprofundar o significado e restituir as dimensões abstraídas, deve permitir à sua

questão de articulação do enunciado fotográfico como produto de um contexto que condiciona as regras de produção desse enunciado mesmo em níveis de enunciação. Dessa forma, como prática discursiva, as fotografias em geral são superfícies que deixam à mostra os traços condicionantes do poder já desde o momento de sua produção, pelo que o discurso se constitui em

> “um bem que coloca, por conseguinte, desde sua existência (e não simplesmente em suas "aplicações práticas"), a questão do poder; um bem que é, por natureza, o objeto de uma luta, e de uma luta política” (FOUCAULT, 2014a, p. 148).

Nessa direção, pela proposição feita anteriormente, podemos desde o princípio ter em mente que os traços de poder são constitutivos do discurso desde a emergência enunciativa, autorizando-nos a vê-los (esses traços de poder) em detrimento de “suas aplicações práticas”. Além disso, como objeto de luta política, o discurso é algo que não apenas se constrói pelo que é dizível, mas também por aquilo que se constitui como não dizível em razão das (im)possibilidades do embate de forças em atuação num dado contexto.

Desse modo, é assim que, no próximo capítulo, vamos abordar a maternidade no âmbito do dispositivo de poder. Vamos articular os conceitos de Foucault e Agamben, dimensionando a ação do dispositivo sobre o corpo dos sujeitos.

2.4 – A prática fotográfica

A fotografia constitui-se por uma prática bastante complexa: ela é resultante de uma dimensão tecnológica, que veio se tornando cada vez mais simplificada, partindo de processos físico-químicos complexos até chegarmos à fotografia digital, que extinguiu o uso desses processos, facilitando inclusive o armazenamento da fotografia.

---

vista vaguear pela superfície da imagem. Este vaguear pela superfície é chamado *scanning.* O traçado do *scanning* segue a estrutura da imagem, mas também os impulsos no íntimo do observador. O significado decifrado por este método será pois o resultado de síntese entre dois *posicionamentos*: o do emissor e o do recptor. As imagens não são conjuntos de símbolos com significados inequívocos, como o são as cifras. Não são *denotativas*. As imagens oferecem aos seus receptores um espaço interpretativo: são símbolos *conotativos*. [...]” (FLUSSER, 1998a, p.27-28).

Como prática discursiva, a fotografia também está circunscrita a uma prática enunciativa, o que a coloca como lugar de emergência do enunciado, sendo consequentemente portadora do discurso, em suas várias manifestações a depender da formação discursiva a que se ligue o enunciado fotográfico. Como prática discursiva artística, então, a fotografia pode ter um caráter enunciativo; no entanto, há também um processo discursivo, cuja prática incide sobre aspectos estéticos da prática discursiva da imagem.

Neste sentido, o caráter enunciativo ganha uma dimensão secundária na prática discursiva da fotografia, pela maneira como os elementos estéticos constitutivos da fotografia ganham maior relevância, em detrimento de aspectos puramente discursivos. Isso é constatável na própria dinâmica de uso da imagem no âmbito jornalístico, por exemplo: há fotos que constituem uma prática artística além de jornalística, enquanto outras imagens apenas se constituem a partir de sua importância enunciativo-jornalística.

A prática discursiva fotográfica reunida para essa pesquisa diz respeito à uma prática estética da imagem fotográfica, cujo foco está posto em discursivizar pessoas. As pessoas aparecem nas imagens e interagem com outras pessoas, lugares, objetos, abordando ou não temas/aspectos/ações, mas sempre colocadas tendo em vista um determinado discurso estético, expressando uma certa posição enunciativa.

Poderíamos isolar vários assuntos a serem abordados nas fotografias de Rania Matar ou Sally Mann, ou em outras fotografias oriundas do jornalismo ou álbuns de família, que se encontram aqui. Todavia isso não estaria em consonância com os objetivo de estudarmos o dispositivo da maternidade, a partir da prática discursiva da fotografia.

Assim, A fotografia, pelas características de sua prática, torna-se em um verdadeiro campo de visibilidades, não apenas acessíveis ao olhar, mas também abertas ao entendimento, escrutínio, observação, leitura, interpretação das imagens a fim de que consigamos *ver* a dinâmica do dispositivo da maternidade a partir dos sujeitos. Esse *ver* da fotografia tem suas especificidades, as quais diferem do *dizer*, por exemplo, mas *ver* e *dizer* relacionam-se no momento da análise para “restaurar o discurso lá onde, para falar mais diretamente, ele estava despojado de palavras” (FOUCAULT, 1967, p.82).

A prática fotográfica encorpa o discurso por esse despojamento de palavras que as imagens produzem. A análise das imagens vem restituir ao discurso essas palavras que estão nas imagens pela *realidade interior* (KOSSOY, 2002) que a fotografia engendra. Os constituintes dessa realidade interior,

> [...] na imagem fotográfica, encontram-se, indissociavelmente incorporados, componentes de *ordem material* que são os recursos técnicos, ópticos, químicos ou eletrônicos, indispensáveis para a materialização da fotografia e, os de *ordem imaterial,* que são os mentais e os culturais. Estes últimos se sobrepõem hierarquicamente aos primeiros e, com eles, se articulam na mente e nas ações do fotógrafo ao longo de um complexo *processo de criação.* [...] (KOSSOY, 2002, p.27).

Essa materialidade da imagem fotográfica está colocada na fotografia pela ação de significação que o fotógrafo(a) imprime à imagem através do *enquadramento*, que é a "organização visual dos elementos constantes do assunto no visor da câmera com o propósito de se alcançar, segundo determinadas condições de iluminação, um certo efeito plástico na imagem final" (KOSSOY, 2002, p.28).

O enquadramento também está associado à bidimensionalidade da fotografia, já que pela disposição do material na superfície da foto, as bordas entre os diversos materiais, nas imagens, serão produzidas, estabelecendo contornos, configurando o aparente e o escondido, ressignificando as formas, etc. A prática fotográfica reconstrói o real no sentido de usá-lo fragmentariamente, em partes, transformando essa parte em um todo, um objeto total, o qual pode ser definido pela sua vinculação discursiva (fotografia jornalística, artística, científica, etc). Desse jeito, a imagem fotográfica

> [...] contém em si o registro de um dado fragmento selecionado do real: o *assunto (recorte espacial)* congelado num determinado momento de sua ocorrência *(interrupção temporal).* Em toda fotografia há um *recorte espacial* e uma *interrupção temporal,* fato que ocorre no instante (ato) do registro. [...] (KOSSOY, 2002, p.29).

Não obstante, há quem faça do enquadramento mais do que um simples recorte no real. Para Judith Butler (2015), o enquadramento é eminentemente um "ato interpretativo" (2015, p.105), através do qual atuam elementos da realidade interna da foto, sobre o que Butler conclui que

> [...] a interpretação não deve ser concebida restritivamente nos termos de um ato subjetivo. Na realidade, a interpretação acontece em virtude dos condicionamentos estruturadores de estilo e forma sobre a comunicabilidade do sentimento, e assim, algumas vezes, acontece contra a nossa vontade, ou mesmo a despeito dela. Por conseguinte, não se trata apenas de o fotógrafo e/ou o espectador ativa e deliberadamente interpretarem, mas de a própria fotografia se converter em uma **cena estruturadora** de interpretação, que pode perturbar tanto o realizador quanto o espectador. [...] (BUTLER, 2015, p.105, grifo nosso).

Tal perspectiva da fotografia como uma cena estruturante da superfície bidimensional da imagem encontra ecos na prática de trabalho de Rania Matar, quando a fotógrafa comenta, em entrevistas, que não impõe aos sujeitos que fotografa os gestos que capta e que o trabalho se torna "colaborativo" (MATAR, 2019). Assim a variedade de sujeitos e a tecnologia usada nas tomadas influem na estruturação da cena fotográfica:

> [...] Like much of her earlier work, Matar's series, *Unspoken Conversations: Mothers & Daughters*, is made with her medium format Mamiya 7 II and color film. Yet, including a second subject in the pictures adds a new layer to the process. "I'm a little more involved," she says. "I'm observing two people, with their whole set of body language and attitude, but I'm also observing the relationship between them." [...] (MATAR, 2017).[6]

Nesse trecho de entrevista Matar não apenas se posiciona como observadora de duas pessoas que interagem pela atitude e pela linguagem corporal. Matar afirma observar o relacionamento dessas duas pessoas (mãe e filha). Isso equivale dizer que a série *Unspoken Conversations: Mothers & Daughters* apreendeu e registrou traços imagéticos do relacionamento de mães e filhas.

Sendo assim, as condições de possibilidade de emergência de esquemas de força, a partir da configuração do dispositivo da maternidade, em função do enquadramento das imagens, parecem empiricamente dispostas pela própria Matar, a partir da prática artística que ela imprime em sua fotografia, o que reforça nossa percepção de que poderá ser possível ver aspectos das relações de poder entre os

[6] [...] Como muitos de seus recentes trabalhos, a série de Matar, *Unspoken Conversations: Mothers & Daughters*, é feita com seu formato médio Mamiya 7 II e filme colorido. No entanto, incluir um segundo sujeito nas fotos adiciona uma nova camada ao processo. "Estou um pouco mais envolvida", diz ela. "Estou observando duas pessoas, com todo o seu conjunto de linguagem corporal e atitude, mas também estou observando a relação entre elas." [...] (MATAR, 2017).

sujeitos mãe e filha, atuando dentro do dispositivo da maternidade, capturado pela imagem fotográfica.

Além disso, remetendo-nos à prática arqueológica de Michel Foucault, é preciso dizer que, como enunciado imagético, a fotografia está associada a um referencial

> [...] que não é constituído de "coisas", de "fatos", de "realidades", ou de "seres", mas de leis de possibilidade, de regras de existência para os objetos que aí se encontram nomeados, designados ou descritos, para as relações que aí se encontram afirmadas ou negadas. **O referencial do enunciado forma o lugar, a condição, o campo de emergência, a instância de diferenciação dos indivíduos ou dos objetos, dos estados de coisas e das relações que são postas em jogo pelo próprio enunciado; define as possibilidades de aparecimento e de delimitação do que dá à frase seu sentido, à proposição seu valor de verdade.** É esse conjunto que caracteriza o nível enunciativo da formulação, por oposição a seu nível gramatical e a seu nível lógico: através da relação com esses diversos domínios de possibilidade, o enunciado faz de um sintagma, ou de uma série de símbolos, uma frase a que se pode, ou não, atribuir um sentido, uma proposição que pode receber ou não um valor de verdade. [...] (FOUCAULT, 2014a, p.110-111).

O referencial fotográfico é tudo aquilo que está circunscrito na imagem pelo ato fotográfico, cuja perspectiva é posta em imagem pelo enquadramento do fotógrafo, sujeito-enunciador que marca sua posição relativa à captura de imagem realizada em ação específica, a tal ponto que a imagem visual possa ter ou não autorização de existência, isto é, a fotografia até antes mesmo de emergir como imagem pode ter suas condições de existência discutidas, alteradas, modificadas, criminalizadas e até censuradas, como no caso de fotografias de guerra:

> [...] para os nossos fins, contudo, precisamos considerar apenas que a imagem visual autorizada e produzida pela “cobertura comprometida”, aquela que atende aos requisitos do Estado e do Departamento de Defesa, constrói uma interpretação. Podemos mesmo afirmar que aquilo que Sontag chama de “consciência política” que motiva o fotógrafo a produzir uma fotografia condescendente é, em alguma medida, estruturada pela própria fotografia, até mesmo incluída no enquadramento. Não precisamos de uma legenda ou de uma narrativa para compreendermos que o contexto político está sendo explicitamente formulado e renovado através do e pelo enquadramento, que o enquadramento funciona não apenas como uma fronteira para a imagem, mas também estrutura a imagem em si. Se a imagem, por sua vez, estrutura a maneira pela qual registramos

> a realidade, então ela está associada à cena interpretativa na qual operamos. [...] (BUTLER, 2015, p.109-110).

Ora, se o Estado norteamericano pode atuar no “campo da percepção” (BUTLER, 2015, p.110) para obter um determinado resultado discursivo-enunciativo nas fotografias de guerra, acreditamos que as fotografias estético-críticas (de Rania Matar ou Sally Mann) consigam ter a mesma relação de enquadramento com o referencial que as fotografias de guerra analisadas por Butler (2015), exceto pelo fato de que as fotógrafas em foco são artistas e não fotojornalistas.

3 O DISPOSITIVO

Em *Microfísica do Poder* (2018), o filósofo francês Michel Foucault explica duas prerrogativas que considera constitutivas da noção que tem sobre o poder: sua capilaridade (sua microfísica) e sua produtividade. Por essas particularidades, o poder, para Foucault, é algo da ordem física das pessoas (nossos corpos) e, ao mesmo tempo, é algo positivo, isto é, o poder tem a capacidade de gerar, originar, desenvolver relações, cujo processo de ação também é fundamental para formar as subjetividades.

A proposta de Foucault, então, é a de uma "analítica do poder" (FOUCAULT, 2018, p.369) pela qual possamos ter acesso ao fato de que "o poder é um feixe de relações mais ou menos organizado, mais ou menos piramidalizado, mais ou menos coordenado" (FOUCAULT, 2018, p.369), ou seja, o que interessa não é a concepção de uma nova teoria do poder, mas sim "munir-se de princípios de análise que permitam uma analítica das relações de poder" (FOUCAULT, 2018, p.370).

Nesse sentido, pensando na relação da maternidade com a dimensão sexual humana, esses "princípios de análise" passam fundamentalmente pela compreensão das relações de força entre o masculino e o feminino, em suas correlações e diferenciações. A esse respeito Foucault, ao ser instado a falar sobre a diferença entre os sexos no caso da masturbação infantil e a ação repressora da "instituição pedagógica", esclarece que,

> [...] no século XVIII, o problema do sexo era o problema do sexo masculino, e a disciplina do sexo era colocada em prática nos colégios de meninos, nas escolas militares, etc. Depois, a partir do momento em que o sexo da mulher começou a adquirir importância médico−social, com os problemas correlatos da maternidade, do aleitamento, etc., a masturbação feminina adquire importância. Parece que no século XIX foi ela que prevaleceu. No fim do século XIX, em todo caso, as grandes operações cirúrgicas tiveram as meninas por objeto. Eram verdadeiros suplícios: a cauterização clitoriana com ferro em brasa era, senão corrente, ao mesmo relativamente frequente na época. Via−se, na masturbação, algo de dramático. [...] (FOUCAULT, 2018, p.392).

Pelo exposto na citação compreendemos que a emergência do corpo da mulher como componente sexual a ser controlado e vigiado, no tocante ao prazer, privilegia a parte do corpo feminino que leva tal sujeito ao sexo convencional (relações

heteronormativas), direcionando os corpos femininos à reprodução (à maternidade). Por esse prisma, vemos como no embate de forças entre homens e mulheres, há a mobilização dos saberes (médico, pedagógico, religioso, etc) para que o corpo da mulher esteja subjugado à vontade masculina, evidenciando o que Foucault chamou de poder “piramidalizado” no esquema de forças entre esses dois sujeitos.

Essa verticalização do poder entre os sexos, com os homens no topo e as mulheres na base, pode ser verificada em uma série de práticas e procedimentos ilustrativos dessa situação. Ilustrando essa revés, Perrot alerta para a dificuldade em contar a história das mulheres já que

> [...] para escrever a história, são necessárias fontes, documentos, vestígios. E isso é uma dificuldade quando se trata da história das mulheres. Sua presença é frequentemente apagada, seus vestígios, desfeitos, seus arquivos, destruídos. Há um déficit, uma falta de vestígios. Inicialmente, por ausência de registro. Na própria língua. A gramática contribui para isso. Quando há mistura de gêneros, usa-se o masculino plural: *eles* dissimula *elas.* No caso de greves mistas, por exemplo, ignora-se quase sempre o número de mulheres. As estatísticas quase sempre são assexuadas. Principalmente no domínio econômico, nas estatísticas industriais ou naquelas do trabalho. A sexuação das estatísticas é relativamente recente, tendo sido demandada por sociólogas do trabalho feministas. Não é necessário conhecer para analisar? Há atualmente problemas análogos quanto às origens étnicas, cuja identificação causa graves divisões entre os demógrafos. Pelo casamento, as mulheres perdiam seu sobrenome, o que ocorria na França, mas não somente aí. É bastante difícil, e mesmo impossível, reconstituir linhagens femininas. [...] (PERROT, 2007, p.21).

Essa estratégia de não diferenciação do sexo feminino em relação ao masculino demonstra como se impõe, sobre as mulheres, a perspectiva da unicização dos sexos como estratégia de silenciamento das mulheres: a troca de sobrenomes pelo casamento; a pluralização masculina para ambos os sexos; estatísticas assexuadas, etc. Tudo isso nos remete ao predomínio do masculino sobre o feminino, mas principalmente, leva-nos a compreender como o masculino atua para controlar, silenciar, apagar o feminino, impedir que as mulheres tenham história, mas principalmente que elas tenham protagonismo, enfim, que exerçam sua liberdade.

Esse domínio do masculino sobre o feminino com o intuito de limitação da liberdade feminina está também na apropriação que o homem faz de elementos do universo da mulher como algo de seu próprio usofruto – e nisso o corpo feminino se

constitui como a principal substância de alimentação dessa dominação do homem sobre a mulher, a começar pela sacralização da castidade feminina.

Essa sacralização não apenas institui o culto à castidade feminina, assim como também permite ao homem ser aquele que tem a posse dessa castidade, consequentemente o homem é dono do corpo da mulher; atribuindo-se o direito a usufruir desse corpo como bem entender:

> [...] O corpo das mulheres não lhes pertence. Na família, ele pertence a seu marido que deve "possuí-lo" com sua potência viril. Mais tarde, a seus filhos, que as absorvem inteiramente. Na sociedade, ele pertence ao Senhor. As mulheres escravas eram penetráveis ao seu bel-prazer. O sistema feudal estabelece distinções de tempo e de classe. O senhor tem direito sobre a virgindade das servas. Este "direito à primeira-noite' seria atestado por diversos textos em numerosos países da Europa, com possibilidades de ser comprado, para os barões sem fortuna. [...] (PERROT, 2005, p.447).

Essas prerrogativas masculinas sobre o corpo feminino não apenas indicam a “piramidalização” (ou assimetria) das relações entre os sexos. Elas são a comprovação de que apenas um dos sexos existe para a liberdade: o sexo masculino. O outro, o corpo feminino, está subalternizado para ser explorado. Não somente isso - a prática social masculina organiza-se de maneira que à mulher fique muito difícil escapar ao enredamento dela, de seu corpo, no cumprimento desse destino já traçado.

> [...] Este enraizamento das mulheres no território de seus corpos é urna das chaves de sua extrema dificuldade em ter acesso ao assalariamento mesmo como operárias. Pois a revolução industrial não traz para elas, num primeiro momento, mudança radical mas sim a extensão de sua servidão, ampliada do círculo familiar para o ateliê e para a fábrica, com as mesmas características de não qualificação, de precariedade de emprego e de dependência sexual. A Contratação, a promoção, as gratificações estão nas mãos de uma direção e de executivos masculinos fortemente tentados a usar de suas prerrogativas para tirar dali todo o prazer possível. Ainda mais quando a mão-de-obra é jovem – as operárias tinham de onze ou doze anos, até vinte e cinco anos - fresca, virgem e sem defesa. [...]. (PERROT, 2005, 448-449).

Essa “servidão” do corpo feminino ao sistema de regras sociais masculino é o que se coaduna com a noção foucaultiana do exercício de poder que penetra na dimensão física dos indivíduos. Conforme uma dada prática masculina, para as

mulheres em geral, o contrato de trabalho não se restringe à força de trabalho: ele diz respeito ao corpo feminino – inclusive sua sexualidade, a pureza de seu corpo, seu recato, abstinência, contenção física.

Dessa forma, conseguimos ter uma noção material de como o masculino exercita sobre o feminino ações de dominação e controle do corpo.

> [...] Na verdade, nada é mais material, nada é mais físico, mais corporal que o exercício do poder...Qual é o tipo de investimento do corpo que é necessário e suficiente ao funcionamento de uma sociedade capitalista como a nossa? Eu penso que, do século XVII ao início do século XX, acreditou-se que o investimento do corpo pelo poder devia ser denso, rígido, constante, meticuloso. Daí esses terríveis regimes disciplinares que se encontram nas escolas, nos hospitais, nas casernas, nas oficinas, nas cidades, nos edifícios, nas famílias...[...]. (FOUCAULT, 2018, p.237).

Mais ainda, “esses terríveis regimes disciplinares”, conforme o pensamento de Foucault, não se exercem de maneira aleatória. O exercício é estratégico. O poder, portanto, é exercido a partir de dada racionalidade que sustenta a economia das relações de poder em determinado cenário. Nas palavras de Foucault, o poder dimensiona-se pelas relações colocadas, cujas estratégias são evidentemente opostas:

> [...] Gostaria de sugerir uma outra forma de prosseguir em direção a uma nova economia das relações de poder, que é mais empírica, mais diretamente relacionada à nossa situação presente, e que implica relações mais estreitas entre a teoria e a prática. Ela consiste em usar as formas de resistência contra as diferentes formas de poder como um ponto de partida. Para usar uma outra metáfora, ela consiste em usar esta resistência como um catalisador químico de modo a esclarecer as relações de poder, localizar sua posição, descobrir seu ponto de aplicação e os métodos utilizados. Mais do que analisar o poder do ponto de vista de sua racionalidade interna, ela consiste em analisar as relações de poder através do antagonismo das estratégias. [...] (FOUCAULT, 1984, p.234).

As relações de antagonismo entre os sexos não estão colocadas apenas no campo discursivo. Esse antagonismo é evidente na prática; está dentro da prática social, espalhado pelas mais variadas áreas. É por esse antagonismo que vemos acontecer a luta das mulheres para continuar no controle de seus corpos e de seus destinos.

O direito ao aborto é um exemplo disso: é a preponderância do argumento masculino de que a mulher não tem direito ao corpo, no caso em que uma gravidez já esteja em curso; é o feto que tem direito à vida em detrimento do direito ao corpo da mãe. O discurso que funciona aqui é o de que a mulher foi feita para a maternidade, ponto final, ou seja, é o exercício do poder do dispositivo da maternidade impedindo as mulheres de exercerem sua liberdade (liberdade de dizer não).

Desta feita, podemos observar que o poder age ligado a uma rede estratégica de condições, na urdidura de conjunções, que conduzem os indivíduos a um processo de subjetivação, esperado e controlado pelo poder em ação (um dispositivo). Nesse processo, o indivíduo torna-se sujeito. Como esclarece Foucault:

> [...] esta forma de poder aplica-se à vida cotidiana imediata que categoriza o indivíduo, marca-o com sua própria individualidade, liga-o à sua própria identidade, impõe-lhe uma lei de verdade, que devemos reconhecer e que os outros têm que reconhecer nele. É uma forma de poder que faz dos indivíduos sujeitos. Há dois significados para a palavra *sujeito:* sujeito a alguém pelo controle e dependência. e preso à sua própria identidade por uma consciência ou autoconhecimento. Ambos sugerem uma forma de poder que subjuga e toma sujeito a.[...] (FOUCAULT, 1984, p.235, grifo do autor).

Podemos, assim, afirmar que o sujeito representa uma inscrição do indivíduo em dado território de poder, fato esse que evidencia o mecanismo de vigência de um dado dispositivo. Mais especificamente, o sujeito é um produto do dispositivo, do que conseguimos constatar o caráter construtivo do poder em contraposição à perspectiva de que teria uma ação repressora (FOUCAULT, 2014b).

> [...] Por isso o termo foucaultiano que identifica o sujeito, quando prevalece na sua análise não o mecanismo de subjugação, a fábrica do sujeito que saberes e poderes colocam em movimento dobrando a sua resistência, disciplinando a força, normalizando o excesso de vida, mas o caminho pelo qual o sujeito se faz e se produz livremente, não como uma consciência ou interioridade, mas como um projeto ou uma flexão da inventividade e da liberdade, tornando-se o “processo de subjetivação”. [...] (CHIGNOLA, 2014, p.9).

O dispositivo é um mecanismo de produção de subjetividades; mas também é uma rede de elementos diversos que concorrem para a construção, composição e funcionamento do dispositivo. Na realidade, em uma entrevista, o dispositivo é definido por Foucault como segue:

> [...] em primeiro lugar, **um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas**. Em suma, **o dito e o não dito são os elementos do dispositivo**. O dispositivo é **a rede que se pode estabelecer entre estes elementos**. Em segundo lugar, gostaria de demarcar a natureza da relação que pode existir entre estes elementos heterogêneos. Sendo assim, tal discurso pode aparecer como **programa de uma instituição ou, ao contrário, como elemento que permite justificar e mascarar uma prática que permanece muda**; pode ainda funcionar como **reinterpretação desta prática**, dando−lhe acesso a um **novo campo de racionalidade**. Em suma, **entre estes elementos, discursivos ou não, existe um tipo de jogo, ou seja, mudanças de posição, modificações de funções, que também podem ser muito diferentes**. Em terceiro lugar, **entendo dispositivo como um tipo de formação** que, **em um determinado momento histórico**, teve como função principal responder a uma urgência. **O dispositivo tem, portanto, uma função estratégica dominante**. Este foi o caso, por exemplo, da absorção de uma massa de população flutuante que uma economia de tipo essencialmente mercantilista achava incômoda: existe ai um imperativo estratégico funcionando como matriz de um dispositivo, que pouco a pouco tornou−se o dispositivo de controle−dominação da loucura, da doença mental, da neurose. [...] (FOUCAULT, 2018, p.364).

Essa definição demarca três características fundamentais: a heterogeneidade (abarca práticas discursivas e não discursivas); a historicidade (visto estar submetido a modificações e reinterpretações) e o fator estratégico do dispositivo (está ligado a um propósito de exercício de poder). Tal caráter estratégico é o que permite reconhecer a emergência histórica do dispositivo, já que este se configura a partir de determinadas condições singulares ao nível de processos que atravessam os discursos e as esferas do não discursivo.

Com isso, é preciso registrar que a maternidade já existia antes da “boa mãe”, contudo, o advento da “boa mãe”, pelo discurso iluminista, instaura um processo de subjetivação das mulheres, que modifica o *status* delas, associando-as a um ideal de mãe historicamente necessário. O advento da “boa mãe” é a formação estratégica dispositiva de uma biopolítica governamental, atuando sobre as mães em geral, pela mobilização do discurso filosófico, literário, médico, etc para a criação de uma conduta subjetiva materna que estivesse aliada aos objetivos da biopolítica em questão. No que tange a essa discussão, Perrot mostra que

> [...] paralelamente, acontecia a tomada de consciência do *baby,* na Inglaterra e na França, no século XVIII. Jean-Jacques Rousseau lhe concede os títulos de nobreza e de utilidade social. E, principalmente, sacraliza o leite como elixir de longa vida do recém-nascido. No romance *La Nouvelle Héloise,* ele celebra a amamentação pelas mães e a honra das mães que a praticam. O seio materno se descobre, se exibe e se torna o próprio símbolo da República. Em *Mémoires de deux jeunes mariées* de Balzac, Renée de l'Estoril encarna a jovem mãe escrupulosa e feliz por estar ocupada com os cuidados de seu filho recém-nascido, em contraste com sua amiga, de vida social intensa, mas infeliz apaixonada. [...] (PERROT, 2007, p.74-75).

Esse entrecruzamento da maternidade com a política é estratégico na perspectiva de poder dos estados nacionais europeus a partir do século XVI e XVII, cujas ambições imperialistas são acirradas pela intensificação comercial e demográfica com as novas terras colonizadas: era preciso produzir gente para consumir e colonizar esses lugares novos; era preciso gente para a guerra, isto é, o problema da mortalidade infantil, então, coloca-se como item de extrema relevância para a governamentalidade vigente, que, na tentativa de aumentar seus contingentes populacionais, vai empreender planos deliberados o crescimento populacional:

> [...] a Terceira República declara guerra à mortalidade infantil, instituindo uma vigilância mais estrita da saúde dos bebês e das mães através de uma rede cada vez mais densa de dispensários e de associações como "La Goutte de lait" [A gota de leite]. A medicinização da maternidade e da pequena infância passa então a ser um interesse nacional que recai obsessivamente sobre o corpo da mãe. [...] (PERROT, 2007, p. 75).

A captura do corpo da mãe, pelo dispositivo da maternidade, em conformidade com a disposição esperada pelas forças atuantes no dispositivo, não apenas torna possível a ação do poder sobre esse corpo. Esta captura abre uma possibilidade de controle e delineamento da subjetividade materna em termos coletivos; o investimento a ser feito pelas forças de poder podem abranger um grande número de possibilidades na macroesfera social: principalmente quando o dispositivo da maternidade está alinhado a uma compreensão racista da reprodução (caso do nazismo, por exemplo).

Logicamente que tais níveis de controle do corpo da mãe visibilizam uma espécie de radicalização da racionalidade de poder que coordena a atuação do dispositivo, traduzindo um aspecto de reinterpretações do poder e a consequente manobra de ajustamento das condutas tendo em vista os objetivos fixados.

Como dissemos anteriormente, o dispositivo é um mecanismo historicamente ajustável. Tais calibragens trazem modificações que tentam fazer uma atualização do dispositivo em geral, no sentido de manutenção de sua eficiência de alguma forma, sendo que o próprio conceito de dispositivo também é reapresentado por Agamben, quando conceitua dispositivo como

> qualquer coisa que tenha de algum modo a capacidade de capturar, orientar, determinar, interceptar, modelar, controlar e assegurar os gestos, as condutas, as opiniões e os discursos dos seres viventes. Não somente, portanto, as prisões, os manicômios, o Panóptico, as escolas, a confissão, as fábricas, as disciplinas, as medidas jurídicas etc, cuja conexão com o poder é num certo sentido evidente, mas também a caneta, a escritura, a literatura, a filosofia, a agricultura, o cigarro, a navegação, os computadores, os telefones celulares e – por que não – a própria linguagem, que talvez é o mais antigo dos dispositivos, em que há milhares e milhares de anos um primata – provavelmente sem se dar conta das consequências que se seguiriam – teve a inconsciência de se deixar capturar. (AGAMBEN, 2009, p.40-41).

Agamben amplia consideravelmente a concepção dos dispositivos, à medida em que determina como requisito o fato da captura do que ele chama de viventes (os seres em geral), viabilizando a possibilidade de que praticamente qualquer coisa consiga, em algum momento histórico, tornar-se um dispositivo. Ademais, o ponto de vista de Agamben traz nosso olhar para o nível microfísico do dispositivo, ao ensejar com que a ação dos dispositivos esteja aberta para a observação a partir de sua capilaridade (e nisso há concordância com Foucault).

A observação do dispositivo agindo através de processos microfísicos leva-nos à realidade de atuação do poder sobre os sujeitos e também sobre os resultados da ação. Partindo disso é que Agamben chama a atenção para o resultado da relação entre viventes (os seres) e os dispositivos, designando o sujeito como aquilo “que resulta da relação e, por assim dizer, do corpo a corpo entre viventes e os dispositivos” (AGAMBEN, 2009, p.41).

Por essa razão, e também pelo fato de que a noção de dispositivo do filósofo italiano multiplica os processos de subjetivação, Agamben demonstra que um mesmo indivíduo, um mesmo ser vivente, pode cumular múltiplos processos de subjetivação:

> [...] Naturalmente as substâncias e os sujeitos, como na velha metafísica, parecem sobrepor-se, mas não completamente. Neste

> sentido, por exemplo, um mesmo indivíduo, uma mesma substância, pode ser o lugar dos múltiplos processos de subjetivação: o usuário de telefones celulares, o navegador na internet, o escritor de contos, o apaixonado por tango, o não-global etc. Ao ilimitado crescimento dos dispositivos no nosso tempo corresponde uma igualmente disseminada proliferação de processos de subjetivação. [...] (AGAMBEN, 2009, p.41).

Para o filósofo italiano, e nisso seu pensamento se diferencia de Foucault, na atual fase do capitalismo, inexiste a necessidade da produção de sujeitos através de convencionais modos de subjetivação. Na verdade, os sujeitos surgem por meio de processos de *dessubjetivação*:

> [...] um momento dessubjetivante estava certamente implícito em todo processo de subjetivação, e o Eu penitencial se constituía, havíamos visto, somente por meio da própria negação; mas o que acontece agora é que processos de subjetivação e processos de dessubjetivação parecem tornar-se reciprocamente indiferentes e não dão lugar à recomposição de um novo sujeito, a não ser de forma larvar e, por assim dizer, espectral. Na não-verdade do sujeito não há mais de modo algum a sua verdade. [...] (AGAMBEN, 2009, p.47).

Na visão de Agamben, as sociedades da atualidade não passam de “corpos inertes atravessados por gigantescos processos de dessubjetivação que não correspondem a nenhuma subjetivação real.” (AGAMBEN, 2009, p.48). Para Agamben, as novas tecnologias, tais como o celular, impõem formas de uso que transformam o usuário em meros “espectros” coadjuvantes do poder que deles toma conta.

Tal como um espectador de televisão que, ao zapear pelos canais, “recebe em troca da sua dessubjetivação apenas a máscara frustrante do *zappeur* ou a inclusão no cálculo de um índice de audiência.” (AGAMBEN, 2009, p.48). Dessa forma, esse autor deixa claro seu enfoque pessimista em relação ao sujeito dentro do jogo de forças de poder na sociedade atual, em que a simples operação dos dispositivos basta para fazer emergir a divisão no sujeito. De maneira que

> [...] Não é possível atribuir mais nada à política, se não esta ética da profanação desencarnada de qualquer sujeito. Só podemos dizer que o sujeito funciona como parte do dispositivo que dessubjetiva. Uma passivização implícita, na qualidade de falante que marca o sujeito e o toma como refém. [...] (CHIGNOLA, 2014, p.17).

Diferentemente de Agamben, Deleuze desenolve uma outra formulação acerca do conceito de dispositivo de Foucault. Em primeiro lugar, Deleuze apoia-se na intelecção de que Foucault, como um cartógrafo, pensa por linhas; uma vez que seu entendimento de como as forças de poder agem remonta à dimensão dos vetores, derivações, mudanças de direção:

> [...] um dispositivo implica linhas de forças. Pareceria que estas foram situadas nas linhas precedentes de um ponto singular a outro; de alguma maneira, elas “retificam” as curvas anteriores, traçam tangentes, envolvem os trajetos de uma linha com outra linha, operam idas e vindas entre o ver e o dizer e inversamente, agindo como setas que não cessam de penetrar as coisas e as palavras, que não cessam de conduzir à batalha. [...] (DELEUZE, 1990, p.2).

Esse movimento é a dinâmica de forças do próprio poder, que não se exterioriza *de per si*, mas circula, dividindo, ordenando, coordenando. Algo presentificável através das atuações que podemos pontuar, pela inflexão que sentimos quando há sobreposição das forças que se orientam para determinados pontos, onde se localiza o nó que põe em relação o poder e o saber:

> [...] tão presente na nossa vida que se torna imperceptível, se alguma coisa – algo como um reagente, um “catalisador químico”, que Foucault utilizará em outra ocasião (Le sujet el le pouvoir (1982), II, 1044) – não o deixa visível. O reagente que viabiliza o poder nas formas locais e específicas do seu exercício é a resistência que a ele é oposta, a linha de fuga, como Deleuze chamará, que deve ser buscada continuamente. [...] um esquema de composição [...], uma relação, um nó. Saber, poder e subjetividade, as três instâncias que podem ser totalmente reconduzidas, no arco da sua trajetória, [...] (CHIGNOLA, 2014, 8-9).

A resistência aqui é colocada como princípio identificador da atuação de um poder. Dessa forma, os modos de subjetivação não apenas produzem os sujeitos, mas também são responsáveis pela insurgência das resistências (as linhas de fuga), que determinam trajetórias de contraposição às forças em atuação. Essa relação de contraposição também está expressa por Deleuze ao considerar que

> [...] aquele que se subjetiva, são tanto os nobres - os que dizem, segundo Nietzsche, “nós os bons” - como os (mesmo que em outras condições) os excluídos, os maus, os pecadores ou ainda os eremitas, ou as comunidades monacais, ou os heréticos: toda uma tipologia das

> formações subjetivas, em dispositivos móveis. [...] (DELEUZE, 1990, p.4).

No entanto, o que a consideração da subjetividade deixa-nos ver é o caráter diagramático do poder, o qual se diferencia da perspectiva do saber pela natureza de aplicabilidade que possui. Conforme Deleuze (2005), o poder e o saber diferem-se, apesar de estabelecerem um ponto de inflexão (no dispositivo). A natureza do poder é pontual e diagramática; o ponto de contato que se exerce é entre forças (ao que podemos afirmar que a resistência também é uma força).

Portanto, a imbricação saber-poder no dispositivo não implica no surgimento de uma terceira natureza, mas é pela necessidade estratégica que tanto saber quanto poder funcionam no dispositivo, sem que suas naturezas sejam modificadas, ou seja, para Deleuze, o saber continua sendo da ordem do enunciável e o poder da ordem do visível. Daí a inevitabilidade das capturas entre elementos do saber e do poder no sentido de composição do dispositivo.

> [...] Entre o poder e o saber, há diferença de natureza, heterogeneidade; mas há também pressuposição recíproca e capturas mútuas e há, enfim, primado de um sobre o outro. Primeiramente diferença de natureza, já que o poder não passa por formas, apenas por forças. O saber diz respeito a matérias formadas (substâncias) e a funções formalizadas, repartidas segmento a segmento sob as duas grandes condições formais, ver e falar, luz e linguagem: ele é, pois, estratificado, arquivado, dotado de uma segmentaridade relativamente rígida. O poder, ao contrário, é diagramático: mobiliza matérias e funções não-estratificadas, e procede através de uma segmentaridade bastante flexível. Com efeito, ele não passa por formas, mas por *pontos*, pontos singulares que marcam, a cada vez, a aplicação de uma força, a ação ou reação de uma força em relação às outras, isto é, um afeto com “estado de poder sempre local e instável”. [...] (DELEUZE, 2005, p.81).

Para Deleuze, a formulação estratégica do dispositivo está ligada ao movimento que o saber faz em direção ao poder, cujo percurso é determinado pelas caraterísticas singulares das condições históricas, que emergem em função da necessidade estratégica das forças em atuação. É o próprio Deleuze que explica:

> Eu diria, precisamente: é assim que o saber ultrapassa a si na direção do poder. Por quê? Porque o poder é relação, e a relação de poder é estritamente a mesma coisa que uma relação de força. Em Foucault, relação de poder, no singular, e relações de força, no plural, são estritamente sinônimos. Se o saber se ultrapassa na direção do poder,

> é porque as relações das duas formas (forma do visível e forma do enunciado) ultrapassam a si na direção das relações de força [que] elas encarnam. De modo que temos a fórmula abstrata da relação saber-poder, antes de entendermos concretamente o que é o poder. (DELEUZE, 2020, p.7).

Nessa perspectiva, o autor opõe em eixos diferentes o que ele designa como o *estratificado*, localizado no eixo do saber, e o *não estratificado*, relativo ao eixo do poder (DELEUZE, 2005), destacando que a movimentação estratégica em direção ao poder pode ser observada mesmo a partir dos limiares dos saberes que surgem:

> [...] as ciências do homem não são separáveis das relações de poder que as tornam possíveis e que suscitam saberes mais ou menos capazes de atravessar um limiar epistemológico ou de formar um conhecimento: por exemplo, para uma *scientia sexualis*, a relação penitente-confessor, fiel-diretor de consciência; ou, para a psicologia, as relações disciplinares. Não quer dizer que as ciências do homem vêm da prisão, mas que elas supõem o diagrama das forças do qual a própria visão depende. Inversamente, as relações de força permaneceriam transitivas, instáveis, evanescentes, quase virtuais, em todo caso não-conhecidas, se não se efetuassem nas relações formadas ou estratificas que compõem saberes. Mesmo o saber da Natureza e, sobretudo, a transposição de um limiar de cientificidade, remetem a relações de força entre os homens [...] (DELEUZE, 2005, p.82).

O movimento estratégico é o determinante em relação ao embricamento saber-poder no dispositivo. Por exemplo, com o crescente interesse no cuidado com a criaça a partir do século XVII, certas práticas são incentivadas em detrimento de outras, tais como a amamentação pela mãe biológica *versus* a amamentação com amas de leite.

Obviamente, foi a defesa da amamentação feita pela mãe biológica, como parte de ação estratégica das forças de poder, que determinou a necessidade de subjetivar as mães para que estas fossem as “boas mães”, inventadas pelos filósofos e pelos literatos. Todo esse diagrama de poder do dispositivo da maternidade permite que sejam observadas as repartições de um dispositivo, tais como teorizadas por Deleuze, com suas linhas divididas em “linhas de estratificação ou de sedimentação, linhas de atualização ou de criatividade” (DELEUZE, 1990,p.7).

Ainda segundo o filósofo, esse processo do dispositivo, das enunciabilidades/visibilidades implicadas na manutenção do mesmo, torna possível reconhecer como componentes do dispositivo “[...] linhas de visibilidade, linhas de enunciação, linhas de força, linhas de subjetivação, linhas de ruptura, de fissura, de

fratura que se entrecruzam e se misturam [...]" (DELEUZE, 1990, p.4). Como componentes do dispositivo, tais linhas não apenas traçam o diagrama de força do dispositivo, assim como também fazem ver aspectos da relação entre a perspectiva enunciativa e o poder.

No âmbito da formação discursiva, o campo de construção da "boa mãe" como objeto da racionalidade iluminista passa pela descoberta da mulher como o outro (o outro corpo) em relação ao homem, a partir do XVII, quando anatomistas finalmente comprovam a diferença física, deixando de lado a crença essencialista/naturalisata que, de acordo com Gomez,

> [...] define os sexos em função de critérios binários (quente/frio) e segundo o *telos* da perfeição, ou seja, segundo a ideia de que o mais imperfeito sempre tende ao mais perfeito. Conforme esse critério, havia uma "diferença de grau" entre os sexos e não biológica nem anatômica, apoiada na ideia de que os órgãos genitais femininos eram iguais aos masculinos, só que revertidos para dentro. Desde a Antiguidade, vigorou essa representação, na qual se pensava que a mulher podia transformar-se em homem se o calor aumentasse (porque, nesse caso, seus órgãos genitais poderiam descer), mas não o inverso, pois o homem, quente, era a própria encarnação da perfeição. [...] (GOMEZ, 2000, p.59).

Essa concepção essencialista não apenas estava carregada de diversos problemas quanto à cientificidade de suas proposições, mas principalmente traz um erro metodológico que continuará sendo perpetrado ainda em relação ao tipo de ciência que será praticada em relação às mulheres, que é: medir os fenômenos femininos tendo o homem como padrão.

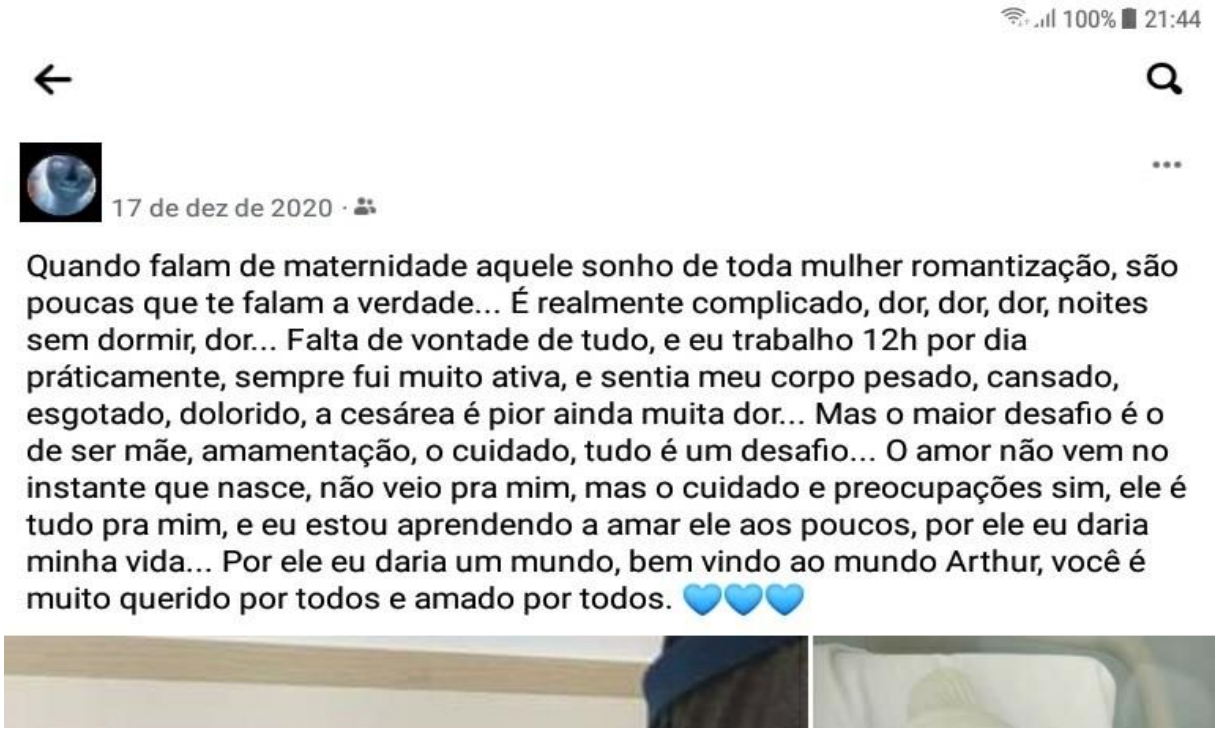
Logo a constatação da diferenciação anatômica das mulheres em relação aos homens será vista como um fato, que corrobora o princípio de que as mulheres não apenas são inferiores aos homens; elas não pertencem à mesma esfera social que eles. O discurso filosófico e o literário constroem um imaginário em torno do feminino ligado à maternidade, buscando alimentar a sociedade com formas idealizadas e pouco respaldadas na realidade feminina. Ainda de acordo com Gomez,

> Michelet (1798-1874) foi um fiel representante desta ideologia da maternidade e do espaço privado, que fixa a sexualidade feminina nas intensidades do parto e da amamentação. Ele considerava a maternidade como um instinto com o qual toda mulher nascia e, ao mesmo tempo, como uma compensação por causa da recusa ao prazer sexual que acompanhava o ideal de casamento. Idealizava-a,

> mas apenas em sua dimensão dolorosa, como se não houvesse lugar para o prazer, como se o erotismo materno fosse identificado só com dor e sofrimento. Também Balzac retrata essa ideologia da rainha do lar da burguesia e da classe média através de Renée, o personagem principal de sua obra *Mémoires de deux jeunes mariés*: casada com um homem gentil, Renée deseja a maternidade para poder viver o erotismo e o prazer que não vive com seu marido e vivencia a experiência da amamentação com uma sensação semelhante ao orgasmo [...] (GOMEZ, 2000, p.62).

Voltando à relação entre enunciabilidades e poder, percebemos o funcionamento de um discurso totalmente fora da realidade feminina, pondo em efeito uma idealização que tenta convencer as mulheres da época (séculos XVIII-XIX) da veridicção do que é apresentado. Contudo, certamente a experiência das mulheres tem condições de trazer outro ponto de vista em relação à maternidade. A imagem a seguir foi retirada da rede social particular da pesquisadora. Tal imagem foi modificada quanto a itens de identificação do sujeito produtor, mas trata-se de uma jovem mãe relatando sua experiência com a maternidade recente à época (2017).

Imagem 01: texto postado em rede social da pesquisadora



Fonte: Facebook.

Essa jovem mãe parresiástica relata como sua experiência real da maternidade ficou distante do sonho (da romantização). A experiência física (corporal) da dor, da dificuldade com as noites sem dormir; ausência de desejo; dificuldade em lidar com o

“corpo pesado, cansado, esgotado”. Ela ainda ressalta a amamentação como um “desafio de ser mãe”, “o cuidado”. Em sua coragem, ela prossegue afirmando que o amor não é imediato, mas é um aprendizado, que ela está encarando com relativo otimismo apesar dos problemas.

Esse enunciado é uma raridade no âmbito dos discursos que encontramos sobre a experiência da maternidade. O próprio sujeito parresiástico registra que “são poucas que te falam a verdade...”, isto é, a não verdade parece ser uma regra enunciativa, uma regularidade do discurso materno em relação à experiência da maternidade. Parece que as mulheres, em sua grande maioria, aceitam assumir a máscara da “boa mãe”, que lhe é entregue pelo dispositivo. Arriscamos dizer que isso é efeito da pressão social sobre as mulheres para que elas desempenhem as “boas mães” à perfeição.

Mas o que é ser mãe? Pergunta improvável de ser respondida aqui, mas necessária de ser feita. Não sabemos como respondê-la brevemente (nem longamente), porém sua formulação nos remete à situação de refletir sobre como definir a maternidade ou recolocar o que caracteriza o sujeito-mãe. Principalmente, retirar da maternidade esse ranço da “romantização” em torno da sua vivência. O embate que há entre o discurso do sujeito e os discursos sobre os sujeito traz a marca de um distanciamento. A questão da verdade, o princípio da realidade, encontra aqui um abismo, colocado entre o silêncio dos sujeitos (o mascaramento) e o devaneio dos observadores. Aproximando-nos de Agamben, quando este trata da dessubjetivação (ou momentos de dessubjetivação) dos sujeitos em relação ao dispositivo, temos o seguinte:

> [...] o que define os dispositivos com os quais temos que lidar na atual fase do capitalismo é que estes não agem mais tanto pela produção de um sujeito quanto por meio de processos que podemos chamar de dessubjetivação. Um momento dessubjetivante estava certamente implícito em todo processo de subjetivação, e o Eu penitencial se constituía, havíamos visto, somente por meio da própria negação; mas o que acontece agora é que processos de subjetivação e processos de dessubjetivação parecem tornar-se reciprocamente indiferentes e não dão lugar à recomposição de um novo sujeito, a não ser de forma larvar e, por assim dizer, larvar. Na não-verdade do sujeito não há mais de modo algum a sua verdade. [...] (AGAMBEN, 2009, p.47).

No caso da postagem da jovem mãe com que estamos lidando, constatamos que a reassunção da subjetividade (e da posição no dispositivo) é logo retomada ao

final do texto quando o sujeito-mãe volta a falar: “por ele eu daria um mundo”, “querido por todos”, “amado por todos”. O sujeito-mãe reaparece, reafirmando seu sentimento de amor em relação ao filho (a “boa mãe” funcionando), o dispositivo se impõe, inclusive socialmente.

A jovem mãe se posiciona novamente como sujeito do dispositivo, ressalvando que está em processo de aprendizagem desse amor, “eu estou aprendendo a amar ele aos poucos”, ou seja, a verdade do sujeito não o correfere totalmente ao dispositivo: o sujeito é o que Agamben define como uma forma espectral, larvar, mascarada até; algo cuja existência não podemos garantir totalmente, embora também não possamos dizer que não exista.

Essa correferência ao dispositivo também se enfraquece em algumas situações em imagens, que talvez sejam pontuadas aqui em nossa pesquisa oportunamente. Todavia, gostaríamos de abordar uma imagem, cuja situação talvez seja algo emblemático em relação ao sujeito e sua constituição/desconstituição. Essa imagem pertence à fotógrafa líbano-americana Rania Matar e consta da série *Unspoken Conersations – Mothers & Daughters*. Na foto podemos ver a mãe Huguette Caland com sua filha Brigitte.

Imagem 02: Brigitte e Huguette, Ghazir Lebanon, 2014

Fonte: https://raniamatar.com/portfolio/unspoken-conversations/

Huguette Caland foi uma famosa pintora, escultora e designer de moda libanesa. A foto em que aparece com a filha Brigitte foi tirada por Matar em 2014, no Líbano, quando a artista tinha por volta de 83 anos. Vejamos o que Rania Matar conta sobre o momento da foto, de acordo com uma entrevista:

> [...] She didn't look very present as I was photographing them. And it made me very emotional. So I started crying and when I started crying, they both started crying and I put my camera down and the mother, who had looked absent, literally said to me "emotions are importante, you're an artist, don't stop". [...] (MATAR, 2018a).[7]

Essa fala de Rania destaca o efeito que a ausência de Huguette causou nela, fazendo com que chorasse. Ausência essa que é a não presença da pessoa em termos de uma participação consciente, tendo em vista a velhice da pintora, mas é também a ausência pela obsolescência do sujeito, isto é, a perda da vida útil do sujeito mãe, a sua não necessidade, seu decaimento em termos práticos das ações que esse sujeito podia desempenhar.

Nessa imagem de Huguette, o que sobressai é exatamente o contrário, a filha Brigitte funcionando como "mãe" da própria mãe. O choro que as três mulheres experimentaram (mãe, filha e fotógrafa), pouco antes da foto, reforça o sentido trágico dessa obsolescência da mãe, posto que tal ausência é uma antecipação do fim, do aniquilamento do sujeito, a morte. Nesse caso, o momento de dessubjetivação estaria provocando um tipo de "desativação" subjetiva – o sujeito guarda uma ligação com aquela posição subjetiva, mas já não funciona mais nela. Vejamos o que nos diz o texto abaixo.

> [...] This was emotional. Huguette Caland, the mother, is one of the most famous artists in the Middle East. As you can see, she's getting older. She was no longer painting when I went to take that picture, but she's wearing the smock she wore when she painted. The daughter was very protective of her. I started crying. And when I started crying, they both started crying. So I put my camera down. And the mother, who had seemed distant until then, said, "You're an artist. Emotions are important. Don't stop." So she gave me permission to make that photo, which added such a meaning to it, for me. Most of the other stuff is about women more my age with girls who are the ages of my

[7] [...] Ela não parecia muito presente enquanto eu as fotografava. E isso me emocionou muito. Então eu comecei a chorar e quando eu comecei a chorar, as duas começaram a chorar e eu coloquei minha câmera para baixo e a mãe, que parecia ausente, literalmente me disse "emoções são importantes, você é uma artista, não pare". [...] (MATAR, 2018a).

> daughters. Here, it's the daughter who's my age, with the mother who's older. And the role of who's the caretaker has shifted. (MATAR, 2018b).[8]

No caso desse segundo comentário de Rania Matar sobre o mesmo momento de tomada da foto de Huguette, temos uma consideração maior desse momento a partir do ponto de vista da filha (Brigitte). Assim, a reação protetiva de Brigitte em relação à mãe nos remete à sua transformação em "mãe" de sua mãe. A própria fotógrafa faz essa associação como pode ser comprovado pelo final de seu comentário ("And the role of who's the caretaker has shifted"), destacando que o papel de "cuidadora" mudou da mãe para a filha, cuja idade é igual à da fotógrafa.

Devemos atentar para o detalhe de que Huguette aparece na foto de Rania vestida com a bata (smock) que costumava usar quando pintava. Sendo essa uma clara referência a ela como pintora, atividade não mais exercida provavelmente pelo impedimento físico da idade. No entanto, não é pelo viés da atividade profissional que o sujeito é registrado.

Essa foto em questão é um registro de uma dessubjetivação de traços constitutivos do sujeito que já não aderem mais, como numa arquitetura subjetiva que declina. Por isso a emoção de todos aflora em resposta a essa situação de que o sujeito está caminhando para o final da vida. A vida que tinha parece não mais servir. Vemos o próprio sujeito reagir sim frente à emoção, reforçando a importância dessa emoção. Contudo, não é a presença da mãe que emerge ao dizer da importância da emoção.

Algo mais perene se manifesta assim. Um alguém que reconhece o valor e a beleza daquilo que realmente importa – arriscamos dizer, pensando foucaultianamente, que é a voz da experiência humana mais profunda que se manifesta para realçar o belo da existência de si, legitimando a emoção e a prática artística da fotógrafa (You're an artist. Emotions are important. Don't stop).

---

[8] [...] Isso foi emocional. Huguette Caland, a mãe, é uma das artistas mais famosas do Oriente Médio. Como você pode ver, ela está envelhecendo. Ela não estava mais pintando quando fui tirar aquela foto, mas está usando o avental que usava quando pintava. A filha era muito protetora com ela. Comecei a chorar. E quando eu comecei a chorar, ambas começaram a chorar. Então eu coloquei minha câmera para baixo. E a mãe, que até então parecia distante, disse: "Você é uma artista. As emoções são importantes. Não pare." Então ela me deu permissão para fazer aquela foto, que acrescentou tanto significado a ela, para mim. A maioria das outras coisas é sobre mulheres mais da minha idade com garotas que têm a idade das minhas filhas. Aqui, é a filha que tem a minha idade, com a mãe que é mais velha. E o papel de quem é a cuidadora mudou. (MATAR, 2018b).

Remetendo a uma visão mais ampla dessa matéria da finitude humana, inclusive sem falar em dessubjetivação, Deleuze (2018) refere-se a “mortes parciais” e multiplicidade da morte na vida, talvez para designar esses momentos em que o aparato subjetivo é levado a encarar uma situação em que experimenta a potência solapadora dessa situação de transformação de sua constituição:

> [...] Mas se a morte é uma potência coextensiva à vida, então se morre. E – segunda novidade – longe de ser um instante indivisível, a morte está disseminada, pluralizada, multiplicada na vida. Ela é coextensiva à vida e ao mesmo tempo dissemina-se na vida sob a forma de mortes parciais. Logo, a morte como potência coextensiva à vida e, segundo ponto, as mortes parciais, parcelares e múltiplas, que aliás prosseguem após a grande morte, aquela que chamamos de morte legal. Pois bem, não paramos de morrer, assim como começamos a morrer. Se vocês olharem nem que seja o sumário do livro de Bichat poderão ver como fala de morte cardíaca, morte cerebral, morte pulmonar e de todos os outros tipos de mortes. Este tema das mortes múltiplas e parciais começa com Bichat. [...] (DELEUZE, 2018, p.20).

Daí o discernimento de Agamben sobre o “mascaramento” identitário dos sujeitos em função da existência de múltiplos processos de captura pelos diferentes dispositivos, exigindo que os sujeitos passem por “múltiplos[9] processos de subjetivação”, para atenderem às demandas cada vez mais interinas da sociedade atual, cuja transitoriedade é imposta aos sujeitos, que não têm outra saída a não ser adotarem máscaras para o trânsito entre essa diversidade dos dispositivos e subjetividades.

> [...] Neste sentido, por exemplo, um mesmo indivíduo, uma mesma substância, pode ser o lugar dos múltiplos processos de subjetivação: o usuário de telefones celulares, o navegador na internet, e o escritor de contos, o apaixonado por tango, o não-global etc. Ao ilimitado crescimento dos dispositivos no nosso tempo corresponde uma igualmente disseminada proliferação de processos de subjetivação. Isso pode produzir a impressão de que a categoria da subjetividade no

[9] Agamben exemplifica: [...] Chamo sujeito o que resulta da relação e, por assim dizer, do corpo a corpo entre os viventes e os dispositivos. Naturalmente as substâncias e os sujeitos, como na velha metafísica, parecem sobrepor-se, mas não completamente. Neste sentido, por exemplo, um mesmo indivíduo, uma mesma substância, pode ser **o lugar dos múltiplos processos de subjetivação**: **o usuário de telefones celulares, o navegador na internet, o escritor de contos, o apaixonado por tango, o não-globalizado etc**. Ao limitado crescimento dos dispositivos no nosso tempo corresponde uma igualmente disseminada proliferação de processos de subjetivação. Isso pode produzir a impressão de que a categoria da subjetividade no nosso tempo vacila e perde consistência; mas se trata, para ser preciso, não de um cancelamento ou uma superação, mas de uma disseminação que leva ao extremo o **aspecto de mascaramento** que sempre acompanhou toda identidade pessoal. [...] (AGAMBEN, 2009, p. 41-42, grifo nosso).

> nosso tempo vacila e perde consistência; mas se trata, para ser preciso, não de um cancelamento ou de uma superação, mas de uma disseminação que leva ao extremo o aspecto de **mascaramento** que sempre acompanhou toda identidade pessoal. [...] (AGAMBEN, 2009, p.41-42, grifo nosso).

Na contemporaneidade, dessa maneira, existe uma dificuldade com a "subjetivação real" (AGAMBEN, 2009, p.48) dos sujeitos frente ao triunfo da política, ou seja, da *oikonomia*[10] dos dispositivos. A dinâmica de funcionamento dessa *oikonomia* consiste em "uma pura atividade de governo que visa somente à sua própria reprodução" (AGAMBEN, 2009, p.49), alternando esquemas de poder que apenas interessam-se pela permanência dos mesmos "jogadores" em ação nesse jogo pelo poder; "jogadores" assim designados por Agamben como [...] aquele que aposta sem escrúpulos na dessubjetivação e aquele que gostaria, ao contrário, de recobri-la com a máscara hipócrita do bom cidadão democrático – de uma mesma máquina governamental. [...] (AGAMBEN, 2009, p.49).

No que concerne ao dispositivo da maternidade, podemos perceber como o sujeito é afetado pelas ações de governo em curso, quando olhamos para as mudanças ocorridas no cenário social do planeta. A eclosão de conflitos pelo mundo transforma o cotidiano dos sujeitos, fazendo emergir aspectos que interferem na própria constituição das subjetividades. Observemos a seguinte imagem da fotógrafa Rania Matar.

[10] Termo usado por Giorgio Agamben para designar um sistema de governo existente pela ação dos diferentes dispositivos: [...] Comum a todos esses termos é a referência a uma *oikonomia*, isto é, a um conjunto de práxis, de saberes, de medidas, de instituições cujo objetivo é gerir, governar, controlar e orientar, num sentido que se supõe útil, os gestos e os pensamentos dos homens. [...] (AGAMBEN, 2009, p.39).

Imagem 03: Nisreen e Ola em Bourj El Barajneh, campo de refugiados, Beirute, Líbano, 2015.

Fonte: https://raniamatar.com/portfolio/unspoken-conversations/

Estão na imagem 03 mãe e filha dispostas lado a lado. A vestimenta da mãe é o que mais capta nossa atenção: ela professa a fé islâmica. A seu lado a filha está portando roupas ocidentais bem típicas de qualquer jovem do ocidente, o que poderia significar um ponto de atrito entre as duas, mas não é isso que nos chama a atenção e sim o fato de que os sujeitos estão posando em frente a uma parede.

A foto foi tirada em 2015, num campo de refugiados, fato que remete a uma desterritorialização[11] dos sujeitos em todos os sentidos. No entanto, no que tange à mãe, essa desterritorialização desfaz o elo desta com a esfera da casa, do doméstico, do que é privado, da cultura social que enraíza tal indivíduo no âmbito de um território

[11] Processo pelo qual o sujeito é agenciado pela enunciação ou pelo corpo para abandonar um território, que pode ser qualquer coisa ou lugar: [...] *Territorialidade/desterritorialização/reterritorialização:* a noção de território é entendida aqui num sentido muito amplo, que ultrapassa o uso que dela fazem a etologia e a etnologia. Os seres existentes se organizam segundo territórios que os delimitam e os articulam aos outras existentes e aos fluxos cósmicos. O território pode ser relativo tanto a um espaço vivido, quanto a um sistema percebido no seio do qual um sujeito se sente «em casa». O território é sinônimo de apropriação, de subjetivação fechada sobre si mesma. Ele é o conjunto dos projetos e das representações nas quais vai desembocar, pragmaticamente, toda uma série de comportamentos, de investimentos, nos tempos e nos espaços sociais, culturais, estéticos, cognitivos. O território pode se desterritorializar, isto é, abrir-se, engajar-se em linhas de fuga e até sair de seu curso e se destruir. A espécie humana está mergulhada num imenso movimento de desterritorialização, no sentido de que seus territórios “originais” se desfazem ininterruptamente com a divisão social do trabalho, com a ação dos deuses universais que ultrapassam os quadros da tribo e da etnia, com os sistemas maquínicos que a levam a atravessar, cada vez mais rapidamente, as estratificações materiais e mentais. A reterritorialização consistirá numa tentativa de recomposição de um território engajado num processo desterritorializante. O capitalismo é um bom exemplo de sistema permanente de reterritorialização: as classes capitalistas estão constantemente tentando "recapturar" as processos de desterritorialização na ordem da produção e das relações sociais. Ele tenta, assim, controlar todas as pulsões processuais (ou *phylum* maqufnico) que trabalham a sociedade. [...] (GATTARI; ROLNIK,1996, p.323).

de existência, onde este sujeito iria “espacializar” os traços de subjetividade, que tornam possível o existente ser exatamente quem é.

> [...] Seguindo a lógica do pensamento de Deleuze e Guattari, Doel vê o espaço como algo sempre em processo, um permanente “tornar-se” (ou “devir”, segundo a tradução brasileira). Para ele, “se algo existe, é apenas enquanto confluência, interrupção e coagulação de fluxos”. Em consequência, não há “última instância” ou estrutura primeira, solidez e fluidez nunca estão separadas, “a permanência é um efeito especial da fluidez”. Por isso, o espaço é, antes de tudo, um processo, uma “espacialização” (*spacing*). [...] (HAESBAERT, 2011, p.105).

O poder que não é visto na fotografia em questão é o poder de uma biopolítica de exclusão; algo com que Rania Matar demonstrar ter muito cuidado, já que as mulheres muçulmanas aparecem em suas fotos, principalmente aquelas que estão alocadas em campos de refugiados. Em entrevistas, Matar não se cansa de reafirmar a relevância dada por ela às causas do povo que marca sua ascendência libanesa, cujos pais são de origem palestina.

> [...] My previous work *Ordinary Lives* was about showing the humanity of people in Lebanon (in the aftermath of war, in the refugee camps and behind the veil), their daily lives and different aspects of women's issues in the Middle East. My current work focuses on teenagers and not necessarily teenagers from the Middle East. I originally intended it as work in the US, but I am too connected to the Middle East not to include it. I feel I went full circle. My projects connected and that connected me at this point with Natan's work. For me, my work was about showing teenage girls in the privacy of the little shell that is their bedroom. I found that girls are the same on some level everywhere at that age. Despite cultural and sometime religious differences, the same tension exists in the lives of those girls everywhere. They have to deal with the changes in their bodies, with the fact that they are trying to find themselves, that they are scared or anxious about the future and they rebel (some more than others). It was very interesting to see the duality in those girls almost always present: aspects of the little girls they had barely left behind and glimpses of the women they were turning into. [...] (MATAR, 2010).[12]

[12] [...] Meu trabalho anterior, *Ordinary Lives*, foi sobre mostrar a humanidade das pessoas no Líbano (no pós-guerra, nos campos de refugiados e atrás do véu), suas vidas diárias e diferentes aspectos das questões das mulheres no Oriente Médio. Meu trabalho atual se concentra em adolescentes e não necessariamente adolescentes do Oriente Médio. Originalmente, eu pretendia que fosse trabalhar nos EUA, mas estou muito ligado ao Oriente Médio para não incluí-lo. Sinto que fiz um círculo completo. Meus projetos se conectaram e isso me conectou neste momento com o trabalho de Natan. Para mim, meu trabalho era mostrar adolescentes na privacidade da pequena concha que é o quarto deles. Descobri que as meninas são as mesmas em algum nível em todos os lugares nessa idade. Apesar das diferenças culturais e às vezes religiosas, a mesma tensão existe na vida dessas meninas em todos os lugares. Eles têm que lidar com as mudanças em seus corpos, com o fato de que estão tentando se

A preocupação de Matar em mostrar a humanidade existente nos sujeitos que ela fotografa é fortalecida também com o ataque de 11 de setembro de 2011[13], que trouxe para a fotógrafa uma maior consciência sócio-cultural não apenas em relação à sua posição como mulher, de origem líbano-palestina, mas também uma certeza de que a fotografia seria esse instrumento de aproximação entre as pessoas, à medida em que as imagens fossem revelando essa humanidade presente nas pessoas em geral. Nesse processo, a fotógrafa tinha acesso à intimidade das pessoas, assim como também permitia que as pessoas ficassem à vontade para mostrar o que quisessem.

Na fotografia 03, a presença de mãe e filha na frente de uma parede não é um produto apenas da fotógrafa. Essa espacialização é um efeito de um macropoder, cuja ação tem efeito sobre esses sujeitos, no sentido de afetar suas vidas a ponto de retirá-las de suas casas, seu país, sua terra para transformá-las em refugiadas. Essa desterritorialização acontece pela atuação de um projeto macropolítico, o qual determina ações governamentais que visam o controle sobre populações ou nações.

Percebemos que tais imagens de desterritorialização do sujeito-mãe (e filha) são uma regularidade na série da fotógrafa Rania Matar, justamente pelo compromisso que ela tem em mostrar essas subjetividades que estão submetidas ao regime de governo mundial, que privilegia alguns povos em detrimento de outros.

Observa-se que a função das paredes é justamente enfatizar a desterritorialização dos sujeitos, colocando em foco a presença física dos mesmos, dizendo que as únicas posses talvez sejam apenas seus corpos e aquela relação mãe-filha. Destruiu-se o vínculo do sujeito-mãe com o ambiente da casa, algo extremamente caro ao dispositivo da maternidade, que teve como um dos principais esforços justamente esse de localizar o sujeito-mãe no território da casa, do doméstico.

---

encontrar, que estão com medo ou ansiosos com o futuro e se rebelam (alguns mais que outros). Foi muito interessante ver a dualidade naquelas meninas quase sempre presentes: aspectos das menininhas que mal haviam deixado para trás e vislumbres das mulheres em que estavam se transformando. [...] (MATAR, 2010).

[13] Esse fato é contado pela fotógrafa em várias entrevistas de como os indivíduos do Oriente Médio passaram a ser contados entre os inimigos (eles contra nós). Confrontar com vídeos do Youtube, tais como: “Rania Matar - Portrait and Fine-Art Photographer” em **https://www.youtube.com/watch?app=desktop&v=9LZ8c0ArZwo** ou “Artist talk with Rania Matar” em **https://www.youtube.com/watch?v=FWBDvhojwdk**.

A mãe refugiada, que professa a fé islâmica, diante da filha com roupas ocidentais, poderia também ser a imagem da impotência: a mãe não conseguiu levar a filha a adotar suas vestimentas e, portanto, sua religiosidade, sua cultura de mulher a partir daquilo que ela demonstra investir para si mesma, não conseguiu atingir uma continuidade nas escolhas da filha. A mãe refugiada está ataviada daquilo justamente pelo qual ela foi feita refugiada – uma configuração subjetiva que a condena a se desenraizar de tudo que possa dar-lhe solo, nutrientes, adubo, água, ou seja, há um poder que afeta o sujeito-mãe no sentido de leva-la à ausência de si. Esta é a mãe que está à mercê do poder de polícia, do poder disciplinar, da vigilância, julgamento, etc.

Por outro lado, a ocidentalização da aparência da filha seria um indício conflitante de territórios entre o sujeito-filha e o sujeito-mãe, provável consequência da desterritorialização dos sujeitos e da existência em campo de refúgio. A filha, ao identificar-se com as roupas ocidentais, talvez esteja buscando um caminho de sobrevivência de si, pelo qual ela quer construir a sua linha de fuga em uma possível reterritorialização de sua subjetividade.

Estes são aspectos a serem considerados tendo em vista a confrontação desta imagem com várias outras nas quais a fotógrafa aborda os sujeitos mãe e filha dentro do território doméstico esperado para o dispositivo da maternidade: o ambiente da casa, dos cômodos domésticos, com os objetos decorativos familiares aos sujeitos; o que também perfaz uma outra regularidade das imagens de Rania Matar, em que se consegue observar o mundo microfísico de relações de poder entre os sujeitos mãe e filha. Pensando o dispositivo dentro dessa perspectiva, consideremos a próxima imagem de Rania Matar.

Imagem 04: Soraya e Tala, Yarze, Líbano, 2014.

Fonte: https://raniamatar.com/portfolio/unspoken-conversations/.

Na Imagem 04 o contraste é bem visível. Aqui encontramos os sujeitos supostamente lado a lado, no entanto não é isso o que ocorre: a mãe está posicionada em frente a uma parede branca; enquanto a filha está posicionada no vão de uma passagem, onde há pouca luz. Esse jogo entre escuro/claro também está nas camisetas dos sujeitos. Embora não consigamos determinar com absoluta certidão o que significariam tais distinções de cores, é certo que podemos afirmar uma divergência subjetiva entre mãe e filha, que as territorializa em esferas diferentes de poder, colocando mãe e filha em oposição.

O movimento disjuntivo que vemos ocorrer entre essa mãe e filha é captado pelo conjunto fotográfico com superenquadramentos[14] de mãe e filha em espaços

[14] Estabelecimento de centros na imagem, quer pelo uso de quadros do cenário, quer pelo uso de objetos que favoreçam o espelhamento. "[...] Enquadrar é, portanto, fazer deslizar sobre o mundo uma pirâmide visual imaginária (e às vezes cristalizá-la). Todo enquadramento estabelece uma relação entre um olho fictício – o do pintor, da câmara, da máquina fotográfica – e um conjunto organizado de objetos no cenário: o enquadramento é pois, nos termos de Arnheim, uma questão de centramento/descentramento permanente, de criação de centros visuais, de equilíbrio entre diversos centros, sob a direção de um 'centro absoluto', o cume da pirâmide, o Olho. A questão do enquadramento também tem a ver com a da *composição*. Isso fica claro na fotografia, que por muito tempo procurou ser uma prática artística em torno da ideal conjunção de um enquadramento documentário (por construção) e de uma composição geometricamente interessante. A relação entre enquadramento e centramento não é menos evidente no cinema; na imensa maioria dos filmes clássicos, a imagem é construída em torno de um ou dois centros visuais, quase sempre personagens, a ponto de se ter podido caracterizar o estilo clássico como essencialmente centrado. Devemos

interligados pela adjacência, mas separados pela configuração. O espaço da mãe, uma parede branca de fundo, perto de uma janela por causa da luminosidade incidente, parece representar mais o espaço da estabilidade, onde há poucas mudanças e menos movimento, um lugar junto a uma janela com luz onde se pode ficar e onde tudo poder ser visto.

Ao contrário, o espaço da filha foi constituído a partir de um vão, um corredor, uma passagem pela qual podemos vislumbrar, ao fundo, a decoração de outro lugar, outra sala. Nessa passagem predomina a penumbra, a sombra, um *chiaroscuro* fotográfico, o que torna o contorno do corpo da filha algo indefinido em razão da sombra e da cor escura das roupas. Aliás, a posição recuada do corpo da filha dá a entender que ela pretende evitar tanto a luz do espaço da mãe, quanto a proximidade entre elas.

Esse esquema disjuntivo entre os sujeitos sugere que o esquema de forças entre elas está traçado sobre uma base conflituosa. Embora a imagem denote alguma harmonia entre elas, a territorialidade construída com aspectos visuais da imagem fotográfica indica que confrontos podem existir entre elas. O olhar das duas, encarando a câmera fotográfica, transmite assertividade de ambos os sujeitos, o que nos oferece relativa certeza sobre a firmeza de conduta dos dois sujeitos; ambas preconizam a assertividade de suas posturas, confirmam-na em todos os detalhes de sua natureza.

Sobre essa fotografia, Rania Matar destaca que lhe chamou a atenção que a mãe talvez estivesse pouco à vontade com a situação, pois parecia muito consciente fisicamente de seu próprio corpo. Além disso, parece-lhe que ela transmitia insegurança pela posição dobrada dos braços, como se quisesse segurar-se a si mesma:

> [...] This is the photo that made me realize I was doing the mother-daughter project, for many reasons. For one, it looks almost like a time-lapse; like, this is what the mother looked like 25 years earlier, and this is what the daughter's going to look like much later, right? The other thing is the body language: The mother's almost becoming the vulnerable one, holding herself, and the daughter's come in with the confidence of her age, completely owning it. The daughter was about

observar além disso a frequência, nos filmes, de técnicas de *superenquadramento* (presença de um quadro num quadro, espelho ou janela por exemplo), e também de reenquadramento, pequeno movimento do quadro destinado a conservar o sujeito escolhido no centro." (AUMONT, 1993, p.154, grifo do autor).

> to leave Lebanon and go to college in the US, so it was very personal for me as well, because that's what made me start that project; my daughter was leaving home. [...] (MATAR, 2018b, p.9).[15]

A atitude confiante da filha em contraste com a atitude de "abandono" do corpo da mãe, abraçando-se a si mesma, sinalizando sua solidão. Na fala de Matar, temos a linha de fuga da filha - tornar-se estudante nos Estados Unidos, deixando o Líbano e a mãe, em busca de outra coisa, a imagem corporal da jovem indica que ela está bem segura em relação a suas escolhas.

Não estranhamente, a vulnerabilidade da mãe ("vulnerable one") aparece no momento em que a filha está deixando a casa. O poder da mãe será parcialmente solapado com a ausência da filha. É que o significado dessa ausência diz muito do poder que foi exercido. Um poder que mistura em doses diferentes uma mistura de poder disciplinar e pastoral, exercício sobre o corpo e governo sobre a alma.

O poder do dispositivo maternal é operatório (DELEUZE, 2005, p.37) como qualquer outro dispositivo, "não é atributo, mas relação: a relação de poder é o conjunto das relações de forças, que passa tanto pelas forças dominadas quanto pelas forças dominantes, ambas constituindo singularidades" (DELEUZE, 2005, p.37), ou ainda,

> [...] a relação de poder se insere em todo lugar onde existem singularidades, ainda que minúsculas, relações de forças como "discussões de vizinhos, brigas de pais e crianças, desentendimentos de casais, excessos alcoólicos e sexuais, rixas públicas e – tantas – paixões secretas". [...] (DELEUZE, 2005, p.38).

A partida de um filho é o desmoronar de uma singularidade de poder. Provavelmente a primeira conscientização de que haverá mudanças existenciais a encarar, tais como as mudanças advindas do envelhecimento. A obsolescência do dispositivo, nesse momento de distanciamento dos filhos de casa, é uma realidade que se apresenta para o sujeito-mãe, suscitando outras circunstâncias de reconfiguração subjetiva.

---

[15] [...] Essa é a foto que me fez perceber que estava fazendo o projeto mãe-filha, por vários motivos. Por um lado, parece quase um lapso de tempo; tipo, é assim que a mãe era 25 anos antes, e é assim que a filha vai ser muito mais tarde, certo? A outra coisa é a linguagem corporal: a mãe está quase se tornando a vulnerável, segurando-se, e a filha vem com a confiança de sua idade, assumindo-a completamente. A filha estava prestes a sair do Líbano e fazer faculdade nos EUA, então foi muito pessoal pra mim também, porque foi isso que me fez começar aquele projeto; minha filha estava saindo de casa. [...] (MATAR, 2018b, p.9).

Novamente recorremos a Agamben para tentar refletir sobre essa localização do sujeito frente às questões de obsolescência do dispositivo. Para o filósofo italiano, [...] na raiz de todo dispositivo está, deste modo, um desejo demasiadamente humano de felicidade, e a captura e a subjetivação deste desejo, numa esfera separada, constituem a potência específica do dispositivo. [...] (AGAMBEN, 2009, p.44). Ao partir, os filhos levam consigo esse "desejo de felicidade" a que se refere Agamben, transformando essa ocasião de desligamento da prole em um momento de transição e renovação para o sujeito-mãe.

A "estratégia" apresentada por Agamben para tentar "liberar o que foi capturado e separado por meio dos dispositivos e restituí-los a um possível uso comum" (AGAMBEN, 2009, p.44), é a prática da *profanação* que "é o contradispositivo que restitui ao uso comum aquilo que o sacrifício tinha separado e dividido." (AGAMBEN, 2009, p.45). A partir disso, Agamben mantém que

> [...] a profanação implica, por sua vez, uma neutralização daquilo que profana. Depois de ter sido profanado, o que estava indisponível e separado perde a sua aura e acaba restituído ao uso. Ambas as operações são políticas, mas a primeira tem a ver com o exercício do poder, o que é assegurado remetendo-o a um modelo sagrado; **a segunda desativa os dispositivos do poder e devolve ao uso comum os espaços que ele havia confiscado**. [...] (AGAMBEN, 2007, p.61, grifo nosso).

A atividade de profanar transgride as determinações do dispositivo tanto a nível dos objetos quanto a nível das subjetividades. O exemplo dado por Agamben do gato que brinca com o novelo de lã (AGAMBEN, 2007, p.) ilustra o funcionamento da profanação dos objetos e dos sujeitos:

> [...] Mas de que uso se trata? Qual é, **para o gato, o uso possível do novelo**? **Ele consiste em libertar um comportamento da sua inscrição genética em uma esfera determinada** (a atividade predatória, a caça). **O comportamento libertado dessa forma reproduz e ainda expressa gestualmente as formas da atividade de que se emancipou, esvaziando-as, porém, de seu sentido e da relação imposta com uma finalidade, abrindo-as e dispondo-as para um novo uso**. O jogo com **o novelo representa a libertação do rato do fato de ser uma presa, e é libertação da atividade predatória do fato de estar necessariamente voltada para a captura e a morte do rato; apesar disso, ele apresenta os mesmos comportamentos que definiam a caça.** A atividade que daí resulta **torna-se dessa forma um puro meio, ou seja, uma prática que, embora conserve tenazmente a sua natureza de meio, se**

> **emancipou da sua relação com uma finalidade, esqueceu alegremente o seu objetivo, podendo agora exibir-se como tal, como meio sem fim**. Assim, a criação de **um novo uso só é possível ao homem se ele desativar o velho uso, tornando-o inoperante**. [...] (AGAMBEN, 2007, p.66-67, grifo nosso).

Assim, ao lançar os pressupostos da profanação pelo uso (no jogo, na prática, na vivência), que correlaciona sujeitos e objetos, Agamben também aponta para o capitalismo como a grande religião contemporânea, a qual “quadricula” as bases sociais dessas relações de uso, pelas quais os dispositivos em geral também são criados.

O dispositivo da maternidade também se insere na ordem dos usos do capitalismo – a própria noção de que sujeitos possam passar por obsolescência é uma prova da influência da organicidade econômica capitalista dentro do dispositivo. A perspectiva de que os sujeitos tenham uma utilidade (ou uma vida útil) dentro da demanda social de trabalho (ou práticas de trabalho) remete-nos a problemas ontológicos, que anexam evidências da dificuldade de pensar o sujeito dentro de um dispositivo sem olhar para as condições de anacronia que podem marcar um certo desenraizamento subjetivo.

4 MAPEANDO O TERRITÓRIO DO DISPOSITIVO DA MATERNIDADE NO ARQUIVO DO VISÍVEL E DO ENUNCIÁVEL

Nos capítulos anteriores trouxemos o percurso metodológico que baliza as ações de pesquisa, levadas à termo pela análise arqueogenealógica do dispositivo da maternidade que caracterizamos. Nesse terceiro capítulo, vamos proceder um exame das condições de emergência da maternidade como dispositivo de poder em nível macrofísico, buscando dialogar com diferentes autores (BADINTER, VEYNE, FOUCAULT) para refletir sobre alguns aspectos dessa emergência do dispositivo da maternidade, procurando caracterizar aspectos de regularidades do dispositivo em relação à prática discursiva da fotografia, refletindo sobre o sujeito-mãe e as linhas de força/fuga que se configuram dentro do dispositivo da maternidade.

Ainda assim, é preciso dizer que a perspectiva histórica aqui abordada não foi planejada como uma simples reminiscência linear de fatos e encadeamentos que destaquem a relação contínua dos elementos de análise. O que almejamos é seguir Paul Veyne (1998), quando ele fala que

> [...] Os fatos não existem isoladamente, no sentido de que o tecido da história é o que chamaremos de uma trama, e uma mistura muito humana e muito pouco "científica" de causas materiais; de fins e de acasos; de uma fatia da vida que o historiador isolou segundo sua conveniência, em que os fatos têm seus laços objetivos e sua importância relativa [...] (VEYNE, 1998, p.42).

É na trama da história que vamos reconhecer as capturas do feminino, os pontos de amarração, os nós, que vão tecendo a costura dessa trama em torno da subjetividade feminina, para ir configurando sua existência pela convergência de saberes, mas principalmente pela dinâmica das práticas que amarram o sexo feminino ao condicionamento de existir como algo de segunda classe. Do que explicitamos que

> [...] não é uma história das mentalidades, nem dos comportamentos. Falar e ver, ou melhor, os enunciados e as visibilidades, são elementos puros, condições *a priori* sob as quais todas as ideias se formulam num momento e os comportamentos se manifestam. [...] (DELEUZE, 2005, p.69).

Trata-se então de retomar o fio da trama; encontrar as rupturas e os meandros que ficaram à deriva pelo fluxo da narrativa histórica, cujos subterfúgios foram erigindo as condições de submissão da mulher em relação ao homem, pelo que dispositivos

de poder emergiram como “coisas tramadas” da realidade histórica masculina, que vivenciamos nas relações entre homens e mulheres. A história apresentada aqui é a de recontar, retramar, dessa vez enxergando diferentemente para aquilo que olhamos desde sempre várias vezes até, talvez, conseguir ver.

Desta feita, ao lançarmos nosso olhar ao nível macrofísico do dispositivo, estamos lá buscando os meios da subjetivação feminina, tendo em vista as condições de ruptura e de descontinuidade.

É o próprio Deleuze, um dos teóricos do dispositivo, que assinala a importância do nível macrofísico na consideração de questões sobre o poder, dizendo que

> [...] toda sociedade, mas também todo indivíduo, são pois atravessados pelas duas segmentaridades ao mesmo tempo: uma molar e outra molecular. Se elas se distinguem, é porque não têm os mesmos termos, nem as mesmas correlações, nem a mesma natureza, nem o mesmo tipo de multiplicidade Mas, se são inseparáveis, é porque coexistem, passam uma para a outra, segundo diferentes figuras como nos primitivos ou em nós - mas sempre uma pressupondo a outra. Em suma, tudo é político, mas toda política é ao mesmo tempo macropolítica e micropolítica. [...] (DELEUZE, 1996, p.83).

Tendo em vista tais propósitos, o *corpus* a ser considerado nessa parte diz respeito a um olhar mais abrangente da maternidade. Tal ampliação da rede a se considerar justifica-se pela necessidade de entender o contorno da maternidade como dispositivo no plano das relações sociais e coletivas; no terreno da política e da ciência, pelo que o sujeito-mãe foi se transformando e tornando possível o sistema de forças que pode ser observável em nível macrofísico (e microfísico):

> [...] essa valorização de um tipo específico de poder formulou-se através de uma distinção, de uma dicotomia entre uma situação central ou periférica e um nível macro ou micro que talvez não seja muito apropriada por utilizar uma terminologia metafórica e espacial que não parece dar conta da novidade que a análise contém. O que ela visa é distinguir as grandes transformações do sistema estatal, as mudanças de regime político ao nível dos mecanismos gerais e dos efeitos de conjunto e a mecânica de poder que se expande por toda a sociedade, assumindo as formas mais regionais e concretas, investindo em instituições, tomando corpo em técnicas de dominação. Poder este que intervém materialmente, atingindo a realidade mais concreta dos indivíduos – o seu corpo – e que se situa ao nível do próprio corpo social, e não acima dele, penetrando na vida cotidiana e por isso podendo ser caracterizado como micro-poder ou sub-poder. [...] (MACHADO, 2018, p.XI-XII).

Certas formas de ver e ser se impõem ao sujeito-mãe que não foi sempre o que é hoje. Há diferenças entre as mães burguesas e aristocratas, ou mesmo as mães trabalhadoras. Por isso, é necessário delinear o atravessamento presente no discurso sobre a maternidade. Um discurso que se dispersa pelo campo da análise feminista da história (BADINTER, 1985; D'EAUBOONE, 1977) e chega ao campo político-ideológico, na relação que a maternidade pode estabelecer com o governo e as políticas de governo (FOUCAULT, 2018).

Em um dado sentido, o discurso sobre a mãe (e os cuidados que ela deve assumir em relação à prole) ganha não apenas um traço moralizador, mas principalmente transforma-se em objeto de uma racionalidade que, ao colocar a criança no cerne do debate sobre a responsabilidade materna, institui sobre a maternidade uma tutela da política contra o projeto do indivíduo (sua sexualidade, por exemplo), de maneira que

> [...] O discurso sobre o sexo deixou [...] de ser apenas de cunho moralista, o que se ocupa, a partir disso, é de um discurso sobre o sexo que permita às instituições como, por exemplo, a política classificar, ordenar e especificar os indivíduos a partir da sexualidade, ou seja, o discurso do sexo extrapola o campo da moralidade e estabelece raízes também no campo da racionalidade. [...] (SANCHES, 2016, p.77-78).

Diante da diversidade das visibilidades e enunciabilidades[16] existentes, fica difícil negar que a maternidade se impõe às mulheres justamente pelo sexo biológico, ou seja, ao nascer, a menina ainda não sabe, mas, por ter útero, trompas, óvulos, ela estará intrinsecamente ligada à sua capacidade de gestar e dar à luz aos seres humanos deste mundo.

Durante sua infância, à menina são impostos certos comportamentos e noções que visam flagrantemente agenciá-la para a sua grande missão de gestar, dar à luz e cuidar da prole que lhe for destinada. Apesar disso, é no auge do patriarcado com os

[16] Forma pela qual opera o pensamento foucaultiano, pelo dualismo e pluralidade: "[...] é o caso de Foucault. Pois, se o visível e o enunciável entram em duelo, é na medida em que suas formas respectivas, como formas de exterioridade, de dispersão ou disseminação, transformam-nos em dois tipos de 'multiplicidade', nenhum dos quais pode ser reduzido a uma unidade: os enunciados só existem numa multiplicidade discursiva, e as visibilidades numa multiplicidade não-discursiva. E essas duas multiplicidades desembocam numa terceira, multiplicidade das relações de forças, multiplicidade de difusão, que não passa mais pelos dois e se liberou de toda forma dualizável. [...] (DELEUZE, 2005, p.90).

gregos que, discursivamente, o corpo da mulher aparece como um volume descartável à mercê das fantasias masculinas:

> [...] comecemos pelo mito de autoctonia. Este mito confirma o desejo de excluir a mulher da maternidade porque diz que Erichtonios, o primeiro homem, o primeiro cidadão ateniense, nasceu diretamente da Terra (Geia), sobre a qual caiu o sêmem de um deus, e não do corpo de uma mulher. Por haver nascido da Terra, Erichtonios se transformou no autóctone, no fundador da cidade de Atenas, que recebeu esse nome em homenagem à deusa Atena, que o acolheu recém-nascido dos braços de Geia. Com a deusa Atena, o desejo grego de excluir a mulher da maternidade adquire ainda mais força, mas se expressa de um modo diferente, através de sua virgindade, e porque ela nasceu da cabeça de seu pai Zeus e não do corpo de uma mulher. Essa deusa permite acreditar que se nasce de um, fora do encontro sexuado e que, em consequência, já que se nasce de um, melhor que seja do pai e não da mãe, como se pensava antes da instauração do patriarcado. Em relação à maternidade de Zeus, podemos dizer que esta completa o quadro da ideologia patriarcal em sua expressão mais radical, pois, como observa Sissa, o grande deus se apropria da maternidade, no sentido pleno da palavra, ao “comer”, literalmente, a deusa Métis, grávida de Atena [...] (GOMEZ, 2000, p.52-53).

A narrativa que tais mitos impõem ao corpo da mulher ilustram a lógica que subjaz ao domínio masculino – a ideia de que o que realmente é indispensável é o corpo do homem, mesmo para a reprodução. A autonomia do corpo feminino é algo absolutamente raro no percurso histórico traçado pelo patriarcado e a afirmação desse corpo, de sua imanência, pode ser mesmo negada por subterfúgios até mágicos, míticos, ao bel prazer do arbítrio masculino.

Apesar disso, é pela infância que podemos ver como o corpo feminino está preso a uma imanência histórico-biológica, que pontua sua subjetividade desde muito cedo. Observemos a imagem a seguir.

Imagem 05: foto do livro *At Twelve, Portraits of Young Women, da fotógrafa estadunidense Sally Mann. "The New Mothers"* (1989).

Fonte: https://www.artsy.net/artwork/sally-mann-the-new-mothers.

No enunciado fotográfico que se materializa na imagem 05 de Sally Mann[17], retirada da série *At Twelve*, meninas carregam, como brinquedos, as bonecas que as transformam em pequenas "mãezinhas", já sendo "pedagogicamente" encaminhadas ao destino determinado por seus corpos e seus órgãos reprodutores, numa dinâmica lúdica que não ocorre com os meninos.

[17] Fotógrafa controversa pelo trabalho com nudez de crianças, de seus próprios filhos. No entanto, sua arte é grandemente reconhecida como um retrato de genuína intimidade, no sentido de desconstrução da infância tal como a idealizamos: "[...] Seeking and desiring engagement with her girls, Mann uses the camera to capture the instantaneity of glances that are exceptionally significant in initiating and establishing her rapport with them. The overt sensuality that at times emanates from their bodies is not the artist's contriver, but their inherent erotism, that which she intuitively records on film. Unquestionably, her work not only ascertains that children are sexual creatures, but they are conscious of their inherent sensuality, and they may be particularly impulsive abou it. [...] (BUTTIGIEG, 2020, p.67). Tradução: "Buscando e desejando envolvimento com suas garotas, Mann usa a câmera para capturar a instantaneidade dos olhares que são excepcionalmente significativos para iniciar e estabelecer seu relacionamento com elas. A sensualidade ostensiva que às vezes emana de seus corpos não é o artífice da artista, mas seu erotismo inerente, que ela registra intuitivamente em filme. Inquestionavelmente, seu trabalho não apenas confirma que as crianças são criaturas sexuais, mas também estão conscientes de sua sensualidade inerente, e podem ser particularmente impulsivas em relação a isso".

Por outro lado, essa imagem também registra a contraconduta[18] das meninas na aceitação desse papel submisso: uma menina carrega um cigarro numa das mãos (que sabemos ser de chocolate); a outra menina usa óculos escuros, com uma das mãos colada ao quadril (um sinal de poder). Há quem identifique nessa imagem a prefiguração de “crianças entendidas”:

> [...] Mann’s *The New Mothers* (1989) captures these knowing children: two young girls playing at motherhood. The juxtaposition of the child in the midst of childhood acting (or mimicking) adulthood is pushed to its limits here. These are not girls joyfully practicing ideal motherhood—no smiles or primping here. Instead, two grim-faced girls look at the camera, one with sunglasses to cover her knowing eyes, the other with cigarette in hand challenging the viewer to question her mothering. These girls capture the passion of non-idealized motherhood because they mimic real motherhood. And while we can certainly debate the finer points of smoking while baby tending, it seems more important to take note of the “real” mimicry here. “A maternal future does not emanate from these children’s bodies. According to Mann, maternity is a role, complete with costume and props, and these girls aren’t predestined by biology to play it sweetly” (204). That “maternal future” is what traps so many young girls into the patriarchal expectations of potential-mother. By shrugging off any potential—and using young girls to do it—Mann’s image severs the “natural” ties of motherhood to women, and the “natural” innocence of childhood to children. Working through the knowing mother, the knowing child is born. For motherhood and childhood, photography exposes the unnatural idealizations that strip both of agency and identity. Children were—and continue to be—subjected to the Romantic innocent child trope, devoid of passionate bodies, and thus, thinking minds. Women were—and continue to be—subjected to the confines of a patriarchal domestic sphere, devoid of passionate bodies, and thus, thinking minds. In this play of external and internal, mother photographers grapple with these ideals both through and behind the camera. It takes her intimate understanding of the child’s body—her child’s body—to trouble the waters to expectation and birth a newly visible knowingness. [...] (SCHRIVER, 2020).[19]

[18] Resistência à conduta de governo dos outros; revolta de comportamento.

[19] [...] *The New Mothers* (1989), de Mann, captura essas crianças conhecedoras: duas meninas brincando de maternidade. A justaposição da criança no meio da infância atuando (ou imitando) a vida adulta é levada ao limite aqui. Estas não são meninas praticando com alegria a maternidade ideal – sem sorrisos ou enfeitar aqui. Em vez disso, duas garotas de rosto sombrio olham para a câmera, uma com óculos escuros para cobrir seus olhos conhecedores, a outra com um cigarro na mão desafiando o espectador a questionar sua maternidade. Essas meninas capturam a paixão da maternidade não idealizada porque imitam a maternidade real. E embora possamos certamente debater os pontos mais delicados de fumar enquanto cuida do bebê, parece mais importante observar o mimetismo “real” aqui. “Um futuro materno não emana do corpo dessas crianças. Segundo Mann, a maternidade é um papel, completo com figurino e adereços, e essas meninas não estão predestinadas pela biologia a interpretá-lo docemente” (204). Esse “futuro materno” é o que prende tantas meninas nas expectativas patriarcais de mãe em potencial. Ao descartar qualquer potencial – e usar meninas para fazê-lo – a imagem de Mann rompe os laços “naturais” da maternidade com as mulheres e a inocência “natural” da infância com as crianças. Trabalhando através da mãe conhecedora, nasce a criança conhecedora. Para a maternidade e a infância, a fotografia expõe as idealizações não naturais que despojam tanto a agência

Segundo Schriver, não são essas garotas que estarão capturadas pela maternidade futura, determinada pela biologia. Contudo, sem dúvida, há, desde muito cedo, meninas que estarão sendo submetidas, num certo sentido, a um investimento de *docilização*[20] em relação à aceitação da maternidade como líquida e certa, sem que ainda tenham sequer domínio de seu próprio corpo biológico.

Schriver sustenta que é o patriarcalismo agindo sobre as mulheres que as confina à "esfera doméstica", não só como ingrediente estratégico na configuração do dispositivo da maternidade, isto é, é a prática patriarcal que pesa sobre a formação do dispositivo da maternidade, mas também pesa na formação histórica material da mulher, como integrante subalterno dessa sociedade normatizada pelo masculino. Constatando que

> [...] toda história é arqueológica por natureza e não por escolha: explicar e explicitar a história consiste, primeiramente, em vê-la em seu conjunto, em correlacionar os pretensos objetos naturais às práticas datadas e raras que os objetivizam, e em explicar essas práticas não a partir de uma causa única, mas a partir de todas as práticas vizinhas nas quais se ancoram. Esse método pictórico produz quadros estranhos, onde as relações substituem os objetos. Esses quadros são, sem dúvida, os do mundo que conhecemos: Foucault, assim como Cézanne, não faz pinturas abstratas; a paisagem de Aix pode ser reconhecida, somente está investida de uma afetividade violenta: parece sair de um terremoto. [...] (VEYNE, 1998, p.280).

O quadro da sexualidade feminina mostra um conjunto de práticas históricas, que atuam sobre o corpo da mulher, arraigando esse corpo no terreno dos organismos voltados à sexualidade reprodutiva, pelo que, sobre as meninas em geral, haverá

---

quanto a identidade. As crianças eram — e continuam a ser — sujeitas ao tropo romântico de criança inocente, desprovida de corpos apaixonados e, portanto, de mentes pensantes. As mulheres eram – e continuam sendo – submetidas aos limites de uma esfera doméstica patriarcal, desprovida de corpos apaixonados e, portanto, de mentes pensantes. Nesse jogo de externo e interno, as fotógrafas-mães lutam com esses ideais tanto através quanto atrás da câmera. É preciso sua compreensão íntima do corpo da criança — o corpo de seu filho — para agitar as águas até a expectativa e gerar um novo saber visível. [...] (SCHRIVER, 2020).

[20] Processo crucial dentro de um esquema de poder disciplinar, em que o objetivo é transformar o indivíduo em que "a disciplina mantém com o corpo uma relação analítica. (CASTRO, 2009, p.111-112). Assim é a necessidade de corpos úteis e dóceis que confere dinamismo ao exercício do poder disciplinar: "[...] segundo a linguagem de Foucault, encontramos uma microfísica do poder, com uma anatomia política do corpo cuja finalidade é produzir corpos úteis e dóceis ou, se quisermos, úteis na medida de sua docilidade. Com efeito, o objetivo da disciplina é aumentar a força econômica do corpo e, ao mesmo tempo, reduzir sua força política. Por isso, devemos considerar a disciplina desde um ponto de vista positivo ou produtivo como geradora de individualidade. [...]" (CASTRO, 2009, p.112).

sempre uma sexualidade imposta pela pressuposição social de que elas *devem ser mães*; sem que elas ainda tenham construído uma bioconsciência de si mesmas, de seus próprios corpos; também, sem que a questão da maternidade tenha sido pensada por elas femininamente, de forma reflexiva, sobre qual o tipo de mãe será o seu, ou melhor, a maternidade se impõe à menina em geral antes que ela resolva aspectos de sua realidade psicossocial: brincar de mãezinha ou construir uma carreira, ou ambas?

Para a maioria das meninas, a consciência do uso reprodutivo do próprio corpo pode nem mesmo ter surgido, mas elas já sentem a pressão social de tornar o corpo "preparado" para essa finalidade física de suas existências – como se vê no desejo de estarem atraentes para o parceiro, por exemplo:

> [...] Para Mary Del Priore (2000), a construção social de uma identidade feminina está calcada, nos dias atuais, "quase que exclusivamente na montagem e escultura desse novo corpo [...] um corpo cirúrgico, esculpido, fabricado e produzido, corpo que é o centro das atenções e fetiche de consumo". Tal preocupação tem atingido não só as mulheres, mas também as meninas, pois é comum observarmos em suas falas e comportamentos uma grande preocupação com a aparência. [...] Elas frequentam cada vez mais cedo as academias de ginásticas, submetem-se a cirurgias plásticas, fazem dietas, estabelecem pactos entre amigas [...], tudo em nome da beleza. [...] (FELIPE, 2013, p.56).

Para a imensa maioria das meninas (principalmente aquelas em condições econômicas desfavoráveis), estando em situação diversa dos meninos simplesmente porque nasceu sob o sexo feminino, o corpo delas não as liberta do condicionamento biológico da reprodução. Esse corpo as aprisiona. Por ele é que elas brincam com os brinquedos que brincam. O brinquedo dos meninos já os leva à transcendência, enquanto o brinquedo das meninas as leva à imanência (do corpo). As filhas de Sally Mann (imagem 05) personificam uma contraconduta, mas os brinquedos da imanência feminina estão lá.

Diante disso, não podemos deixar de notar que o corpo das meninas está mais próximo de ser adulto do que o próprio corpo adulto, no sentido de que elas são levadas a agir como se já tivessem feito as escolhas adultas em relação a seus próprios corpos. Do ponto de vista da sociedade de consumo, os corpos das meninas estão sendo recrutados cada vez mais cedo a se comportarem como corpos adultos.

Intrinsicamente, há um nexo entre essa concessão do consumismo às meninas e a necessidade procriativa em ampla escala das sociedades europeias dos séculos XVIII e XIX, se aplicarmos certo entendimento foucaultiano[21] do sujeito à situação da mulher nessa questão, constatamos que a ela é geralmente negada a fase em que o sujeito (masculino) tecniciza sua subjetividade antes de se voltar ao cuidado dos outros. O cuidado dos outros em relação à mulher vem em primeiro plano, nas brincadeiras infantis, por exemplo, ou mesmo no desejo de possuir um corpo perfeito (a ser oferecido ao outro). Diferentemente do homem, sendo este da antiguidade ou moderno, o cuidado dos outros não atropela o seu direito a ter sua "ontologia primária" respeitada:

> [...] não creio que se possa dizer que **o homem grego que cuida de si deve inicialmente cuidar dos outros**. Esse tema só intervirá, me parece, mais tarde. **Não se deve fazer passar o cuidado dos outros na frente do cuidado de si: o cuidado de si vem eticamente em primeiro lugar, na medida em que a relação consigo mesmo é ontologicamente primária.** [...] (FOUCAULT, 2004 p. 271, grifo nosso).

Essa disparidade entre as subjetividades masculinas e femininas não parece incomodar o homem hoje tanto quanto não incomodava o homem grego da era clássica. Essa naturalização da maternidade/cuidado dos outros como algo intrínseco à subjetividade feminina vai sendo operacionalizada no cerne das próprias famílias desde sempre, ou pelo menos, desde tempos considerados históricos, em que podemos ter acesso ao registros sociais escritos. Podemos tomar a civilização grega como parâmetro, onde essa conduta - a de negar uma plena subjetividade às mulheres - é a grande técnica de submissão das mulheres aos homens a ponto de serem atreladas à casa como se fossem objetos:

> [...] em Eurípedes, a mulher é designada como *oikurema*, isto é, **algo destinado a cuidar da casa** (a palavra é neutra) e, além da procriação dos filhos, não passava de criada principal para o ateniense. O homem

[21] Não podemos deixar de assinalar que o retorno de Michel Foucault à Antiguidade Clássica no tocante à subjetividade pode ser explicada pelo fato de que nela o filósofo francês tem acesso a uma classe de homens livres – e não mulheres livres. Penso que isso corrobora nossa compreensão de que, pela perpetuação da dominação ainda hoje de alguns costumes da sociedade mais patriarcal da história, possamos falar hoje ainda da maternidade como uma prisão subjetiva para as mulheres, que ainda hoje tem pouca margem de ação em relação a algumas decisões sobre seus corpos e sua vida. A ética conforme Foucault aplica aos homens ainda não chegou às mulheres. (FOUCAULT, Michel. **Ditos e Escritos V: Ética, Sexualidade e Política**. 1ª edição. RJ: Forense Universitária, 2004, p. 264-287).

> tinha seus exercícios ginásticos e suas discussões públicas, coisas de que a mulher estava excluída; costumava ter escravas à disposição e dispunha, na época florescente de Atenas, de uma prostituição bastante extensa e, em todo caso, protegida pelo Estado. Aliás, foi precisamente com base nessa prostituição que se desenvolveram aquelas mulheres gregas que se destacaram do nível geral da mulher do Mundo Antigo por seu talento e gosto artístico, da mesma forma que as espartanas se sobressaíram por seu caráter. Mas o fato de que, **para se converter realmente em mulher, fosse preciso antes ser hetaira**, constitui a mais severa condenação à família ateniense. [...] (ENGELS, 1984, p.69, grifo nosso).

O *ser hetaira* na cultura clássica ateniense significa ser uma prostituta de luxo. As hetairas eram cortesãs educadas, talentosas artisticamente, mulheres bem formadas que se destacavam pela inteligência e saber. Tais mulheres se diferenciavam das outras mulheres conduzidas a serem esposas, mães, administradoras do lar de seus maridos. Curiosamente é nessa sociedade visceralmente patriarcal que Foucault encontra as subjetividades (masculinas, é claro) para demonstrar suas noções de sujeito, subjetividade, técnicas de si e o cuidado dos outros (FOUCAULT, 2021).

Essa configuração da subjetividade feminina na sociedade grega clássica - entre a esposa-mãe-prostituta – produz-se a partir do patriarcalismo dessa sociedade, apesar de todo seu grandiloquente saber, ao qual ainda hoje recorremos. Esse notório saber não impediu que a subjetividade feminina fosse aprisionada pelos clichês do imaginário patriarcal masculino dos gregos, cujos moldes perduram até os dias de hoje, a julgar por algumas manifestações machistas que eclodem contra a mulher atualmente. Ainda há mulheres cujas condições de existência dependem eminentemente de um homem para serem ratificadas.

Nesse esquema patriarcal, a mulher é a cuidadora por excelência, ainda que não possa exercer atividades políticas, e apesar de não praticarem nenhuma das técnicas de si que prepararam os grandes homens gregos da era clássica para a vida política, as esposas e mães gregas da era clássica cuidaram da casa e da administração das casas desses homens notórios. Como cuidadora do lar e da prole, a mulher passa a ser considerada como *algo* que existe apenas na circunscrição daquilo que cuida: a casa e os filhos. O corpo feminino cumpre, assim, com o mandamento de que é coisa para estar a serviço, sem possibilidade de usufruir de liberdade.

Além disso, por não ser a paternidade empiricamente constatável (o exame de DNA são invenções bem recentes), o macho patriarcal impôs vigilância à prática sexual feminina, submissão do corpo pelo controle do seu desejo a fim de evitar proles extraconjugais em sua linha de herdeiros. Para Engels (1984) a maior derrota das mulheres foi a mudança na sucessão de herança da linha materna para a linha paterna, o que, segundo o filósofo prussiano, leva as relações sexuais a serem regidas pela economia, tendo como consequência principal o recrutamento e a vigilância do corpo feminino para garantir que apenas os herdeiros biológicos de um único pai estivessem na linha de descendência de herança desse pai. Foi

> [...] o desmoronamento do direito materno, *a grande derrota histórica do sexo feminino em todo o mundo*. O homem apoderou-se também da direção da casa; a mulher viu-se degradada, convertida em servidora, em escrava da luxúria do homem, em simples instrumento de reprodução. Essa baixa condição da mulher, manifestada sobretudo entre os gregos dos tempos heroicos e, ainda mais, entre os dos tempos clássicos, tem sido gradualmente retocada, dissimulada e, em certo lugares, até revestida de formas de maior suavidade, mas de maneira alguma suprimida. [...] (ENGELS, 1984, p.61, grifo do autor).

Essa derrocada do *direito materno* é um fenômeno sócio-histórico-cultural que pode ser observado em diversos grupos civilizatórios[22] antigos e que se pode perceber menos presente em alguns povos e grupos indígenas[23] mais recentemente. A matrilinearidade clássica, de sociedades pré-históricas, regularizava as leis, a posse da terra, as propriedades, as heranças, deveres e direitos individuais, o governo do lar e coletivo, o culto, a família, etc.

Diferentemente do viés patrilinear, o matrilinear tornava possível a convivência de uma prole originada de diferentes machos (pais), a ponto de inviabilizar o surgimento de filhos ilegítimos na comunidade, já que todos os filhos nascidos eram

---

[22] Pode-se constatar a deterioração da condição social das mulheres em várias sociedades antigas, em que foi adotado o matrimônio monogâmico patriarcal: na Grécia, entre os Romanos (latinos), no Egito, os Semitas. Importante consultar BRIFFAULT, Robert. **The Mothers: the matriarcal theory of social origins**. New York, US: Macmillan Company, 1931. Disponível em https://electrodes.files.wordpress.com/2008/12/the_mothers__matriarchal_theory_social_origins__robert_briffault_1931.pdf. Acessado em 19-09-2021.

[23] O livro de Bronislaw Malinowski (1884-1942), **The father in primitive psychology** (2013), traz evidências dessa tendência a uma organização social matrilinear de um povo conhecido como *Trobriander*, cuja atividade econômica não é tão tecnológica quanto civilizações antigas tais como a egípcia ou a grega. Menos preocupados em amealhar riquezas, os indígenas T*robrianders* estabelecem-se organizados segundo as necessidades da mãe e sua prole, configurando uma função sociológica para a paternidade (2013, p.67).

contados pela linha hereditária materna, todos eram filhos de *alguém*. Muito desse poder da mãe sustentava-se pela crença de homens e mulheres pré-históricos no fato de que os homens tinham pouco ou nada a ver com a fecundação das mulheres. No entanto, “[...] logo que a mulher passa, de agente essencial de ligação entre a terra e a divindade, a receptáculo de húmus em que o homem se limita a deitar a sua semente, muda a face do mundo inteiro [...]” (D’EAUBOONE, 1977, p.114).

Essa mudança do sistema matrilinear para o patrilinear tem consequências múltiplas, pela cizânia que se instala entre os sexos, na disputa de forças pelo poder ou predomínio/resistência nesse embate. É nesse atrito que podemos identificar as mudanças globais determinadas pelo diagrama microfísico do poder masculino que se instala historicamente como uma rede de captura delimitada:

> [...] é preciso esperar 3000 mil anos antes da nossa era – que fixamos como data aproximativa do triunfo universal do patriarcado – para ver os camponeses da Ásia Ocidental lavrar campos inteiros com bois de canga e já não pequenos retalhos, e praticar uma irrigação planificada: a agricultura intensifica-se e muda de sentido, desenvolve a propriedade privada e o lucro; aparece indubitavelmente a herança [...]. (D’EAUBOONE, 1977, p.39).

Toda a tecnologia sustentável existente oriunda da mãe passa a ser desvalorizada, justamente por isso, sofre pesado desinvestimento, não fazendo frente ao investimento masculino na ostensiva exploração ambiental e acúmulo de riquezas. A prática de agricultura que o patriarcado estimula simplesmente perdeu contato com um saber de cultivo mais holístico (relativo ao bem-estar), instituído pelo trabalho feminino com as plantas:

> [...] É o aparecimento de um modo novo de sobrevivência e de alimentação devido à mulher (e não ao homem) que ensina à espécie a distinguir as boas plantas e a ter poder sobre elas, a multiplica-las pela cultura e a provocar a sua germinação, facto de resto reconhecido pela maioria dos antropólogos. Este ciclo termina em duas fases numa época que se pode fixar entre 5000 e 3000 anos A. C., conforme se trate da Europa, da África ou do Oriente, com a agricultura de charrua [em oposição à de enxada, considerada feminina] que marca o poder masculino sobre esta técnica, e depois, muito mais tarde, na idade dos metais, é o golpe definitivo dado na antiga importância feminina! [...] (D’EAUBOONE, 1977, p.27).

Correlativamente, não é apenas o saber agrário da mãe e seu exercício que foram transformados na mudança do matriarcado para o patriarcado. As crenças, a

religiosidade, as deusas e deuses também entram na disputa entre si pela dominação uns sobre os outros tendo em vista a cizânia dos sexos. O próprio Deus cristão, conhecido na antiguidade como *Iavé*, não consegue se apresentar incólume ao contato necessário ao combate do culto à Deusa-Mãe:

> [...] "Iavé" é o Deus do Sinai, isto é, o deus Sin dos Semitas, Deus-Lua, cujo sexo é ambíguo na origem", diz J. Makarle [...]. Acrescenta que os personagens femininos dos primeiros livros bíblicos têm um carácter e um comportamento surpreendentes para uma cultura "patriarcalista", o que podemos ver se evocar a história de Lilith, rejeitada hoje na tradição apócrifa. É o próprio Deus-Lua que lança duas vezes o flagelo das serpentes: a primeira sobre o Egipto, a segunda sobre os Hebreus no deserto. O significado nefasto deste animal aparece pela primeira vez na cultura judeo-cristã; o outro, o da fetilidade e da sabedoria, manter-se-á nas sobrevivências ginocráticas dos semipatriarcados e até de de certos patriarcados em que permanecem vestígios do antigo Direito das Mães; nos Celtas, as serpentes da Serpente Fantástica guardam o tesouro, e em muitas regiões das Índias o seu nome é precedido da palavra "boa", como entre nós "o bom Deus" [...]. (D'EAUBOONE, 1977, p.42).

O embate entre os cultos matrilineares e patrilineares, ao se colocarem como frentes de lados opostos irreconciliáveis, vai apresentar a mesma particularidade que se impôs ao corpo da mulher em relação às relações sexuais: exclusividade. Um único marido e pai da prole; um único Deus a receber culto (o Deus cristão). A exclusividade de culto ao Deus único assemelha-se muito ao seu correlato do pai único da prole da mulher, o único com quem ela poderia ter relações sexuais e o único de quem ela teria filhos. Os efeitos do poder masculino/hetero é o predomínio deste aparecendo por todos as esferas sociais e culturais, tornando-se aspecto normalizador em relação a qualquer outra perspectiva de sexualidade. No que tange a essa problematização, Butler assevera que

> [...] o poder de o discurso materializar seus efeitos é, portanto, consoante com o poder que tem de circunscrever o domínio da inteligibilidade. Assim, interpretar a "performatividade" como uma escolha voluntária e arbitrária implica passar ao largo da historicidade do discurso e, em particular, da historicidade das normas (as "correntes" de iteração invocadas e dissimuladas no enunciado imperativo) que constituem o poder que o discurso possui para tornar realidade aquilo que nomeia. Conceber o "sexo" como um imperativo nesse sentido significa afirmar que um sujeito é abordado e produzido por uma determinada norma, e que essa norma – e o poder regulador que ela representa – materializa corpos como um efeito dessa determinação. [...] (BUTLER, 2019, 315).

Dessa maneira, o efeito produzido pelo culto patrilinear é a construção do discurso de dessacralização dos cultos matrilineares, impingindo sobre estes as cores da maleficência, lançando sobre si o caráter benevolente da fé em detrimento da malefização do culto matrilinear.

Esta dessacralização também se afigura pela descoberta, pelo homem pré-histórico, do fato de que é ele quem é responsável pela fecundação da mulher e não um deus qualquer. Isso induz o homem a se tornar senhor do corpo feminino e também agora da alma feminina, ao forçar um culto patrilinear sobre as mulheres, através da sacralização do pai e malefização da mãe. O processo histórico que embasa essa percepção das crenças torna visível a compreensão de profano e sagrado, através dos

> [...] inumeráveis condicionamentos que a experiência religiosa no Mundo sofreu no curso do tempo. É evidente, por exemplo, que os simbolismos e os cultos da Terra Mãe, da fecundidade humana e agrária, da sacralidade da mulher etc. não puderam desenvolver-se e constituir um sistema religioso amplamente articulado senão pela descoberta da agricultura. É igualmente evidente que uma sociedade pré-agrícola, especializada na caça, não podia sentir da mesma maneira, nem com a mesma intensidade, a sacralidade da Terra Mãe. **Há, portanto, uma diferença de experiência religiosa que se explica pelas diferenças de economia, cultura e organização social – numa palavra, pela história. Contudo, entre os caçadores nômades e os agricultores sedentários, há uma similitude de comportamento que nos parece infinitamente mais importante do que suas diferenças: tanto uns como outros vivem num Cosmos sacralizado; uns como outros participam de uma sacralidade cósmica, que se manifesta tanto no mundo animal como no mundo vegetal. Basta comparar suas situações existenciais às de um homem das sociedades modernas**, vivendo num Cosmos dessacralizado, para imediatamente nos darmos conta de tudo o que separa este último dos outros. Do mesmo modo, damo-nos conta da validade das comparações. [...] (ELIADE, 1992, p.16, grifo nosso).

A proposta de comparação feita por Eliade no trecho supracitado parece tentadora: comparar as situações existenciais do homem da antiguidade com as do homem moderno. Deixe-nos reformular a proposta: vamos pensar numa comparação entre mulheres matriarcais livres da pré-história e as mulheres modernas. Em que momento da história as mulheres estão mais próximas de um ideal de existência? Fazemos essa reflexão pensando exatamente que Foucault (2010) vai à Grécia Clássica rigorosamente porque é lá que o homem-macho alcança seu apogeu em

todos os sentidos, sem que tramasse a necessidade de articular um discurso que engendrasse uma nova maternidade. Isso ocorreu mais recentemente, mais ou menos há duzentos anos.

De acordo com Badinter (1985), a “boa mãe”, que se ocupa de sua cria, é uma invenção dos últimos dois séculos, quando, a partir do Iluminismo e de observações das novas etnias, provindas dos novos continentes fora da Europa, inicia-se um novo discurso sobre a função e o papel da amamentação na sociedade europeia. Sobretudo, na França, onde havia uma certa aversão generalizada ao ato de amamentar as crianças, que eram enviadas a amas de leite profissionais. Sobre o exposto, Badinter informa que,

> [...] foi Rousseau, com a publicação de Émile, em 1762, que cristalizou as novas idéias e deu um verdadeiro impulso inicial à família moderna, isto é, a família fundada no amor materno. Veremos que depois do Émile, durante dois séculos, todos os pensadores que se ocupam da infância retornam ao pensamento rousseauniano para levar cada vez mais longe as suas implicações. [...] (BADINTER, 1985, p.54).

Pressionadas por esses discursos a assumirem um papel mais comprometido em relação a seus bebês, passando a amamentá-los elas mesmas, as burguesas e aristocratas francesas do século XVIII terminaram por instituir um modelo de maternidade, que rompia com a visão dessas mulheres de que a amamentação as igualasse às vacas leiteiras, ou que isso as aproximasse da animalidade. A questão se coloca às mulheres a partir de seu corpo, isto é, é novamente o corpo feminino o ponto a ser submetido à sujeição para criação da nova mãe. O corpo feminino é instituído como a fonte de vida para a criança e, com isso, definitivamente atrelado à sobrevivência da prole. Não basta parir, é preciso aleitar, cuidar, educar.

Mesmo assim, não é sem alguma resistência que a ideia vai sendo paulatinamente aceita. Ocupar-se das crianças não era uma função digna até o surgimento da racionalidade iluminista, mesmo que as crianças em questão fossem a sua prole, por isso era comum delegar a terceiros tais cuidados, no caso amas-de-leite profissionais. Casas de amas-de-leite existiram na França até o final do século XIX. O amor materno, diligente e zeloso, foi imposto às mulheres por meio das ideias iluministas do século XVIII, pelo qual

> [...] a nova mãe passa portanto muito mais tempo com o filho do que a sua própria mãe passara com ela. E é bem o fator "tempo" que melhor marca a distância entre duas gerações de mulheres. As antigas mal "tomavam conhecimento" da prole, e consagravam o essencial de seu tempo a si mesmas. As novas vivem constantemente junto dos filhos. Amamentam, vigiam, dão banho, vestem, levam a passear e cuidam. A criança já não é relegada à distância, ou a um outro andar. Ela brinca ao pé da mãe, faz as refeições a seu lado e conquista seu lugar no salão dos pais, como o testemunham numerosas gravuras.[24] Estabelecem-se laços que tornam mais difíceis, senão impossíveis, as separações de antigamente. Os pais, e a mãe em particular, não têm mais o desejo de exilar os filhos nos conventos ou nos colégios. Aliás, o que é cada vez mais combatido pelas autoridades morais, filósofos e médicos. Criticam-se os pais que se livram de seus filhos. Bernardin de Saint-Pierre, entre outros, não mede palavras: "Se os entregam a amas desde que vêm ao mundo, é porque não os amam; se os mandam, quando crescem, a internatos e colégios, é porque não os amam."[25]. Não amar os filhos tornou-se um crime sem perdão. A boa mãe é terna, ou não é uma boa mãe. Ela não suporta mais o rigor e a inflexibilidade demonstrados antigamente para com a criança. Ela teme a severidade dos colégios e dos conventos, mas também as más condições de higiene e de promiscuidade dos dormitórios. Como o observa muito justamente P. Aries, o internato perdeu o valor de formação moral e humana que se lhe atribuía outrora. [...] (BADINTER, 1985, p.211).

Tais valores impingidos à mulher, resultaram que o *cuidado de si* para as mães passou a ser algo condenável na medida em que a criança passou a figurar como elemento estratégico da biopolítica e da governamentalidade do século XVIII. Nesse sentido, certos discursos foram importantes para essa mudança de paradigma: em destaque, temos o discurso econômico, em que pesava a necessidade de aumento demográfico da população, sendo, para isso, preciso diminuir as taxas de mortalidade infantil; e o discurso filosófico, cujos ideais de igualdade e felicidade transformam as instituições sociais e mesmo a relação entre os sexos:

> [...] Ainda que não validasse juridicamente a igualdade real entre o homem e a mulher, o século XVIII aproximou consideravelmente a esposa do marido. Isso não se deveu apenas à importância crescente que a criança adquire na sociedade, mas também, em grande parte, a uma verdadeira obsessão da filosofia das Luzes: a busca da felicidade, logo seguida pela valorização do amor. Esses dois novos valores virão reforçar oportunamente a homogeneização dos esposos entre si, e mesmo a dos pais e filhos. Nesse sentido, a procura da felicidade familiar é um passo importante na evolução rumo à igualdade. [...] (BADINTER, 1985, p.173).

O discurso iluminista vem argumentar que a ocupação com a prole humana faz parte da boa natureza das mulheres, portanto, procriar e amamentar são ocorrências naturais ao sexo feminino, como algo intrínseco à sua natureza de fêmea da espécie humana, tal como fazem as fêmeas de outras espécies. Então, por isso mesmo, ocorreu um processo de naturalização, mediante o qual se considera natural que as mulheres se sacrifiquem para garantir o bem-estar dos filhos, pois seria delas a total responsabilidade sobre a sobrevivência das crianças, algo muito caro à necessidade demográfica do Estado iluminista e primordialmente do Estado imperialista do século XIX:

> [...] é dela que tudo depende, agora. Não chegam até a lhe imputar a irresponsabilidade dos pais? Se estes não assumem sua função paterna, é porque a mãe é má. "Se as mulheres voltarem a ser mães, dentro em pouco os homens voltarão a ser pais e maridos." Contrariamente ao século seguinte, que aceita que o pai, autoridade muda, lance aos ombros da mãe o fardo da educação, os reformadores do século XVIII reservam-lhe o importante papel do preceptor. Se as mães amamentarem, os pais farão naturalmente o seu dever. A família será unida e a sociedade virtuosa. O que chefes de polícia e economistas traduzem em termos mais políticos: "O Estado será rico e poderoso." [...] (BADINTER, 1985, p.199).

Curiosamente, ao se submeterem à ideia iluminista da ocupação com a criança como responsabilidade da mãe biológica, as mulheres vão progressivamente angariando certos poderes sobre essa prole, bem como também cresce seu valor social não apenas no âmbito familiar, mas diante da coletividade social, a qual faz aumentar o *status* da mulher tida como a “boa mãe”, a boa zeladora de sua prole. Essa elevação no prestígio da mulher “boa mãe” fundamenta-se tanto pelo fato de que ela adquire os saberes, o conhecimento, o *know-how* para levar a cabo tal empreitada, quanto pela perspectiva de que a mulher “boa mãe” gozará de certa consideração perante o coletivo social (BADINTER, 1985).

Com o gradativo crescimento do aleitamento materno a ser feito pela mãe biológica, outros costumes danosos à saúde da criança são igualmente atacados e abandonados pelas mulheres em relação a seus filhos, como no caso do uso das faixas de contenção física dos bebês, usadas para que a mãe não se preocupasse com possíveis acidentes do bebê em função de sua liberdade de movimentação. Obviamente que as mulheres mais resistentes ao abandono do “enfaixamento” foram as pertencentes às classes trabalhadoras, que não dispunham de tempo para vigiar

seus filhos. Além disso, a mulher também passa a se preocupar mais com a higiene dela e do bebê; assim como também leva em conta a boa alimentação de si e do filho, para a produção de um leite de qualidade (BADINTER, 1985).

Com isso, o discurso médico ganha um peso muito significativo nas ações das “boas mães” no esmero com os filhos, cujas recomendações vão desde a dieta de mãe e filho até ao acompanhamento familiar, com o intuito de transformar a mãe na perfeita aliada da saúde da criança:

> [...] a nova mãe, que se sente responsável pela saúde do filho, não oculta sua ansiedade e pede mais conselhos e ajuda ao médico. A presença desse novo personagem no seio da família se faz sentir cada vez mais no século XIX. As obras de Gilibert, Raulin ou Buchan já não bastam para acalmar a angústia materna. Quer-se poder consultar a autoridade a domicílio. Os médicos aproveitaram a ocasião e concluíram tacitamente uma "aliança privilegiada"[22] com a mãe. Adquiriram rapidamente uma considerável importância no seio da família e fizeram da mãe a sua interlocutora, sua assistente, sua enfermeira e sua executiva. No *Dictionnaire de la santé*, o higienista Farssagrife escreve, em 1876: "As vigilantes mercenárias são para as verdadeiras enfermeiras (subentendido: as mães) o que as amas profissionais são para as mães. Tenho a ambição de fazer da mulher uma enfermeira completa... " [...] (BADINTER, 1985, p.210).

Todavia, a maior e mais importante mudança no papel e nas funções de mãe virá a partir do século XIX, quando a mulher burguesa aceita o papel de mãe-educadora:

> [...] não foi certamente por acaso que as primeiras mulheres a escutar os discursos masculinos sobre a maternidade foram burguesas. Nem pobre, nem particularmente rica ou brilhante, a mulher das classes médias viu nessa nova função a oportunidade de uma promoção e de uma emancipação que a aristocrata não buscava. Ao aceitar incumbir-se da educação dos filhos, a burguesa melhorava sua posição pessoal, e isso de duas maneiras. Ao poder das chaves, que detinha há muito tempo (poder sobre os bens materiais da família), acrescentava o poder sobre os seres humanos que são os filhos. Tornava-se, em consequência, o eixo da família. Responsável pela casa, por seus bens e suas almas, a mãe é sagrada a "rainha do lar". [...] (BADINTER, 1985, p.222).

O acatamento dessa nova atribuição pelas mulheres gerou a questão da própria formação das mães para que estas tenham condições de instruir os filhos em casa. É de se notar que o saber para as mulheres nunca foi sinônimo de poder, não na acepção de poder que tem os homens:

> [...] menos amada por Voltaire do que o teria desejado, Madame du Châtelet deixou-nos diversos tratados, entre os quais um *Discours sur le bonheur* que nos mostra sua sabedoria epicurista. Decepcionada talvez com os limites da paixão do grande homem, ela confidencia que seu amor ao estudo foi a única compensação real à sua condição de mulher. Ela parece resumir toda a ideologia feminista de seu tempo: "O amor ao estudo é bem menos necessário à felicidade dos homens do que das mulheres... Eles têm outros meios de chegar à glória. As mulheres, porém, são excluídas de toda espécie de glória e quando, por acaso, encontra-se alguma que nasceu com uma alma bastante elevada, resta-lhe apenas o estudo para consolá-la de todas as exclusões e de todas as dependências a que está condenada pelo seu estado." As palavras de Madame du Châtelet são bem significativas. Não só revelam o que pensa um certo número de mulheres há um século, isto é, que o saber é o único meio de emancipação, como constituem uma constatação de fracasso. O saber não basta para se tomar o poder. No máximo, as mulheres podem sonhar com o papel de conselheira oculta de um grande homem. Um poder por procuração, que não enganava Madame du Châtelet. Madame du Pompadour, por mais poderosa que fosse, era em primeiro lugar apenas a amante do rei. É preciso, portanto, ser muito lúcida para compreender que o saber não passa de um consolo para as mulheres, um prazer solitário que não pode satisfazer a vontade de poder. [...] (BADINTER, 1985, p.115-116).

O que Badinter nos deixa perceber é o ressentimento que a falta do reconhecimento intelectual produziu no sujeito. Como mulher intelectual, a amante de Voltaire se vê forçada a reconhecer o fracasso na obtenção de reconhecimento para empenho que dedica aos estudos. Nessa fala de Madame du Châtelet, é visível que o saber das mulheres instruídas em altos estudos (Filosofia, Política, Matemática, etc) não é seriamente considerado pelos homens, levando as mulheres a se recolherem à subalternidade, à ausência de protagonismo quanto à produção do conhecimento. Há saberes de homens e há saberes de mulheres.

A subalternidade dos saberes ligados à maternidade fica evidente. Ao assumir a responsabilidade de educar os filhos no lar, pensa-se na instrução que será possível se dispensar às mulheres para não torná-las tão livres que não pudessem exercer as funções domésticas:

> [...] para melhor avaliar o caminho percorrido por algumas dessas mulheres, é preciso lembrar que toda educação propriamente intelectual lhes era proibida. Na escola, em casa ou no convento, evitava-se desenvolver esses espíritos. E mesmo se houve, aqui e ali, pequenas modificações de programa, o conteúdo do ensino das meninas foi de uma mediocridade espantosa até a primeira metade do

> século XIX, pois a finalidade era sempre a mesma: fazer delas esposas crentes, donas-de-casa eficientes. [...] (BADINTER, 1985, p.110).

Paradoxalmente, para a maioria das mulheres, superficialmente instruídas, assumir a educação dos filhos em casa era uma possibilidade única de elevar seu prestígio familiar e social. Era a possibilidade de aumentar seu poder sobre a prole, levando para a área educacional sua experiência no cuidado da saúde das crianças. Mais que isso, educar nada tinha a ver com instruir, a mãe havia sido talhada para a educação das crianças por ser dotada de um “instinto materno”, uma espécie de guia natural para a tarefa de educar:

> [...] a educação tem um sentido mais amplo do que a instrução. É antes de tudo transmissão dos valores morais, enquanto a instrução visa à formação intelectual.) O século XIX parece redescobrir, depois de Fénelon e Rousseau, que essa tarefa importante cabe à mãe, pois só é bom educador aquele, ou melhor aquela, que conhece perfeitamente o "terreno" das operações. "Para educar uma criança, é preciso estudar seus gostos e suas aversões; avaliá-la tanto nas brincadeiras como no seu trabalho; acompanhá-la com um instinto esclarecido nas ações aparentemente indiferentes, e que muitas vezes fazem reconhecer os meios preferíveis para conduzi-la." Só a mãe pode corresponder a esse retrato-robô, pois mesmo a preceptora mais escrupulosa jamais poderia experimentar esse instinto. [...] (BADINTER, 1985, p.256).

O discurso masculino do século XIX mais uma vez recorre ao recurso de considerar que seria afeito ao corpo feminino, instintivo na mulher, para justificar a atuação desta no ensino dos filhos. Embora o discurso masculino peque pela falta de originalidade, não é exatamente isso que as mulheres escutam. É o fato de estarem as mães tão ligadas aos filhos que determina a adesão a mais essa tarefa em relação à família. Isso e a possibilidade de ter acesso a maior instrução, a possibilidade de ampliar seu poder sobre a prole familiar:

> [...] chegou, porém, o momento em que novas aspirações se fizeram sentir. A burguesia rica, lembrando-se de Fénelon ou Fleury, aspirava a ver suas filhas melhor instruídas para serem mães e esposas mais agradáveis. A burguesia necessitada considerou que a instrução das moças podia representar um capital e complementar o dote, dando-lhe a única possibilidade "honesta" de ganhar a vida. Essa dupla motivação da educação das moças foi muito bem compreendida por L. Sauvan, inspetor a das Escolas Comunais de Moças da Cidade de Paris, em 1835: "É um dever da família não deixar as filhas ignorantes,

> tendo em vista seu futuro papel de mãe e de esposa, e é um direito para aquela que, não encontrando no lar o pão cotidiano, deve viver de seu trabalho ou de seu talento."[86] O único ofício que uma mulher podia exercer sem desdouro era o de professora, que fazia dela uma "mãe espiritual". [...] (BADINTER, 1985, p.260).

Abre-se, nesse ponto, o caminho para um percurso profissional que não desonraria nenhuma mulher, que também tem suas raízes na maternidade: atuar como professora. A atuação da mulher dentro da sociedade como mãe, enfermeira e agora professora é edificada a partir do discurso masculino sobre a maternidade. Há uma mudança historicamente colocada pelos discursos masculinos, que segue retificando a função da mãe no dispositivo e isso se organiza pela necessidade biopolítica da sociedade em crescer demograficamente, tendo populações saudáveis e agora com alguma instrução para atender aos anseios do Estado imperialista do século XIX. Contudo, a opção do poder pela *vida*, pela *vida biológica*, é algo que ocorre bem antes das guerras coloniais novecentistas:

> [...] concretamente, esse poder sobre a vida desenvolveu-se a partir do século XVII, em duas formas principais; que não são antitéticas e constituem, ao contrário, dois pólos de desenvolvimento interligados por todo um feixe intermediário de relações. Um dos pólos, o primeiro a ser formado, ao que parece, centrou-se no corpo como máquina: no seu adestramento, na aplicação de suas aptidões, na extorsão de suas forças, no crescimento paralelo de sua utilidade e docilidade, na sua integração em sistemas de controle eficazes e econômicos – tudo isso assegurado por procedimentos de poder que caracterizam as *disciplinas: anátomo-política do corpo humano*. O segundo, que se formou um pouco mais tarde, por volta da metade do século XVIII, centrou-se no corpo-espécie, no corpo transpassado pela mecânica do ser vivo e como suporte dos processos biológicos: a proliferação, os nascimentos e a mortalidade, o nível de saúde, a duração da vida, a longevidade, com todas as condições que podem fazê-los variar; tais processos são assumidos mediante toda uma série de intervenções e *controles reguladores*: *uma biopolítica da população*. As disciplinas do corpo e as regulações da população constituem os dois pólos em torno dos quais se desenvolveu a organização do poder sobre a vida. A instalação – durante a época clássica, desta grande tecnologia de duas faces – anatômica e biológica, individualizante e especificante, voltada para os desempenhos do corpo e encarando os processos da vida – caracteriza um poder cuja função mais elevada já não é mais matar, mas investir sobre a vida, de cima a baixo. [...] (FOUCAULT, 2014b, p.149-150).

Nessa citação, temos condições de apreciar um resumo daquilo que o filósofo observa acontecer entre as relações de poder e como tais relações se transformam

em esquemas de forças, que, postas em diagramas, vão possibilitar a execução desses esquemas de poder. Assim é o que o poder disciplinar impõe aos corpos das mães uma docilidade que era absolutamente vital aos planos de expansão demográfica com certa qualidade de vida:

> [...] no fim do século XVIII a relação entre mulher e sua cria já apresentava outros contornos, o de amor materno. Não se nega que tal sentimento/relação existiu em outros tempos, mas a partir desse momento comparece totalmente outro em relação aos dois séculos anteriores. O amor materno é exaltado como um valor natural pelo qual se atribui um significado social à maternidade. Esse valor social, favorece em longo prazo, a promoção de um valor mercantil. No cuidado e educação dos filhos a supremacia da autoridade do pai é deslocada para o amor da mãe. A autoridade do pai, que fora útil para criação de súditos dóceis, dá lugar ao amor para produzir e garantir a sobrevivência de pessoas. A política de Estado que se pautava no adestramento dos corpos dos sobreviventes, agora é sobreposta pelo imperativo da sobrevivência da progênie. [...] (MATIAS; BARONE; RODRIGUES, 2021, p.03).

Em contrapartida, serão as intervenções da biopolítica no corpo social que produzirão ajustes sistêmicos no diagrama do dispositivo da sexualidade, fazendo com que houvesse condições para que a maternidade emergisse também como um dispositivo de poder, em que as práticas de maternagem/maternança surgissem como técnicas possíveis da maternidade.

Surpreendentemente, é a emergência da Psicanálise, no século XIX, que vemos enunciar-se uma significante descontinuidade em relação à esse agenciamento positivo da mulher em prol da maternidade. Com a *histerização* do corpo da mãe, o corpo feminino é tomado como lugar repleto de sexualidade, em que vão incidir tanto a medicalização quanto a responsabilização moral em relação à prole:

> [...] h*isterização do corpo da mulher*: tríplice processo pelo qual o corpo da mulher foi analisado – qualificado – como corpo integralmente saturado de sexualidade; pelo qual, **este corpo** foi integrado, sob o efeito de uma patologia que lhe seria intrínseca, ao campo das práticas médicas; pelo qual, enfim, **foi posto em comunicação orgânica com o corpo social (cuja fecundidade regulada deve assegurar), com o espaço familiar (do qual deve ser elemento substancial e funcional) e com a vida das crianças (que produz e deve garantir, através de uma responsabilidade biológico-moral que dura todo o período da educação)**: a Mãe, com sua imagem em negativo que é a “mulher nervosa”, constitui a forma mais visível desta histerização. [...] (FOUCAULT, 2014b, p.113, negrito nosso).

É difícil não associar à excessiva carga de demandas sociais masculino-normativas com a patologização psicológica das mulheres. Esse “tríplice processo” de acúmulo sobre o corpo feminino, como lugar da sexualidade e lugar das demandas reprodutivas do biopoder, parece ser o elemento que torna “visível”, no corpo da mãe, a *histerização* como sistema psicossomático patológico do poder do masculino sobre o feminino.

Não obstante, é no século XIX a época em que as mulheres mais abastadas demonstrarão maior adesão ao projeto da boa mãe. Nesse ponto, os Estados europeus estarão cada vez mais engajados em projetos imperialistas, colonizantes, com investimentos cada vez mais fortes em discursos que suportem práticas de guerra e racismo.

Entrando o século XX, vemos crescer essas tendências que culminam em duas guerras, sendo a segunda guerra o conflito onde as questões de controle racial ficam mais acirradas. Com isso, é na Alemanha nazista que a racialização da maternidade e a produção em série de crianças vão ser tomadas com seriedade por uma biopolítica totalitária, levando ao extremo a ideia da reprodução populacional em massa. Assim, faz parte da política de governo da Alemanha nazista e da Itália facista, o incentivo à propriação. Para isso, são criadas

> [...] as medalhas de honra para mulheres com uma grande prole em países como a Itália e a Alemanha no final da década de 1930 segue na mesma direção. A “cruz de honra das mães” (Ehrenkreuz der deutschen Mutter ou Mutterkreuz), instituída pelo governo nazista (1938), e a “medalha de honra para mães de famílias numerosas” (medaglia d'onore per le madri di famiglie numerose), do governo fascista italiano (1939), representavam uma espécie de versão feminina das medalhas que os soldados recebiam por serviços prestados à nação. No caso da Alemanha, a medalha podia ser de bronze, prata ou ouro, de acordo com a quantidade de filhos gerados (um mínimo quatro, seis ou oito, respectivamente) e fazia parte de uma política de retomada do crescimento populacional aliada a planos expansionistas [...]. Na Itália a honraria destinava-se a mulheres com sete filhos vivos ou mais e deveria ser usada do lado esquerdo do peito em todas as festas nacionais, solenidades civis e funções públicas. [...] (ZIRBEL, 2019, 128).

O caso da Alemanha nazista faz aparecer um ingrediente diferenciado sobre a questão materna: a genética. Não era suficiente à mãe nazista que fosse boa cuidadora; ela deveria ter a genética certa para ter o direito à reprodução; ela deveria ser uma *boa mãe ariana* também em seu DNA, tal como podemos observar no modelo

performático de mãe, expresso na imagem 05 por Magda Goebbels. Nele, há um enquadramento do corpo de Magda Goebbels por meio do qual se condensa não somente a existência de um sujeito-corpo conformado, mas antes um corpo sujeitado pelas ideias eugenistas e pelo desejo de impor regras de vida e morte sobre os outros.

> [...] Uma espécie de *anatomo-política* foi implementada visando transformar os indivíduos em *corpos e sujeitos funcionais* (politicamente dóceis e economicamente úteis), entendidos como organismos dotados de capacidade produtiva. Tecnologias na forma de dispositivos disciplinares entraram em cena para adestrar esses sujeitos-corpos e produzir, igualmente, conhecimento sobre eles. Anotações meticulosas passaram a ser realizadas no campo da pedagogia, da medicina, da ação penal, da sexualidade etc., produzindo um poder-saber que serviria base para estabelecer verdades (morais, científicas, políticas...). O trinômio *poder-saber-verdade*, em uma relação de reforço recíproco entre si, passaria a definir o normal ou anormal, o correto ou incorreto, o bom ou mau para si (e para o Estado) (Foucault, 1987). Os indivíduos, agrupados entre si, formavam, igualmente, um *corpo-espécie* (a população). Também esse corpo, ampliado e unificado, precisaria ser controlado por meio de técnicas que registrassem seus fenômenos, os quantificassem e implementassem formas de controle e otimização. As novas políticas governamentais passaram a ter o interesse e os meios de intervir na produção e reprodução de certos grupos (considerados desejáveis, bons e úteis) e na eliminação de outros (considerados indesejáveis, nocivos ou improdutivos). [...] (ZIRBEL, 2019, 124).

A maternidade de Magda Goebbels é marcada pela eliminação. Como grande modelo e personificação do discurso anátomo-político nazista para as mulheres, Magda é o marco de exclusão, imposto a todas as outras mulheres que não se enquadram ao perfil do qual ela é a epifania máxima. Magda Goebbels simbolizava a própria genética desejada para o povo alemão, o que condenava à esterilidade todas as mulheres que não tivessem seu perfil genético – o da pura mãe ariana, um corpo-espécie da mãe. Consideremos a imagem 06 a seguir.

Imagem 06: Magda e Joseph Goebbels com os filhos. Da esquerda para a direita: acima, Helga, Hilde, Harald Quandt (o filho do primeiro casamento de Magda, de uniforme); abaixo, Hellmut, Holde, Hedda e Heide.

Fonte: https://www.publico.pt/2016/08/24/culturaipsilon/noticia/documento-confirma-que-pai-de-magda-goebbels-era-judeu-1742178#&gid=1&pid=1.

A família que se deixa fotografar na imagem 06 é a de Joseph Goebbels, o ministro da propaganda de Adolf Hitler. Nessa fotografia, vê-se Magda Goebbels rodeada por seis crianças, supostamente[24] filhos de Joseph Goebbels, à direita, vestido com o uniforme negro das SS, o filho do primeiro casamento de Magda com Herbert Quandt, Harald. Além dos sete filhos de Magda, à esquerda, pode-se ver o próprio Joseph Goebbels posando ao lado dos filhos e da esposa.

Magda Goebbels tipifica tudo o que o biopoder nazista legitima numa mulher e mãe[25]. Ela, por sua vez, era absolutamente devotada à causa e ao ideário nazista, o

[24] Há a crença de que, pelo menos, um dos seis filhos de Magda Goebbels possa ser filho biológico de Adolf Hitler.

[25] Há pouco tempo descobriu-se um defeito imperdoável na biografia de Magda Goebbels que lhe teria sido fatal: ela tinha sangue judeu, oriundo da genealogia paterna. Em 1934, uma anotação no diário de Joseph Goebbels não deixa claro se ele sabia, mas ele estava ciente sobre algum segredo na família da esposa. Além disso, coletivamente, a figura de Magda Goebbels como a mãe alemã perfeita até recentemente dominava o imaginário da maioria das mulheres: “[...] tudo o que hoje pensamos ou sentimos em relação à maternidade não pode ser visto sem se levar em conta o peso do Terceiro Reich. O mito da mãe tem uma conotação negativa, que vem do fato de que o regime nazista praticamente idolatrava a figura da mãe. A mulher foi tomada pela ideologia do nazismo, tendo sido obrigada a lutar na frente doméstica. Magda Goebbels com filhos: ideal do regime nazista. Há um guia de comportamento de "como cuidar dos seus filhos" dessa época, financiado por Goebbels, que teve uma tiragem enorme. Ele foi editado, com poucas modificações na capa e no conteúdo, até os anos 1970. Ali foi transportado, para as próximas gerações, essa imagem de heroína da mãe. Até hoje carregamos essa herança nazista. [...]” (HERWARTZ-EMDEN, 2007).

que teve a chance de provar quando os russos entraram em Berlim no final de abril de 1945. Se tomarmos Magda Goebbels como uma espécie de corpo metonímico, isto é, um corpo que nos permite compreender o funcionamento do referido biopoder na população feminina daquele tipo de governamentalidade, somos autorizados a concluir, pela historicidade inscrita nesse enunciado, que se trata de um modelo de vida perfeito do nazismo, visto reunir as qualidades que decretam a morte (tânatos) para todas as outras mulheres e mães.

Magda Goebbels é a bio-eva, mãe de todos aqueles que os nazistas consideravam dignos da vida, para a sociedade nazista. Principalmente por seu fenótipo loiro-branco, que é excludente para todos os outros fenótipos (negros, mulatos, asiáticos, etc).

A maternidade de Magda Goebbels impõe um padrão absurdamente excludente pela concepção pregada pelo nazismo e suas crenças racistas. Todavia, por essas crenças, Magda Goebbels assassinou seus seis filhos menores na noite de 1º de maio de 1945, suicidando-se depois. Ratificando totalmente a ideia de que seus seis filhos pertenciam ao regime nazista não a ela ou a Goebbels. Abaixo veja a foto tirada pelos russos dos corpos da família Goebbels[26].

Imagem 07: retirada da internet, a imagem remete aos corpos do seis filhos de Magda e Joseph Goebbels, mortos por envenenamento. Do lado direito, vê-se os corpos carbonizados do casal Goebbels.

Fonte: The corpses of the Goebbels family outside the Führerbunker, May 3, 1945 [2982x931]

Na imagem 07, o enquadramento dos corpos mortos mostra tanto o envenenamento das crianças quanto o suicídio do casal Goebbels. Tais imagens

[26] Há também um vídeo mostrando os corpos. Está disponível no Youtube, no enderço eletrônico https://www.youtube.com/watch?v=DHCcXV74Hcs, e pode ser acessado sob o título: **Joseph Goebbels family suicide inside Hitler bunker, Berlin 1945**.

dizem quão enraizado o racismo estava na cadeia de poder do nazismo, tal como indicado pelo enunciado fotográfico acima, o aniquilamento dos Goebbels alude a uma espécie de funcionamento necropolítico[27] do dispositivo da maternidade, já que as mortes das crianças acontecem com a participação da mãe, Magda Goebbels, como colaboradora do envenenamento dos filhos e fiel cumpridora de ordens oriundas do próprio Hitler para que as crianças fossem mortas. O enunciado fotográfico 06 patenteia a lealdade total de Magda Goebbels ao programa partidário nazista.

Por esse viés, Magda Goebbels assume o projeto nazista e o executa como sujeito que pratica uma "obediência às cegas", nos termos expostos por Gros (2018) trata-se de uma mãe que é agente executora dos próprios filhos, cujas mortes são necessárias do ponto de vista anátomo-político, já que a prole pertencia ao regime nazista e, com a derrocada do nacional-socialismo, não parecia haver realidade possível para aquelas crianças se tornarem adultas, principalmente dentro do regime comunista russo, comandado por Josef Stalin à época.

Esse assassínio dos próprios filhos, faz emergir, do corpo dessa mãe-espécie, uma prática que provoca uma descontinuidade em relação ao que se espera da boa mãe. A prática do filicídio, cometida por Magda Goebbles, pela perspectiva do enquadramento, no enunciado fotográfico considerado, faz ver algo ainda mais abrangente: a total subalternidade do sujeito-mãe ao projeto anátomo-político que apenas admite possibilidade de vida com a plena vitória. A morte dos Goebbels prefigura uma perfeita prática disciplinar das subjetividades forjadas pelos ditames nazistas, em que certos ditames biológicos sobrepujam os ditames da ética.

Tais subjetividades do nacional-socialismo, segundo a necessidade do biopoder nazista, colocaram-se corporeamente submetidas a formas de agir que não levam em consideração nenhum procedimento ético – algo que seria impensado para Foucault, conforme o que considera lícito na constituição ético-estética do sujeito.

[27] Conceito cunhado por Achille Mbembe, professor e cientista político camaronês, para referir-se a aspectos da realidade sócio-política atual em que "as formas contemporâneas que subjugam a vida ao poder da morte (necropolítica) reconfiguram profundamente as relações entre resistência, sacrifício e terror" (MBEMBE, 2016, p.146). Para Mbembe, há evidências para acreditar que certas situações aglutinem marcas de violência que combinam formas disciplinares, biopolíticas e necropolíticas de opressão e tirania, em que há espaços para matar (2016). A *necropolítica* designa o âmbito de ações em que o objetivo a ser atingido é a morte física do corpo do inimigo. A amplitude dessas ações vão desde um simples tiro até a lenta e excruciante morte por inanição. Como ato soberano, a *necropolítica* se baseia no "direito de matar" (2016, p.128).

Por isso mesmo, a mãe nazista é ao mesmo tempo uma fábrica de bebês, mas também pode vir a ser algo como uma *sabotadora para o regime*, ao abortar o processo procriador, caso seja necessário apagar vestígios de possíveis “crimes”, por exemplo. No caso de Magda Goebbels, há fontes históricas surgindo para relatar que não foi ela quem administrou o cianureto. Segundo confissão do dentista da SS, na época, Dr Helmut Kunz, o envenenamento teria sido uma ordem do próprio Hitler e teria sido levado a cabo pelo clínico geral Dr Ludwig Stumpfegger:

> [...] Now German researchers have shed new light on the murders by uncovering previously unseen accounts of the doctor's post-war trial. Maik Wogersien, a public prosecutor, found an account of the court case in 1959 that included a confession by Dr Helmut Kunz, who helped with the killing of Helga, 12, Hildegard, 11, Helmut, nine, Holdine, eight, Hedwig, six, and Heidrun, four - names starting with H in honour of Hitler. In Kunz's evidence before the Hamm Upper State Court, he said: ''Towards the end of April, Magda came up to me and said, 'I need your help in the killing of the children.' I refused her, saying that was not my responsibility. ''But Magda Goebbels insisted and shortly afterwards declared to me that it was no longer a request for help but a direct order from Hitler.'' Kunz was originally a dentist with the SS Death's Head division but became a trusted friend of Hitler after being wounded in the field and transferred to a desk job in the Chancellery. He told the court he escaped the bunker but was tracked down by Magda Goebbels hours later. She said he must return or ''you will be a dead man''. On the evening of May 1, 1945, he was forced to carry out his grim duty. ''The children were all in one room. But they were not asleep. 'Have no fear,' said Magda Goebbels. 'The doctor here is going to give you an injection of the sort that all children and soldiers get.' She left the room. I injected them with morphine - the eldest daughters first, then the son, then the other daughters. It took around 10 minutes. ''When the children were off, Magda Goebbels went into the room, the cyanide capsules in her hand. She was in there for several minutes, then stepped out, crying, saying, 'Doctor, I cannot do it. You must.' ''I answered immediately, 'No, I cannot.' Then she cried, 'Well, if you cannot do it, then get Stumpfegger.' '' Dr Ludwig Stumpfegger, a physician close to Heinrich Himmler, the head of the SS, murdered the children. [...] (HALL, 2009).[28]

[28] [...] Agora, pesquisadores alemães lançaram uma nova luz sobre os assassinatos, descobrindo relatos inéditos do julgamento do médico no pós-guerra. Maik Wogersien, um promotor público, encontrou um relato do processo judicial em 1959 que incluía uma confissão do Dr. Helmut Kunz, que ajudou no assassinato de Helga, 12, Hildegard, 11, Helmut, 09, Holdine, 08, Hedwig, 06, e Heidrun, 04 - nomes começando com H em homenagem a Hitler. No depoimento de Kunz perante o Tribunal Estadual Superior de Hamm, ele disse: “No final de abril, Magda veio até mim e disse: 'Preciso da sua ajuda para matar as crianças'. Eu o recusei, dizendo que não era minha responsabilidade. Mas Magda Goebbels insistiu e logo depois me declarou que não era mais um pedido de ajuda, mas uma ordem direta de Hitler." Kunz era originalmente um dentista da divisão SS Death's Head, mas tornou-se um amigo de confiança de Hitler depois de ser ferido em campo e transferido para um trabalho administrativo na Chancelaria. Ele disse ao tribunal que escapou do bunker, mas foi rastreado por Magda Goebbels horas depois. Ela disse que ele deveria retornar ou "você será um homem morto". Na

A versão apresentada no artigo do *The Sydney Morning Herald* não esclarece como Stumpfegger teria cumprido essa ordem de Hitler. Além disso, Dr. Stumpfegger morreu no mesmo ano que os Goebbels quando tentou fugir dos soviéticos, fato que impossibilitou a retomada do ocorrido por parte do envolvido. De qualquer maneira, Magda Goebbels empenha-se no assassínio dos filhos, para impedir que caíssem nas mãos dos comunistas russos. Magda Goebbels reúne os traços de uma Medeia[29] da era moderna, uma mãe-espécie; alguém cujo corpo encarna a anátomo-política que a defende, exaltando-a como protótipo de uma existência-raça pautada pela plena aceitação e rendição ao biopoder regulado por crenças raciais criminosas[30].

Por outro lado, há uma outra perspectiva que gostaríamos de apresentar aqui, à medida em que tentamos trazer para um outro nível de compreensão o sujeito-mãe. Tal subjetividade, ao contrário da mãe-Goebbels, escolhe posicionar-se eticamente[31] em prol da vida e contrária ao biopoder com o qual teve que se defrontar, constituindo-se como uma subjetividade de resistência à ditadura militar de seu país. Nesse direcionamento, há uma tomada de consciência, de maneira que

> [...] a insubmissão coletiva torna-se um movimento histórico real e consistente quando se produz uma covibração de numerosos “si” indelegáveis, porque a situação degradou-se a tal ponto que cada um sente a urgência de reagir e a necessidade de não mais obedecer. É a essência das revoluções quando cada um se recusa a deixar a outro sua própria capacidade de supressão para restaurar uma justiça, quando cada um se descobre insubstituível para se pôr a serviço da humanidade inteira, quando cada um faz a experiência da

noite de 1º de maio de 1945, ele foi forçado a cumprir seu dever sombrio. “As crianças estavam todas em um quarto. Mas eles não estavam dormindo. "Não tenha medo", disse Magda Goebbels. — O médico aqui vai lhe dar uma injeção do tipo que todas as crianças e soldados recebem. Ela saiu do quarto. Injetei-lhes morfina - as filhas mais velhas primeiro, depois o filho, depois as outras filhas. Demorou cerca de 10 minutos. Quando as crianças saíram, Magda Goebbels entrou no quarto com as cápsulas de cianeto na mão. Ela ficou lá por vários minutos, depois saiu, chorando, dizendo: 'Doutor, não posso fazer isso. Você deve.' Respondi imediatamente: 'Não, não posso.' Então ela gritou: 'Bem, se você não pode fazer isso, então pegue Stumpfegger.' O Dr. Ludwig Stumpfegger, um médico próximo a Heinrich Himmler, o chefe da SS, assassinou as crianças. [...] (HALL, 2009).

[29] Referência à personagem grega da tragédia de Eurípedes, que mata os próprios filhos como revanche por ter sido trocada pela filha do rei de Corinto, Creonte.

[30] Aliás, sobre o assassínio dos filhos, há fotos na rede de autópsias feitas no corpo de Helga Goebbels, a filha mais velha, morta com 12 anos, e que trazem indícios de que ela teria lutado pela vida. Infelizmente os russos queimaram os restos mortais dos Goebbels e mantém sob sigilo documentos desses procedimentos, se é que tais ainda existem.

[31] Em *Desobedecer* (2018), Frédéric Gros, a desobediência está ligada ao “princípio da responsabilidade indelegável” (p.94), pelo que a desobediência torna-se ética em função dessa “essa estreita passagem, a esse magro corredor, por certo adornado com um nome misterioso (**o “eu indelegável”**), mas por trás do qual reconhecemos logo o que Baudelaire chamava “a antiga consciência”. Eis portanto o que seria, a nu, a verdadeira desobediência: dar-se o luxo das ‘tempestades sob um crânio’ […].” (GROS, 2018, p.94-95).

> impossibilidade de delegar a outros o cuidado do mundo. [...] (GROS, 2018, p.95).

Na imagem fotográfica 07, temos a expressão da vontade inalienável de exercer uma contraposição, pela ação de um corpo-desobediência constituindo-se, à medida em que vai operacionalizando coletivamente procedimentos que são como contracondutas[32], desafiando o sistema de poder repressor da liberdade. A necessidade do posicionamento ético procede da dificuldade do sujeito em alinhar sua subjetividade com o exercício de poder em vigência, o que nutre mais do que uma insatisfação, gera impedimentos concretos à liberdade de condução do sujeito, para que se submeta diante do que considera irreconciliável em termos de condições éticas de existência. Dessa forma, desobedecer ao poder antiético que tenta cercear as condutas e não governar as condutas.

Dessa forma, constrói-se uma cisão, uma dissidência, uma oposição, no caso, uma oposição ética, na qual a relação entre política e vida possui um funcionamento rigorosamente antagônico, o que gera a desobediência como uma reação da vontade contra o poder exercido, num desengajamento que é um não consentimento, que torna visível as desigualdades, as incompatibilidades das forças, tendo em vista que

> [...] Só obedecemos bem quando fazemos valer, na obediência, essa capacidade de comandar a si mesmo. A obediência política, cidadã, é *voluntária*. Ela é lúcida, sensata, responsabilizante. Sou eu que me obrigo, *livremente*. Submeto-me às ordens de outro, mas a partir de uma decisão própria. É a mim que comando a obedecer ao outro, isto é, até na obediência se faz valer a soberania de um chefe: é "como meu próprio chefe" que obedeço. A obediência designa uma ativação da vontade, e não sua abdicação – impossível então encontrar entre os gregos um enunciado como "não sou responsável, pois eu só obedecia". Com a ideia de obrigação estamos muito longe do modelo

[32] A questão da conduta sempre está presente quando a liberdade dos indivíduos é colocada em foco. No caso das mães da praça de maio da Argentina, o cuidado com os filhos é tomado e usado como uma *contraconduta* em relação a um regime de governo que institucionalizava o assassínio aos opositores do sistema e cerceava a liberdade das mães de manifestação. Para Foucault, *contraconduta* é definida "[...] no sentido de luta contra os procedimentos postos em prática para conduzir os outros [...]" (FOUCAULT, 2008, p.266) e analisada em relação à crise do poder pastoral a partir do século XIII principalmente. Ainda conforme Tony Hara: "[...] a crise do pastorado vivida no século XVI, uma pergunta se impôs: como se conduzir? Que regras adotar para si mesmo, a fim de conduzir como convém? Intelectuais, filósofos, artistas do século XVIII responderam a essa questão caprichosamente grega, de um modo grego também **conduzir-se com liberdade**. Uma nova experimentação foi ensaiada no laboratório da vida, no tempo das Luzes, na era das liberdades. Surge, neste século**, segundo a análise de Foucault, a arte liberal de governar. Uma forma de governo consumidora de liberdade**, porque só poderia funcionar efetivamente se pudesse negociar certas liberdades: liberdade de mercado, liberdade do vendedor e do comprador, livre exercício do direito de propriedade, liberdade de discussão, liberdade de expressão, homem livre. [...]" (HARA, 2019, p.308, grifo nosso).

> do consentimento, em particular na versão dada por Hobbes. Segundo ele, é política por excelência a instituição da partilha entre, de um lado, a autoridade pública, que faz as leis, impõe a ordem pública, e, de outro, a massa dos cidadãos que abandonam seu direito natural e se resignam a obedecer para obter segurança. A obrigação política em Aristóteles não é instituinte. Ela não legitima nenhuma autoridade soberana exterior, não constrói nenhuma comunidade de renúncia. Cria solidariedades a partir da afirmação, da ativação de um governo de si sobre si: eu me obrigo a obedecer a um outro que é meu igual. Não pode jamais ser suposta como um *a priori* relegado à origem, pois é por ela, ao contrário, que me faço presente a mim mesmo. É o oposto do consentimento. A obrigação é a possibilidade geral de desobedecer no interior da própria forma ética da obediência. Em última instância, sou sempre eu que comando a mim mesmo a obedecer, o que significa que, em tal ou tal situação, poderei recusar a mim mesmo de obedecer – pois sou *eu* que comando. [...] (GROS, 2018, p.69-70).

As mães da praça de maio, de Buenos Aires, Argentina, começaram, a partir dos anos de 1970, uma insurgência, uma insubmissão contra a ditadura militar, que sequestrava e matava seus filhos, muitos adolescentes ainda. Esses sequestros e assassinatos, aliados à ausência de transparência sobre o paradeiro dos mortos e desaparecidos, fizeram eclodir o movimento de mães que, reunidas em plena praça, começaram a exigir explicações do governo. Vejamos a imagem a seguir.

Imagem 08: a foto acima mostra uma passeata das famosas mães argentinas da *sociación Madres de la Plaza de Mayo*; grupo que desafiou a ditadura militar na Argentina, que perdurou entre os anos de 1977 a 1983, protestando contra os desaparecimentos ou assassinatos dos filhos, que se opunham ao regime ditatorial.

Fonte: https://farm66.staticflickr.com/65535/32876963697_10fa7108ac_o.jpg.

As Mães da Praça de Maio vestem lenços brancos na cabeça como símbolo das fraldas de seus filhos mortos ou desaparecidos. Na imagem 08, ao fundo, podemos ver outras mães portando cartazes menores com fotos dos filhos procurados, cujo paradeiro a ditadura deveria dar conta de explicar. Essa atitude destemida, típica do que se espera de uma mãe protetora em relação à sua cria, foi uma das primeiras reações da sociedade argentina contra o regime militar ditatorial, que precipitaria o colapso do sistema[33] de terror imposto à sociedade argentina.

No enunciado fotográfico 08, vemos o corpo coletivo das mães funcionando em oposição ao sistema ditatorial, que se organiza como um biopoder autoritário. A linha de mães que está atrás da faixa forma um pelotão de enfrentamento ao sistema militar-ditatorial argentino. Não obstante, no âmbito da política em geral, a maternidade tem servido ao sistema, basta que evoquemos neste momento como variados discursos dos séculos XVIII e XIX se articularam para criar a “boa mãe” (aquela zelosa da vida da prole).

Aqui é a “boa mãe”, criada pelo sistema patriarcal, que se insurge contra um regime de governo fundado no patriarcalismo sim, mas que leva ao extremo seu direito sobre os corpos, decidindo quem merece e quem não merece morrer. Ironicamente, a “boa mãe” não consegue obedecer ao regime, aceitando a aniquilação de sua prole, a qual, de certa forma, pertence ao poder político dominante.

Em termos da macrofísica dos dispositivos é que observamos os movimentos e transformações extensas que vão certamente influir microfisicamente. Uma história do dispositivo da maternidade (da “boa mãe”) poderia trazer à luz esses meandros dos sujeitos e como os corpos, cuja manutenção da vida era superestimada pelos

[33] Infelizmente a luta por informações dos desaparecidos/mortos pela ditadura também faria suas vítimas entre as mães da praça: [...] Cuando las Madres empezaron a gritar en Luján exigiendo saber el paradero de sus desaparecidos, muchas personas empezaron a tener conocimiento de que ellas estaban buscando a sus hijos. La prensa también empieza a saber, pero se manifesta poco, por recelo hacia la dictadura o por connivencia con ella. Solo un periódico, de circulación limitada, da espacio a la lucha de las Madres. De esta forma, sabiendo la importancia de los medios para su lucha, Marta, una de las Madres, invita al periodista Jean-Pierre Bousquet a conocer lo que ocurría en Argentina. La respuesta de los militares no se hizo esperar. Las Madres pasaron a ser intimidadas y secuestradas. Dos Madres, Mary Ponce y Esther Balestrino de Cariada, sufren un terrible secuestro. El secuestro dejó a las Madres terriblemente desesperadas. Azucena, una de las líderes, convoca a todas para no desistir, y seguir con la demanda de encontrar a sus desaparecidos. El día 10 de diciembre de 1977, cuando su demanda fue publicada en el periódico La Nación, Azucena es secuestrada en la esquina de su casa [...]. (NABUCO; AMARANTE, p.XXIV-XXV).

sistemas políticos, passam a ser divididos entre os que importam ou não aos sistemas políticos vigentes.

> [...] Desta maneira, o passado surge como um tempo que permite a vivência do corpo, promovendo um diálogo com esse lugar onde o corpo se posiciona em combate. Sobrevivente, ele narra a história, resgata e dignifica os que caíram. Assim, o tempo e a Plaza passam a simbolizar uma representatividade discursiva, na qual os atos do passado se metamorfoseiam, o passado e o espaço público se fundem num "lugar/problema de onde se assinalam os vazios das histórias oficiais". [...] (PONZIO, 2007, p.02).

A esfera política e a esfera da sociedade civil se misturam no jogo de poder disponibilizado pela imagem 08. Essa imagem evidencia uma agitação do corpo social: as mães agindo em conjunto para agitar o tecido da sociedade. O desaparecimento dos filhos e filhas, o ocultamento das notícias do paradeiro desses filhos e filhas (ou de seus corpos), a falta de compromisso, por parte do Estado militar, com a transparência, todo esse contexto foi decisivo para que as mães viessem para a praça gritar pela vida dos filhos sequestrados e feitos desaparecidos pelo regime militar.

A ação de enfrentamento ao regime representa o esgarçamento do poder, em que se instala uma fissura exatamente sobre a transformação subjetiva das mães em ativistas, subjetividades de resistência.

> [...] É preciso que cada um se afirme na posição singular que ocupa; que a faça viver, que a articule com outros processos de singularização, e que resista a todos os empreendimentos de nivelação da subjetividade. Pois esses empreendimentos são responsáveis pelo fato de o imperialismo se afirmar hoje através da manipulação da subjetividade coletiva, no mínimo, tanto quanto através da dominação econômica. Em qualquer escala que essas lutas se expressem ou se agenciem, elas tem um alcance político, pois tendem a questionar esse sistema de produção de subjetividade. [...] (GATTARI; ROLNIK, 1996, p.50).

Aqui vemos um processo histórico incidindo sobre o dispositivo da maternidade de maneira extremamente incisiva: o regime militar pretende que as mães aceitem que seus filhos sejam subtraídos, torturados e mortos; tendo seu paradeiro escondido das famílias. Essa determinação do poder do regime militar provocou a reação das mães que se viram transformadas em agentes de luta contra as arbitrariedades do regime.

Ocupar a praça, ir para as ruas, produzir cartazes, caminhar pela praça para não ser detida pela polícia, tais procedimentos retratam as ações típicas de ativistas, engajamento, implicação no embate pela derrocada do regime militar. Esse embate não se deu apenas pela via da palavra. As mães usaram seus corpos como arma. O corpo das mães de maio combatem os cassetetes dos guardas que elas enfrentam. Os cassetetes são um instrumento da microfísica mais extrema de poder. È um símbolo dessa microfísica combinada à macrofísica do extremismo.

Imagem 09: retirada da internet, mostra confronto das mães e da guarda em prontidão para reprimir.

Fonte: https://lavaca.org/notas/la-historia-de-las-madres-de-plaza-de-mayo-erase-una-vez-catorce-mujeres/.

Na Imagem 09, há uma relação de duas forças distintas: uma em defesa da vida e outra em defesa do direito estatal de matar (a necropolítica). O campo em que atuam não é apenas o das ideias ou do ideário (de ação macrofísica), visto que os corpos estão se confrontando na foto – o soldado segurando ostensivamente o cassetete, enquanto uma das mães da praça de maio segura um cartaz em que indaga por um/uma desaparecido/desaparecida. Nessa imagem, há o funcionamento de corpos e objetos no plano microfísico do poder.

No encontro desses dois corpos é que percebemos a ação do poder, seu exercício no embate dos gestos desses dois corpos: a atitude estática do soldado, sua mão apertada ao segurar o cassetete, o olhar escondido pela sombra do capacete, a

coragem da mãe, mostrando o cartaz às barbas do soldado, sua atitude ao encarar o soldado ameaçador, o lenço na cabeça com o nome de seu desaparecido/a e a data de seu nascimento, etc. É a isso que Michel Foucault alude ao se questionar sobre a natureza da análise do poder.

> [...] Uma segunda resposta: se o poder é em si próprio ativação e desdobramento de uma relação de força, em vez de analisá-lo em termos de cessão, contrato, alienação, ou em termos funcionais de reprodução das relações de produção, não deveríamos analisa-lo acima de tudo em termos de combate, de confronto e de guerra? Teríamos, portanto, frente à primeira hipótese, que afirma que o mecanismo do poder é fundamentalmente de tipo repressivo, uma segunda hipótese que afirma que o poder é guerra, guerra prolongada por outros meios. [...] (FOUCAULT, 2018, p.275).

O que é visível no protesto da imagem 09 é o antagonismo, cuja cesura não está localizada no nível partidário, ideológico, de classe social. A cisão, o corte foi estabelecido pela organização dos sujeitos diante do poder de morte sobre a vida dos outros (uns exercendo o poder de morte sobre a vida alheia; outras resistindo a esse poder de morte ao indagar pela vida). As mães foram retiradas do ambiente doméstico pela conduta letal dos militares, foram à praça e às ruas com a disposição de impor a guerra ao governo militar e às ações de aniquilamento dos filhos dessas mães.

Por esse motivo é que, no confronto da imagem, afirmamos que há dois soldados se enfrentando ali; e que a guerra a ser ganha jamais terá fim, tendo em vista que

> [...] se é verdade que o poder político, acabada a guerra, tenta impor a paz na sociedade civil, não é para suspender os efeitos da guerra ou neutralizar os desequilíbrios que se manifestaram na batalha final, mas para reinscrever perpetuamente estas relações de força, através de uma espécie de guerra silenciosa, nas instituições e nas desigualdades econômicas, na linguagem e até no corpo dos indivíduos. (FOUCAULT, 2018, p.275).

Assim sendo, também parece correto reconhecer na imagem 08 um tipo diferente de maternidade. Não é uma maternidade tradicional intrinsecamente ligada à família, que foi historicamente construída para as mulheres pelo discurso da “boa mãe”. Uma maternidade que ainda guarda suas raízes originárias na maternidade biológica, mas que extrapola esse dado para se parecer mais como uma espécie de adoção dos outros também como filhos, tal como devia ter sido nos primórdios da

humanidade, nos tempos do matriarcado inicial. As mães argentinas da praça de maio elevaram ao ponto mais alto o grau do que se pode considerar a “boa mãe”, mas, ao mesmo tempo, elas também romperam com o sentido que o patriarcado deu a essa subjetividade.

As mães argentinas, de alguma forma, pela solidariedade umas com as outras, fizeram reviver uma espécie de coletivo de mães (sindicato da maternidade), para agir contra um sistema de governo que as queria impedir de ser efetivamente as “boas mães” que haviam sido criadas há mais ou menos duzentos anos, através de discursos e práticas disciplinares. As mães argentinas agregaram à subjetividade materna traços de uma “sujeidade” forte, solidária, empática em relação à vida, eticamente posicionadas.

As mães argentinas estavam justamente praticando sua maternidade em conformidade com o que nem os iluministas pesaram ser como ideal do sujeito – curiosamente, no sentido da luta pela conservação da vida, as mães argentinas estavam sendo o tipo ideal de “mães patriarcais”, sendo acima de tudo anti-patriarcais, nunca deixando de ser revolucionárias, modificando o estatuto da “boa mãe” patriarcal, porque romperam com o sistema governamental que se fundava pela instituição do assassinato estatal para controle político e coletivo, com a finalidade de continuar reproduzindo a “besta militar”.

Assim é que a maternidade patriarcal se modifica, porque não consegue aceitar o direito patriarcal de matar os filhos, mesmo que estes sejam subersivos. O fundamento para as ações de assassinato dos sistemas autoritários está no antigo direito do pai sobre a vida dos filhos, o pátrio poder. As mães argentinas não apenas politizam a maternidade na contraposição a esse antigo direito. Elas transformam a maternidade num escudo, num encouraçado, numa armadura com a qual elas conseguiram afrontar o regime militar até quebrá-lo. Mães do ativismo pela vida – vida que não é posse de ninguém para que seja ceifada gratuitamente.

Na sequência, a próxima imagem também transforma o sujeito-mãe a partir da ação de um poder no nível macrofísico. A fotografia foi tirada por Rania Matar num campo de refugiados, onde os sujeitos da imagem viviam à época da foto. Chama a atenção a indumentária muçulmana da mãe (Wafa’a) e da filha (Hasna), que ostenta uma bela barriga de gravidez.

Imagem 10: retirada de *Unspoken Conversation-Mothers&Daughters*. Estão na foto Wafa'a e Hasna (irmã de Samira), *Bourj El Barajneh* campo de refugiados, Beirute, Líbano.

Fonte: https://raniamatar.com/portfolio/unspoken-conversations/.

Tanto mãe quanto filha recostam-se em uma parede que forma uma quina de canto, assim as duas mulheres não mantém contato visual, pois ficam com os corpos ligados pelas costas de uma e pelo lado de outra. As duas mulheres estão olhando para a câmera; rostos sérios, com a mãe aparentando maior rigidez do que a filha em relação ao olhar. Pelas roupas, a mãe aparenta ser tradicional; a filha, não tem um perfil tradicional.

As duas mulheres usam uma das mãos para tocar a parede junto ao corpo de ambas. Esse gesto é estranho, pois as duas mulheres parecem ter o desejo de mostrar a parede, sentir sua presença, constatar sua existência. Essa parede dá-se, na imagem, como algo obstrutor aos sujeitos, fazendo com que elas se alinhem em direções opostas do canto: criando um lado da filha e um lado da mãe (talvez enunciando as diferenças entre elas).

Essa parede é um elemento recorrente na fotografia produzida por Matar com mulheres em campos de refugiados. Essa recorrência talvez marque as condições sofríveis em que vivem essas mães e filhas, submetidas que estão ao desterro, ao desenraizamento social e cultural. Estas paredes representam esse macropoder, invisível, mas presente, que logicamente não está na parede, mas está na existência desses sujeitos obrigados a viver a experiência dos campos de refugiados.

Para as mulheres, as mães em especial, esse desenraizamento fere muito emocionalmente, pois a casa é mais do que um lugar, e sua a ausência é a falta da intimidade doméstica com a família dentro de um lugar que é o lar (o refúgio, o paradeiro, um espaço de construção subjetiva).

O lar, para as muçulmanas em especial, corresponde a um território, um habitat, onde a existência feminina especializa sua subjetividade. Nesse ponto, parece que Matar faz emergir sua consciência de arquiteta aqui, buscando um *frame* da cena que situa essa simbolização do sentido impeditivo da parede em relação aos sujeitos. Conseguimos sentir o quão importante é para a fotógrafa comensurar de alguma forma, em termos de imagem, a vivência dos sujeitos de experiência de perda do espaço de intimidade:

> [...] In 2002, Matar, relatively new to photography, found herself in the Shatila refugee camp in Southern Beirut. Shocked at the conditions, she began to take pictures and get to know her subjects, mostly women and children. “It was then that I got a valuable piece of advice,” she says. “Someone who had seen the photos I took of my own children told me I needed to achieve that same level of intimacy in the camps. I had to overcome being intimidated. I grew more comfortable. Intimacy is a big part of the work.” [...] (FREELAND, 2019, p.46).[34]

É justamente este conselho estético sobre produzir intimidade num campo de refugiados que surpreende, pois, na intimidade entre mãe e filha, a parede está posta como elemento estranho até mesmo esteticamente: ela é feia, pichada, malconservada, destruída, descomposta, não é o tipo de parede que alguém toleraria dentro de um lar, muito menos o tipo de parede que seria decorada. Ao contrário, esta

[34] [...] Em 2002, Matar, relativamente nova na fotografia, encontrou-se no campo de refugiados de Shatila no sul de Beirute. Chocada com as condições, ela começou a tirar fotos e conhecer seus sujeitos, principalmente mulheres e crianças. “Foi então que recebi um conselho valioso”, diz ela. “Alguém que viu as fotos que tirei dos meus próprios filhos me disse que eu precisava alcançar esse mesmo nível de intimidade nos campos. Eu tive que superar a intimidação. Fiquei mais confortável. A intimidade é uma grande parte do trabalho.” [...] (FREELAND, 2019, p.46).

parede da imagem vem revestida de um poder segregador (não opressor), porque não é impedidor das subjetividades em questão, mas é o tipo de poder que é produtor de outra coisa, outra subjetividade. É aquele poder de que nos fala Foucault, em seu texto *O sujeito e o poder* (1984) ao afirmar que está presente mais como um catalisador químico invisível, cuja atuação é produtora, transformadora, mesmo que seja para pior.

O sentido da parede na intimidade de mãe e filha é essa de demonstrar a degradação das condições de vida da subjetividade feminina. É o posar não estando entre as coisas que contam de si. É o não se posicionar dentro do espaço que remonta à subjetivação do feminino especializado, exposto enquanto lugar do sujeito familiar mãe, que tem seus objetos de existir como ser agregador. A parede não tem memória. Ela apenas localiza um agora desolador, estéril, alienando o feminino de sua qualidade agregadora.

O feminino tem esse traço agregador, diferentemente de uma parede que não acolhe, não agrega, semelhante a um escombro, ruína. Uma parede pode ser usada para expor, mostrar, até matar, mas na foto ela não vem agregar, sua presença configura o destroço desagregador, resto de algo que foi, porém não consegue formar a memória do que foi. A fotografia não constrói a tridimensionalidade da arquitetura da parede, contudo para os sujeitos a parede não deixa de ser um ponto de fuga, o qual abrange a própria máquina fotográfica, na medida em que ela captura os sujeitos na fotografia, e os reconecta com todos de fora do que é mostrado pelo enunciado fotográfico, inclusive com o(s) observador(es).

Dada a condição de refugiadas dos sujeitos mãe e filha em foco, outro ponto de fuga que se coloca na imagem é a gravidez da filha. Essa barriga é justamente o que o poder excludente quer evitar, dado que não interessa a reprodução daqueles que estão em segregação, tendo em vista que essa fecundidade vem aumentar a contingência de investimento necessária à manutenção das pessoas em campos de refugiados. O que funciona nesses casos em relação à política de alguns estados está mais próximo do genocídio, do assassinato em massa. Exatamente como acontece com os palestinos, povo de ascendência de Rania Matar.

Estamos longe de esgotar essa discussão aqui, contudo, a dispersão subjetiva que descrevemos nesse capítulo dimensiona o panorama do embate de forças que estão em ação em relação ao sujeito-mãe: é sempre em torno do controle do corpo

da mulher, de sua sexualidade reprodutiva, que as forças sociais, políticas e governamentais se organizam para enquadrar esse corpo e sexualidade, segundo as demandas sócio-históricas de poder que se impõem. Entretanto, muitas vezes é a própria sobrevivência – a própria vida física – que está em jogo, como vemos ocorrer com as mães e filhas muçulmanas.

No ocidente, destacamos como a criação da “boa mãe” delimita pouco espaço de manobra para o sujeito-mãe; tanto é assim que vemos surgir a *histerização* feminina no momento em que as mães foram mais demandadas em todos os sentidos. A doença foi um ponto de fuga para as mulheres nesse momento de sobrecarga com a responsabilidade de produzir filhos e criá-los, educando-os para perpetrarem o mesmo “sistema prisional” em que também a maternidade servia a interesses outros que não ao vida.

Nesse sentido, no próximo capítulo, vamos analisar imagens fotográficas em que podemos *ver* a discursivização que foi construída a partir da situação subjetiva do sujeito-mãe. Assim é que, dentro da problemática do poder (do dispositivo), são as fotografias que trazem os sujeitos mãe e filha, que trataremos como objeto de análise nesse momento em particular, a fim de caracterizar aspectos da discursivização da maternidade em termos das relações de poder.

A partir deste momento o visível torna-se mais relevante do que o enunciável em nossa pesquisa. Com isso, fica mais importante reconhecer certas regularidades microfísicas da imagem, os atravessamentos do poder pelas relações entre as subjetividades e como vão sendo discursivizados os sujeitos afetados.

.

5 O DISPOSITIVO DA MATERNIDADE EM IMAGENS MICROFÍSICAS DE MÃES E FILHAS

Seguindo nosso percurso metodológico, chegamos até a parte da pesquisa, em que nos deteremos na discursivização da maternidade a partir das subjetividades de mãe e filha, mostradas pelos enunciados fotográficos. Após construirmos argumentos sobre uma perspectiva macrofísica do dispositivo da maternidade, abordando os processos de subjetivação do sujeito-mãe e o mapeamento dessa subjetividade, tendo em vista certos esquemas de macroforças em ação sobre o sujeito, é preciso que sigamos para a outra extremidade do dispositivo, o nível microfísico, trilhando o caminho disposto pelo discurso fotográfico em foco nas imagens de Rania Matar primordialmente.

O trabalho realizado por Matar é definido por ela mesma como autobiográfico, no sentido em que ela dirige o ato fotográfico para aquilo que desperta seu interesse pessoal. Sendo assim, o projeto *Unspoken Conversation (Mothers and Daughters)* surgiu da necessidade pessoal da fotógrafa em lidar com o crescimento dos próprios filhos ou do fato de que ela perdeu a mãe quando tinha apenas três anos de idade[35] (MATAR, 2017). Por outro lado, a produção subjetiva da mulher como território de fortalecimento de seu posicionamento e existência aparece como uma preocupação inerente a todo projeto de Matar:

> [...] identity defines all my work, as a woman, as a mother and as the product of two cultures. I am Lebanese, I am part Palestinian, and I am American. I think that this combination has inspired me to become a photographer. But it was actually after 9/11 that I came to terms with the whole sense of identity in a very profound way. Before that I was working as an architect, but all of a sudden the news was about 'them' and 'us', creating discursive divisions between people which I found very unsettling and disturbing. I was both "them" and "us". [...] Identity is imperative to define the underlying equality shared by all humans. Therefore it became important for me to focus on the essence of what makes us all human and on the universality of our humanness. Life is

[35] "[...] What started as a simple means of capturing the fleeting beauty of child's world has turned into an interpersonal exploration with a much greater scope. And, beyond the obvious connection to her current role in life, Matar's *Mothers & Daughters* series sheds light on a very personal layer of her past, which in turn speaks to the depth of her inspiration in the work. 'I lost my mom when I was three years old, so I don't have a mom," she explains. "I'm really learning those relationships with my daughters firsthand.' [...]" (MATAR, 2017). Tradução: "O que começou como um simples meio de capturar a beleza fugaz do mundo infantil se transformou em uma exploração interpessoal com alcance muito maior. E, além da conexão óbvia com seu papel atual na vida, a série *Mothers & Daughters* de Matar lança luz sobre uma camada muito pessoal de seu passado, que por sua vez fala da profundidade de sua inspiração no trabalho. 'Perdi minha mãe quando tinha três anos, então não tenho mãe', explica ela. 'Estou realmente aprendendo esses relacionamentos com minhas filhas em primeira mão' ".

> not fair, but if we treat people with respect and look at them for what they are we become one of them in a sense. [...]. (MATAR, 2016).[36]

Essa preocupação em construir pontes para diminuir essas "divisões discursivas" entre as culturas ocidental e oriental ganha visibilidade no próprio discurso fotográfico de Matar, ao apontar seu equipamento na direção de mães e de filhas também atravessadas por signos pertencentes às duas culturas. Então, o discurso fotográfico que se constrói disso tudo é algo diverso, único, singular tanto pela particularização universal do humano quanto pelo tipo de estética da imagem que surpreende pela forma de se referir à intimidade, por exemplo. É exatamente por sua natureza intimista que o discurso fotográfico de Matar oferece-nos a abertura necessária para que consigamos observar a maternidade como dispositivo.

Daqui por diante, vamos considerar o dispositivo fundamentalmente em função da experiência microfísica deste. Observando os indivíduos, buscamos não apenas examinar a emergência da maternidade como dispositivo no mundo microfísico, mas vamos nos referir ao corpo também como linhas de força e fuga do dispositivo. Sendo o corpo dos indivíduos aquilo que se constitui no principal objeto das relações de força, aquilo que faz parte inerente da

> [...] mecânica do poder, [...] [de] sua forma capilar de existir, no ponto em que o poder encontra o nível dos indivíduos, atinge seus corpos, vem se inserir em seus gestos, suas atitudes, seus discursos, sua aprendizagem, sua vida quotidiana. O século XVIII encontrou um regime por assim dizer sináptico de poder, de seu exercício *no* corpo social, e não *sobre* o corpo social. [...] (FOUCAULT, 2018, p.215).

Esse poder microscópico (FOUCAULT, 2018, p.215), que expulsa "elementos" como a corte e o rei, foi o que efetivou "[...] uma mudança de estrutura fundamental que permitiu a realização, com uma certa coerência, desta modificação dos pequenos exercícios do poder [...]" (FOUCAULT, 2018, p.215). Tais "pequenos exercícios do

---

[36] [...] identidade define todo o meu trabalho, como mulher, como mãe e como produto de duas culturas. Sou libanesa, sou parte palestina e sou americana. Acho que essa combinação me inspirou a me tornar fotógrafa. Mas, na verdade, foi depois do 11 de setembro que cheguei a um acordo com todo o senso de identidade de uma maneira muito profunda. Antes eu trabalhava como arquiteta, mas de repente as notícias eram sobre 'eles' e 'nós', criando divisões discursivas entre as pessoas que eu achava muito inquietantes e perturbadoras. Eu era tanto "eles" quanto "nós". [...] A identidade é imperativa para definir a igualdade subjacente compartilhada por todos os humanos. Portanto, tornou-se importante para mim focar na essência do que nos torna todos humanos e na universalidade de nossa humanidade. A vida não é justa, mas se tratarmos as pessoas com respeito e olharmos para elas pelo que são, nos tornamos uma delas em certo sentido. [...]. (MATAR, 2016).

poder” estão localizados nas relações entre as pessoas, as mínimas ações que se estabelecem entre os indivíduos, quer estejam dentro ou fora da família, dentro ou fora da esfera pública ou privada dos indivíduos.

Como já mostramos previamente, é no interior da família, concebida como superfície primeira (FOUCAULT, 2014b) de surgimento dos objetos da sexualidade, que são montados os diagramas de poder que vão marcar o corpo social: a importância da criança que determina a mãe como sujeito responsável por sua vida; a amamentação como ato de sustentação da vida para a criança ou o ato de construção do vínculo com a criança e a delegação à mãe das responsabilidades de cuidados e de educação das crianças. Tudo isso fez surgir não apenas um saber em torno desse esquema, mas, principalmente, foi primordial na solidificação de uma prática de poder da mãe em relação aos filhos.

Esse processo de transformação das relações entre mãe e prole cria condições para que tanto o saber quanto o poder atuem no sentido da subjetivação da mãe em sujeito que afeta a criança. Há uma hierarquização das relações, há direcionamentos que são implementados, pois, a assimetrização da relação mãe e filhos impõe uma distância resultante dos papéis que a mãe vai assumir diante de tarefas que necessita cumprir pelas funções que assume (alimentar, cuidar, curar, educar, vigiar, orientar, amar etc).

Assim é que a atuação da mãe vai se modificando conforme o crescimento da própria criança. A concepção e gravidez, então, são o primeiro agenciamento da mulher na a condição mãe. Esse agenciamento do dispositivo cumpre com o primeiro momento de formação da subjetividade feminina como mãe e tem a ver com a ligação orgânica da fecundidade do sujeito individual e da fecundidade do corpo social (o corpo coletivo da sociedade), conforme prevê Foucault: é o corpo feminino que é “[...] posto em comunicação orgânica com o corpo social (cuja fecundidade regulada deve assegurar)” (2014b, p.113).

Essa asserção foucaultiana sobre a relação de fecundidade do corpo da mulher com o corpo social é algo que revela, particularmente à mulher, uma certa exigência quanto à capacidade de geração demográfica, diante do fato de que a fecundidade individual e coletiva estão inter-relacionadas. Por outro lado, também, a partir dessa asserção, Foucault constata que é através do corpo da mulher que se iniciam os primeiros agenciamentos do dispositivo da maternidade, pelas ocorrências que se

instalam devido à concepção e à gestação. O poder maternal é erigido com fundamento no poder biológico da reprodução do corpo feminino, sendo colocado no âmbito do corpo social até como um dever da mulher.

Além disso, esse corpo feminino fecundo deve estar organicamente em contato com um espaço familiar (FOUCAULT, 2014b, p.113), onde deve ser um componente ativo, ou seja, deve fazer parte do contexto familiar, atuando efetivamente dentro da família, assumindo seu papel, cumprindo com as obrigações que lhe são designadas como mãe. É dessa forma que o corpo da mulher se liga ao espaço familiar como um componente operacional, isto é, como um elemento que realmente desempenha atribuições nesse tipo de instituição. Tal como afirma Foucault: o corpo da mulher deve estar em contato “com o espaço familiar (do qual deve ser elemento substancial e funcional)” (2014b, p.113).

Em uma terceira perspectiva do dispositivo da maternidade, Foucault avança nos compromissos e aferra o corpo da mãe àquilo que define como “responsabilidade biológico-moral” (referência ao desenvolvimento bio-psico-social da criança): o corpo da mãe se liga “com a vida das crianças (que produz e deve garantir, através de uma responsabilidade biológico-moral que dura todo o período da educação)” (2014b, p.113). Nessa terceira dimensão do dispositivo, a mãe está atrelada à vida da criança, enquanto durar a educação desta, principalmente porque à mãe é imposta essa “responsabilidade biológico-moral”, que é imposição do corpo social sobre a mãe.

As implicações dessas asseverações são obviamente passíveis de crítica, o que não é o objetivo dessa pesquisa. O que pretendemos fazer aqui é, na caracterização do dispositivo da maternidade a que estamos procedendo, examinar e refletir sobre as subjetividades que estão configuradas a partir do enunciado fotográfico, em nível da perspectiva microfísica da imagem captada. Há regularidades de mães em um dado sistema de subjetivação, que está colocado através das imagens fotográficas.

Pela prática enunciativa das fotografias, o corpo da mulher se coloca antes de tudo como uma unidade orgânica psicopessoal, que se relaciona e entra em contato com uma rede de expectativas e de determinações em relação a esse corpo feminino (em contato com o corpo social). Daí é que esse corpo não está imune às vicissitudes, que presumivelmente surgem das relações de poder, que se configuram na esfera do

que o corpo maternal precisa cumprir como máquina de um dispositivo, aquela que está submetida em função do exercício de um poder (no caso o maternal):

> [...] quanto às relações de poder propriamente ditas, elas se exercem por um aspecto extremamente importante através da produção e da troca de signos; e também não são dissociáveis das atividades finalizadas, seja daquelas que permitem exercer este poder (com as técnicas de adestramento, os procedimentos de dominação, as maneiras de obter obediência), seja daquelas que recorrem, para se desdobrarem, a relação de poder (assim na divisão do trabalho e na hierarquia das tarefas). [...] (FOUCAULT, 1984, p.241).

O sujeito-corpo-mãe é esse que traz para o campo microfísico essas técnicas de adestramento, de procedimentos de dominação e de formas de obtenção da obediência, são todas aspectos de um poder disciplinar que a mãe exerce sobre os filhos. Aqui se diferencia o pensamento de Foucault sobre o poder, cujo alicerce está no fato de que seu entendimento considera o poder não como algo compacto e pré-existente ao seu exercício – não há “O” poder, mas relações de poder. Para Foucault, há uma diversidade em torno do poder, que só conseguimos apreender pelo exercício, ou seja, é a partir da prática do poder, nas relações criadas nesse exercício que o poder torna-se vivo.

> [...] Abordar o tema do poder através de uma análise do “como” é, então, operar diversos deslocamentos críticos com relação à suposição de um “poder” fundamental. É tomar por objeto de análise *relações de poder* e não um poder; relações *de poder* que são distintas das capacidades objetivas assim como das relações de comunicação; relações de poder, enfim, que podemos perceber na diversidade de seu encadeamento com estas capacidades e estas relações. [...] (FOUCAULT, 1984, p. 242).

Tal forma de conceber o poder permite que Foucault reitere seu exercício como “um modo de ação de alguns sobre os outros” (1984, p. 242), ou seja, o poder é exercido com “atos”, porque “o poder só existe em ato, mesmo que, é claro, se inscreva num campo de possibilidade esparso que se apoia sobre estruturas permanentes” (FOUCAULT, 1984, p.242). Isto significa que o poder não precisa de consentimento, renúncia, um direito, um consenso. Uma ação de violência, por exemplo, subjuga, submete, aniquila, desagrega e torna as resistências inócuas. As relações de poder, contrariamente,

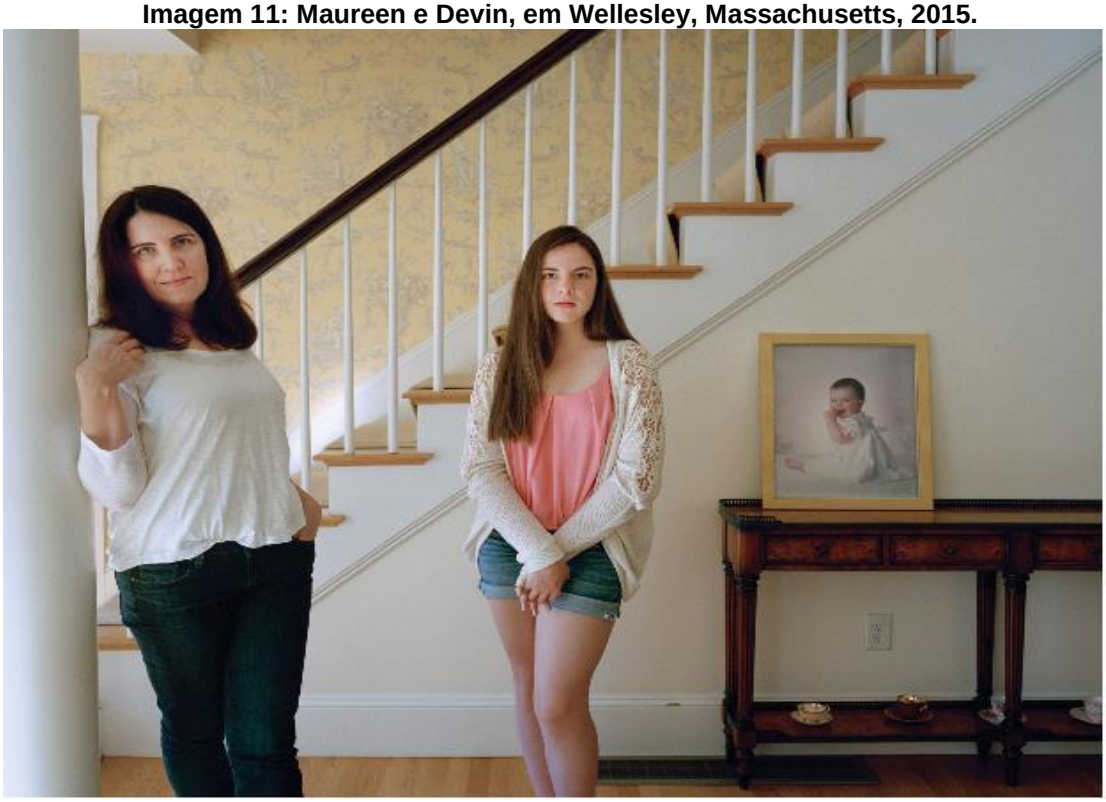
> [...] se articula[m] sobre dois elementos que lhe são indispensáveis por ser exatamente uma relação de poder: que “o outro” (aquele sobre o qual ela se exerce) seja inteiramente reconhecido e mantido até o fim como o sujeito de ação; e que se abra, diante da relação de poder, todo um campo de respostas, reações, efeitos, invenções possíveis. (FOUCAULT, 1984, 243).

Ainda assim, não é o sujeito da ação quem está no centro da dinâmica das relações de poder. É preciso que tenhamos a consciência de que os sujeitos só importam pelos atos que praticam, suas “condutas”. Tanto aquele que exerce o poder (“o condutor de condutas”) quanto aquele cuja conduta se quer atingir estão relacionados tendo em vista a ordem do “governo”, diz Foucault. Em outras palavras, substancialmente, *governar* se opõe à violência, por essa razão é que, ao incluir a noção de que o poder se exerce, constatamos que este se constitui a partir do procedimento, ou

> [...] como um modo de ação sobre as ações dos outros, quando as caracterizamos pelo “governo” dos homens, uns pelos outros – no sentido mais extenso da palavra, incluímos um elemento importante: a liberdade. O poder só se exerce sobre “sujeitos livres”, enquanto “livres” – entendendo-se por isso sujeitos individuais ou coletivos que têm diante de si um campo de possibilidade onde diversas condutas, diversas reações e diversos modos de comportamento podem acontecer. [...] (FOUCAULT, 1984, p.244).

Logo, o que organiza o dispositivo da maternidade são também ações de governo, não ações de estado, mas de governança, procedimentos que vão articular a base de relações entre as mães e filhas. Isso dito, vamos iniciar nosso percurso pelo território da maternidade, partindo de alguns enunciados fotográficos, que consideramos importantes em termos de regularidades nelas presentes, para que possamos perceber o funcionamento de um dada natureza microfísica das relações de poder, que atravessam mães e filhas, no discurso fotográfico de Rania Matar. Tais relações de poder são observáveis em algumas imagens dos sujeitos das fotos. Consideremos o enunciado fotográfico a seguir.

Imagem 11: Maureen e Devin, em Wellesley, Massachusetts, 2015.



Fonte: https://raniamatar.com/portfolio/unspoken-conversations/.

Mãe e filha posam no vestíbulo da casa. À direita da imagem, há um quadro de um bebê, que possivelmente trata-se da filha adolescente posando na fotografia. Esse paralelismo estabelece uma linha temporal entre a adolescente e sua imagem ainda criança, que retrocede cronologicamente e simultaneamente reatualiza à memória todos os cuidados da mãe para com sua cria. Esse movimento entre passado e presente, enquadrado no enunciado fotográfico, faz ecoar as práticas desse cuidado maternal, cuja obrigação foi supostamente delegada à mãe, por serem ações necessárias ao desenvolvimento do bebê (alimentação, idas ao médico, vacinas, escolarização etc), para que se tornasse o sujeito tal como a filha se apresenta na foto.

O foco da imagem aqui é o sucesso da mãe com o cuidado do bebê, que resultou na adolescente crescida. O enquadramento da prática desse cuidado maternal vincula, ao enunciado, o efeito de poder da docilização, sobre o corpo e sobre a condução da conduta da adolescente, que pode ser verificado na sua postura corpórea e na relação desta com a foto do bebê, que também posa já com seu vestido tradicional branco, mas com o corpinho “indócil”, pois leva à boca a mãozinha, talvez ainda malcomportada.

A imagem desse bebê não somente dá visibilidade à adolescente da foto em especial ao seu desenvolvimento físico, como também enuncia sobre a mãe, ao tornar visível um sujeito-corpo-mãe, que cumpriu sua missão de zelar pelo bem-estar da filha, vestindo-a bem, presumivelmente dando-lhe condições de felicidade – o bebê parece bem feliz e até mais espontâneo que a adolescente, que posiciona as mãos sobre o sexo, cobrindo-o, talvez em sinal de timidez, ou como forma de dar um destino mais equilibrado às mãos sobre o corpo. O fato é que percebemos, entre o bebê e a adolescente, a ação da mãe sobre a filha, nas roupas, por exemplo, há uma maior feminilização do bebê, através do vestido, enquanto a adolescente se apresenta menos marcada pelo gênero feminino, pelo uso do *shorts*.

Além disso, a disciplina da conduta filial é prerrogativa primordial do dispositivo da maternidade. Essa atuação transparece, de certa maneira, nos traços do poder disciplinar, na medida em que também

> [...] define como se pode ter domínio sobre o corpo dos outros, não simplesmente para que façam o que ser quer, mas para que operem como se quer, com as técnicas, segundo a rapidez e a eficácia que se determina. A disciplina fabrica assim corpos submissos e excitados, corpos “dóceis”. A disciplina aumenta as forças do corpo (em termos econômicos de utilidade) e diminui essas mesmas forças (em termos políticos de obediência). Em uma palavra: ela dissocia o poder do corpo; faz dele por um lado uma “aptidão”, uma “capacidade” que ela procura aumentar; e investe por outro lado a energia, a potência que poderia resultar disso, e faz dela uma relação de sujeição estrita. [...] (FOUCAULT, 1987, p.119).

O enquadramento feito no discurso fotográfico, posicionando lado a lado a adolescente como devir do pequeno bebê, enuncia e dá visibilidade a esse processo de docilização dos corpos, em que a função pedagógica se evidencia, ou seja, as ações disciplinares sobre os corpos das crianças/filhos têm o objetivo de criar um tipo de assujeitamento que garanta a boa integração da criança (filha) ao espaço familiar (e social) ao qual ela pertença.

Ainda sobre o enunciado fotográfico 11, conseguimos determinar essa harmonia entre filha e mãe, a tal ponto que é a imagem da mãe que nos parece um pouco desajeitada com a mão direita sobre o ombro, como se não soubesse o que fazer com ela. O corpo dessa mãe está mal posicionado no espaço: como se tivesse sido surpreendido no momento de tomada da imagem, as pernas se cruzam de uma forma que não acompanham o tronco, principalmente os ombros.

Enfim, posar não foi fácil para essa mãe; diferentemente da filha. Isso pode indicar diferentes disciplinas atuando sobre mãe e filha, talvez pela diferença de gerações, com os indivíduos jovens mais acostumados a serem fotografados. O fato é que a própria Matar relata como as mães adicionaram maior complexidade à captura das imagens de seus corpos do que as filhas: “when I was photographing mothers and daughters I realized that the mothers were more cautious on how much to reveal, more self-aware and cautiously aware of the camera. There were more layers.” (MATAR, 2018c) [quando eu estava fotografando mães e filhas, percebi que as mães eram mais cautelosas no que revelar, mais autoconscientes e cautelosamente conscientes da câmera. Havia mais camadas].

Tais aspectos de regimes disciplinares diversos representam também uma estratégia, na qual o dispositivo da maternidade atua com o intuito de produzir um indivíduo historicamente adaptado às particularidades do momento histórico em que se insere. Com isso, a família, a escola, a mídia de comunicação, as mídias sociais, todo esse aparato entra em alinhamento para moldar o sujeito para que este seja criado, adaptando-se às condições possíveis à sua vivência, isto é, viver naturalmente à medida em que naturaliza a experiência de conviver com os dispositivos existentes e outros que surgirem.

É isso que vemos no enunciado fotográfico 11, corpos de mãe e filha que não estão em confronto. Embora posicionem-se diferentemente em termos do dispositivo de poder, esses corpos posicionam-se em consonância a um padrão harmônico, numa simetria em que os espaços não apresentam ângulos e assimetrias não esperadas. O corpo da mãe está disposto descontraidamente, parece relaxado; tanto a mãe quanto a filha interagem com a câmera fotográfica no momento de registrar a fotografia. Não há acirramento na relação mãe e filha. O que vemos são corpos dóceis em que o poder penetrou e por isso o controle “impõe a melhor relação entre um gesto e a atitude global do corpo, que é sua condição de eficácia e rapidez” (FOUCAULT, 1987, p.130).

O contrário também pode ser observado. A assimetria nas relações de poder; pontos de resistência aparecem no vínculo entre os sujeitos. Vamos pôr sob exame as imagens a seguir.

Imagem 12: Leila, a filha, e Souraya, a mãe, diante de quadros pintados pela mãe para representar a filha, Jounnieh, Líbano, 2015.

Fonte: https://thefar.org/pictura-gallery/exhibits/rania-matar.

Imagem 13: (detalhe A) canto inferior direito da imagem 12.

Imagem 14: (detalhe B) parte superior da Imagem 12.

A sequência de enunciados fotográficos 12, 13 e 14 mostra o funcionamento assimétrico das relações de poder entre mãe e filha. Na imagem 11 é possível ver, ao fundo, duas pinturas feitas pela mãe, Souraya, em que ela interpreta a condição atual da filha como mulher, explicitando uma cisão do sujeito-filha entre duas versões opostas da subjetividade feminina. Isso foi incorporado à fotografia por Matar, conforme é explicado por ela em uma entrevista, em que a foto foi considerada “strong”:

> [...] When I arrived to do the shooting, there were many paintings in the house. After I inquired about them, I discovered, that the mother is a painter. The particular painting in the image I shot, according to the mother, represents her daughter in two figures, conveying two sets of feelings that could be sensed during teenage years, on the one hand wanting the world to see you and on the other, and at the same time, wanting the opposite. Once I found out that the painted portraits were of her daughter, it felt fitting to have it included in the photograph. [...] (MATAR, 2015a).[37]

Tais pinturas interpretativas da mãe abrem uma possibilidade de tomarmos essa ação como linhas de fuga colocadas ao dilema da filha. Contudo, a interação física entre elas e que pode ser observada de perto pelos detalhes sugere que a mãe exerce controle corporal sobre a conduta da filha adolescente. Se o dilema da filha é mostrar-se ou não ao mundo, a atitude da mãe manifesta o limite de que, naquele momento, isso dependia da vontade da mãe em decidir. Outrossim, os detalhes das imagens indicam que a mãe é capaz de usar todos os tipos de coerções (física, moral) para impor sua vontade.

A pose da filha parece realizar-se sem sua total anuência, ou seja, é a mãe quem impõe sobre a filha essa exposição do corpo, anulando qualquer possibilidade de fuga, naquele instante, para a filha, cuja pose podemos ver em outra foto, mas dessa vez mudando o corpo de posição.

[37] [...] Quando cheguei para fazer as filmagens, tinha muitos quadros na casa. Depois de perguntar sobre eles, descobri que a mãe é pintora. A pintura particular na imagem que fotografei, segundo a mãe, representa a filha em duas figuras, transmitindo dois conjuntos de sentimentos que podiam ser sentidos durante a adolescência, por um lado querer que o mundo te visse e por outro, e ao mesmo tempo, querendo o oposto. Uma vez que descobri que os retratos pintados eram de sua filha, achei apropriado incluí-los na fotografia. [...] (MATAR, 2015a).

Imagem 15: Leila e Souraya em outra pose, Jounieh, Líbano, 2015.

Fonte: https://raniamatar.com/portfolio/unspoken-conversations/.

A filha coloca-se de perfil em relação à câmera fotográfica, como uma concessão à mãe, permitindo que um lado de si seja registrado pela câmera, com o outro lado do corpo escondido, apenas visível pela mãe. O olhar da mãe para o rosto segue na direção de cima para baixo, como se focasse em um ponto do corpo da filha, situado entre a boca, pescoço e o colo. O enquadramento assim feito projeta um efeito de desaprovação ou desapontamento, a considerar, também, os lábios da mãe, meio a esboçar um tímido sorriso em um canto da boca, e a cabeça, ligeiramente inclinada para a direita de quem observa o registro fotográfico.

O sujeito-corpo-mãe parece observar e avaliar a conduta da filha, expressa na posição corporal e no olhar, que parece mirar para um ponto fora da cena capturada. Sem esboçar qualquer expressão facial, esse corpo-filha, assim posicionado, mostra e esconde o do sujeito que lhe trouxe ao mundo e ignora o sentimento que sua mãe possa estar demonstrando.

O efeito do enquadramento, assim descrito, insere tais corpos em um lugar, historicamente construído, em que mãe e filha não conseguem estabelecer uma relação de afetividade e de cumplicidade. A amizade, supostamente desejada entre elas, aqui não tem condições de emergência suficientes para pavimentar outra experiência no interior do dispositivo da maternidade, que não seja a do estranhamento ou a da indiferença.

O sujeito-mãe dessa sequência imagética atua no processo de disciplina, moral e física, da conduta da filha. Assim posicionada, a mãe parece não se importar em demonstrar que é capaz de usar seu corpo para obter o objetivo da relação de poder, capturada pelo registro da câmera, qual seja: conduzir o comportamento da filha. Assim sendo, a mãe constrange a filha para que ela deixe-se conduzir. Essa relação de poder, contudo, não escapa à resistência da filha em assim assujeitar-se, visto não demostrar vontade para que isso se efetive. O que vemos, então, é o mal-estar advindo da coerção que obriga a filha a expor-se para a câmera fotográfica, fazendo surgir uma vivência insatisfatória da

> [...] experiência prática do corpo, que se produz na aplicação, ao corpo próprio, de esquemas fundamentais nascidos da incorporação das estruturas sociais, e que é continuamente reforçada pelas reações, suscitadas segundo os mesmos esquemas, que o próprio corpo suscita nos outros, é um dos princípios da construção, em cada agente, de uma relação duradoura para com seu corpo: sua maneira particular de aprumar o corpo, de apresentá-lo aos outros, expressa, antes de mais nada, a distância entre o corpo praticamente experimentado e o corpo legítimo, e, simultaneamente, uma antecipação prática das possibilidades de sucesso nas interações sociais, que contribui para definir essas possibilidades (pelos traços comumente descritos como segurança, confiança em si, desenvoltura). A probabilidade de vivenciar com desagrado o próprio corpo (forma característica da experiência do "corpo alienado"), o mal-estar, a timidez ou a vergonha são tanto mais fortes quanto maior a desproporção entre o corpo socialmente exigido e a relação prática com o próprio corpo imposta pelos olhares e as reações dos outros. [...] (BOURDIEU, 2012, p.81).

Comparando com a imagem 10, essa série de imagens 12, 13, 14, 15 explicita uma situação de confronto entre os sujeitos mãe e filha, enquanto a imagem 10 prefigura uma relação mais estável entre os sujeitos em foco. Não houve na imagem 10 o constrangimento da filha para que esta posasse para a câmera. Diferentemente disso, na sequência enunciativa 12, 13, 14, 15, o corpo da mãe emerge como instrumento de exercício, de ação, sobre o corpo do outro, produzindo um resultado.

Os recortes enunciativos, expressos nos detalhes A e B do enunciado fotográfico 12, permitem observar a mãe segurando com a mão o antebraço esquerdo da filha, ao mesmo tempo em que seu olhar pousa sobre a parte traseira da cabeça da adolescente. Esse semblante sério e o olhar oblíquo sobre a filha, numa clara

atitude de controle e vigilância, configuram dois mecanismos explícitos do exercício de poder.

Por outro lado, a filha dirige o olhar para a câmera fotográfica. Com semblante fechado e cabelos em desalinho, seu corpo vira-se na direção em que há uma abertura para, pelo menos, expor uma determinada situação, a qual parece um tanto insatisfatória. O enquadramento delineia uma experiência corporal desconfortável, justificada pelo encontro da menina com o poder do dispositivo, no instante em que o sujeito-corpo-mãe a toca, segurando-a pelo braço, em um gesto de controle sobre suas atitudes.

Retomando as pinturas da mãe, há entre a pintura e a fotografia uma ligação que traz à luz pontos de contato entre as duas materialidades. As duas visibilidades se interseccionam naquilo que Foucault chama de “a materialidade do poder se exercendo sobre o próprio corpo dos indivíduos” (2018, p.235), querendo dizer com isso que é o concreto exercício do poder sobre os corpos que torna possível o surgimento da consciência do próprio corpo, ou da própria experiência individual da vivência corporal social que vai sendo imposta pela construção social do corpo. A mãe das imagens 12, 13, 14,15 não parece admitir a liberdade de escolha da filha. Essa mãe age fisicamente para impor sua vontade.

Pelo que é possível ver das duas materialidades, constatamos que o feminino está no centro das relações de poder que atravessam os corpos tanto na pintura quanto na fotografia. A percepção dessas relações de poder sobrepõe, nas imagens, os campos de coexistência de certos domínios associados às relações de poder em questão, o que nos faz retomar Foucault, quando este afirma que o poder não é apenas repressor, mas é inclusive produtor de saberes:

> [...] como sempre, nas relações de poder, nos deparamos com fenômenos complexos que não obedecem à forma hegeliana da dialética. O domínio e a consciência de seu próprio corpo só puderam ser adquiridos pelo efeito do investimento do corpo pelo poder: a ginástica, os exercícios, o desenvolvimento muscular, a nudez, a exaltação do belo corpo... tudo isto conduz ao desejo de seu próprio corpo através de um trabalho insistente, obstinado, meticuloso, que o poder exerceu sobre o corpo das crianças, dos soldados, sobre o corpo sadio. Mas, a partir do momento em que o poder produziu este efeito, como consequência direta de suas conquistas, emerge inevitavelmente a reinvindicação de seu próprio corpo contra o poder, da saúde contra a economia, do prazer contra as normas morais da sexualidade, do casamento, do pudor. E, assim, o que tornava forte o poder passa a ser aquilo por que ele é atacado... O poder penetrou no

> corpo, encontra−se exposto no próprio corpo... lembrem−se do pânico das instituições do corpo social (médicos, políticos) com a ideia da união livre ou do aborto... Na realidade, a impressão de que o poder vacila é falsa, porque ele pode recuar, se deslocar, investir em outros lugares... e a batalha continua. [...] (FOUCAULT, 2018, p.235).

O corpo dos indivíduos é o maior investimento do corpo social em todas as áreas, e parece óbvio que tal investimento surge tanto no âmbito público quanto no privado, pela interdependência entre o que se configura na dimensão familiar e na esfera coletiva. A tensão percebida nas imagens dá a conhecer como ações dominantes são exercidas e recebidas pelo sujeito sobre quem elas são aplicadas. Certamente não como ação e reação, mas antes como uma tomada de consciência dos sujeitos com referência à “batalha” pela dominância sobre aquilo que é essa “topia implacável” (FOUCAULT, 2013, p.07), o corpo, que “é materialidade significante produzida historicamente” (GREGOLIN, 2015a, p.08).

Por outro lado, pela observação dos corpos ainda é possível constatar outros jogos de poder entre mãe e filha, pelos quais as relações entram em exercício dinâmico, envolvendo não apenas o corpo. Examinemos as próximas imagens como seguem.

Imagem 16: Rawiya e Celine, Beirute, Líbano, 2015.

Fonte: https://raniamatar.com/portfolio/unspoken-conversations/.

Imagem 17: Rawiya e Celine, Beirute, Líbano, 2015.

Fonte: https://raniamatar.com/portfolio/unspoken-conversations/.

As imagens constantes desses enunciados possuem os mesmos sujeitos mãe e filha. Ambas as imagens chamam a atenção para o olhar da mãe, dirigido à filha: um olhar vigilante, panóptico[38]. Essa vigilância não é uma atividade corriqueira. Ela tem por meta atingir a sujeição do personagem objeto dessa vigilância. Nesse nível, a vigilância procura modificar o comportamento do indivíduo, tornando-o útil, adaptado e obediente.

No caso dessas imagens 16 e 17, associa-se a esse olhar vigilante da mãe uma postura corporal que sustém o olhar; a posição da cabeça, totalmente virada em direção à filha, tal como um aparelho de observação. O corpo da mãe, assim posicionado e enquadrado pelo registro fotográfico, não está dissociado do desejo de controle, o qual é principalmente exercido sobre a conduta do vigiado – a filha. Pelo

[38] Esta é uma configuração do sujeito pelo modo como o corpo, tal como a torre de vigia de Bentham, sustém o olhar no objeto vigiado: [...] "O *Panóptico* de Bentham é a figura arquitetural dessa composição. O princípio é conhecido: na periferia uma construção em anel; no centro, uma torre; esta é vazada de largas janelas que se abrem sobre a face interna do anel; a construção periférica é dividida em celas, cada uma atravessando toda a espessura da construção; elas têm duas janelas, uma para o interior, correspondendo às janelas da torre; outra, que dá para o exterior, permite que a luz atravesse a cela de lado a lado. Basta então colocar um vigia na torre central, e em cada cela trancar um louco, um doente, um condenado, um operário ou um escolar. Pelo efeito da contraluz, pode-se perceber da torre, recortando-se exatamente sobre a claridade, as pequenas silhuetas cativas nas celas da periferia. Tantas jaulas, tantos pequenos teatros, em que cada ator está sozinho, perfeitamente individualizado e constantemente visível. O dispositivo panóptico organiza unidades espaciais que permitem ver sem parar e reconhecer imediatamente. Em suma, o princípio da masmorra é invertido; ou antes, de suas três funções — trancar, privar de luz e esconder — só se conserva a primeira e suprimem-se as outras duas. A plena luz e o olhar de um vigia captam melhor que a sombra, que finalmente protegia. A visibilidade é uma armadilha. [...]" (FOUCAULT, 1987, p.165-166).

enquadramento produzido, o sujeito-corpo-mãe torna-se feixe visível de sinais em que há uma dupla valência do corpo:

> [...] o corpo é ao mesmo tempo objecto assinalado e discurso proferido, indício e palavra da alma. Desde a origem que as fisiognomonias são maneiras de dizer e maneiras de ver o corpo humano: traduzem a exterioridade, a aparência e o invólucro corporal, num conjunto de sinais. [...] (COURTINE; HAROCHE, 1997, p.29).

Anuindo-se às palavras de Courtine e Haroche (1997), para quem o corpo cumpre a função de ser objeto de discurso e discurso que enuncia, é preciso que atentemo-nos para a arquitetura dos espaços onde foram fotografados os sujeitos, posto que ela encerra uma relevante configuração: trata-se de dois espaços conjugados por uma ampla porta de vidro, que se abre em camadas; o lado onde está a filha tem a aparência de um quarto; o lado da mãe, parece ser uma sala. Absolutamente panóptica essa arquitetura. Do jeito como está na imagem 16, o vidro está recuado em camadas revelando a ligação entre os dois espaços (o do quarto da filha e a da sala da mãe), isto é, a vigilância não é feita apenas sobre o corpo e atitudes do indivíduo, ela busca a apreensão (o controle) do local onde o sujeito-filha habita.

Esse modo de assujeitamento da filha em relação à mãe tem a possibilidade de ser altamente beligerante se os espaços e os modos de existir não forem respeitados, bem como se o poder (maternal) venha a ser exercido em condições de extremismo e de intolerância. Nesse sentido, o espaço doméstico pode ser um ambiente muito tóxico entre mãe e filha, pelo emprego de ações disciplinares a partir da vigilância/policiamento dos sujeitos dentro do espaço familiar.

Lembremos novamente de Michel Foucault (2014b), em *A História da Sexualidade 1*, quando constata que, ao falar do dispositivo da sexualidade/maternidade, as mães devem ser entidades funcionais e substanciais no espaço familiar. Essa constatação está expressa nas imagens 16 e 17, em que, de certa forma, aparece a mãe agindo e fazendo-se presente dentro do espaço familiar. Essa mãe está microfisicamente exercendo suas atribuições e garantindo o ordenamento de sua casa conforme considera adequado, mas esse poder provavelmente não é exercido sem contracondutas, resistências por pare da filha (imagem 17).

Comparando com o enunciado fotográfico 10, em que identificamos um padrão de relações de forças mais exitoso no tocante ao dispositivo da maternidade, as imagens 16 e 17 performam um padrão de relação de forças em que conseguimos reconhecer linhas de atrito e antagonismo. Os olhares dos sujeitos, na Imagem 16, expressam o confronto; ficamos com a percepção de que o poder maternal não foi aceito de maneira rendida, pois os corpos mantém cada um seu território demarcado, conforme a posição física do corpo em cômodos diferentes: a filha em seu quarto rosa; a mãe em sua sala em negro. No entanto, o quarto nunca é um território inteiramente filial – pela hierarquização da relação mãe-filha, o controle está sempre em disputa.

A propósito, o controle disciplinar do sujeito parece ser o grande objetivo da maioria das mães. Temos que lembrar que, para o exercício do dispositivo da maternidade, o sujeito-mãe está fisicamente ligado ao período educacional dos filhos "através de uma responsabilidade biológico-moral que dura todo o período da educação" (FOUCAULT, 2014b, p.113). Acontece que as ações sobre os filhos, visando aspectos de controle e de educação destes, impõem, sobre as, mães tarefas que vão desde o adestramento até o treinamento e a conscientização da prole sob sua responsabilidade.

Essas tarefas geralmente delegadas às mães não são ações fáceis. Nem sempre é possível extrair das filhas exatamente o que se quer: amor, devoção, obediência. As meninas podem ser muito resistentes ao poder da mãe. Consideremos o próximo enunciado fotográfico.

Imagem 18: Susie e Tea, Beirute, Líbano, 2013.

Fonte: https://i.pinimg.com/564x/6c/19/2d/6c192dd1835f1980b0ba6b799ef0c8d2.jpg.

O enunciado fotográfico 18 mostra uma mãe desacorçoada. A filha é uma pré-adolescente em idade de afirmação de sua individualidade. Isso torna a mãe em um modelo-alvo, algo que pode ser imitado, mas também algo a ser julgado e, muitas vezes, combatido. Nesse enunciado, conseguimos perceber nitidamente que a mãe se sente frustrada por algum motivo. Esse motivo pode ser a filha. A menina está na soleira da porta; seu rosto está sério para uma criança.

Tal frustração da mãe, expressa em sua atitude corporal, prefigura um abandono da subjetividade; um certo menosprezo/afastamento/preterimento que ela adota para atravessar o momento, o instante. Essa atitude corporal da mãe advém da necessidade de demonstrar aborrecimento/decepção (esgotamento até) com alguma situação. Por outro lado, a menina, em cuja camiseta está inscrita uma frase de afirmação da liberdade (*Free to be me*, “livre para ser eu mesma”), encara a câmera fotográfica, numa atitude de afirmação de sua independência.

A filha está em pé, segurando um caule do vaso, tendo o corpo encostado à porta meio-aberta. A menina não se importa se o vaso cair e se quebrar. Assim, nessa configuração, a imagem da filha nos remete à afirmação de sua independência em termos de sua subjetividade. Nesse instante, a filha está mais presente do que a mãe.

As condições de possibilidades dessa afirmação da independência da menina em relação à mãe podem ser circunscritas a partir do viés da desobediência. Assim

podemos supor que conflitos devam ter ocorrido e é a ação da filha, em reação à mãe, no sentido de se contrapor ao poder materno de subjugar sua individualidade filial, que converte o sujeito-mãe em um ser que repensa a experiência, provocada pela luta da menina contra os modos de assujeitamento[39] materno

Na imagem 18, o que é captado pela superfície fotográfica é o momento em que a mãe está sofrendo por alguma luta pela subjetividade, interposta pela filha, através de alguma contraconduta desta em relação à ação materna. A postura corporal da mãe, cujo suporte é fisicamente demonstrado pela presença de uma fisionomia apagada e pelos pés em descanso, sinaliza a resistência da filha. Nesse sofrimento materno estão explicitamente implicadas as reações da filha aos modos de assujeitamento, não aceitos pela menina. Isso quer dizer que mãe e filha estão em um momento de acomodações de suas forças em relação uma a outra.

Nesse sentido, a mãe é levada a momentaneamente “desenpoderar-se de si”, porque ela precisa reavaliar suas estratégias e até mudar sua configuração subjetiva: ela senta-se e estende as pernas para apoiar os pés sobre uma banqueta (denotando cansaço, obsolescência até); apoia a cabeça em uma das mãos (numa atitude de preocupação ou desalento); os olhos são postos alhures (como uma forma de se desligar do ambiente e do tempo presente). Todo esse processo de negação da subjetivação materna só se explica pela(s) ação(ões) de resistência da filha em relação aos modos de subjetivação da mãe funcionando dentro do dispositivo da maternidade. Esse funcionamento termina por se transformar em uma disfunção da mãe, o que projeta sobre todo o enunciado esse efeito de resistência ao dispositivo sob investigação.

O enunciado fotográfico 18, pela conduta da mãe que descrevemos, nos dá a conhecer o corpo indócil da filha e é essa indocilização que acaba por lançar luz sobre a comportamento da mãe; como se o corpo da filha, resistente ao dispositivo, lançasse luz, permitisse a visibilidade ao sujeito-corpo-mãe, saturado do dispositivo que o aprisiona nessa prática do cuidado com a casa e com a família.

---

[39] “Esta forma de poder aplica-se à vida cotidiana imediata que categoriza o indivíduo, marca-o com sua própria individualidade, liga-o à sua própria identidade, impõe-lhe uma lei de verdade, que devemos reconhecer e que os outros têm que reconhecer nele. É uma forma de poder que faz dos indivíduos sujeitos. Há dois significados para a palavra *sujeito*: sujeito a alguém pelo controle e dependência, e preso à sua própria identidade por uma consciência ou autoconhecimento. Ambos sugerem uma forma de poder que subjuga torna sujeito a. (FOUCAULT, 1984, p.235).

A ação da mãe é implementada no sentido de atingir a produção de duas atitudes no corpo da filha: primeiro, a docilização, controlando as reações contra o poder maternal; segundo, potencializar o corpo da filha, aumentando-lhe as condições de resposta às demandas produtivas do sistema de utilidades social vigente (FOUCAULT, 1987). Talvez possamos considerar que o enunciado reserva um lugar de sujeito a ser ocupado por uma mãe em processo de saída do estado de coisas em que se encontra, tendo em vista a resistência da filha.

Imagem 19: detalhe da imagem 18.

Ainda que consigamos entender a situação de animosidade entre mãe e filha, em razão da atitude corporal delas, há uma presença silenciosa que nos é interposta pela fotografia da imagem 19 (detalhe ampliado da imagem 18), cujo *status* é da ordem do masculino e que nos leva a indagar sobre seu papel diante desses sujeitos. Tal presença masculina chama a atenção principalmente porque em nenhuma outra fotografia da série *Unspoken Conversations – Mothers & Daughters* encontramos algo dessa espécie, até mesmo pela proposta do projeto.

Em entrevistas, quando indagada sobre o *setting* de objetos nas fotografias do projeto em foco, Matar responde que não há essa atenção em construir um cenário para os sujeitos:

> I didn't want [the mothers] to think that I'm coming to make beautiful Christmas cards or holiday card pictures, and I would ask them to keep it simple, and that I want to make it natural. Often I would go to wherever they are, whether they're at the refugee camp or their home in the suburb, or whatever. It never was where they expected the photo to be taken. Often they would have the perfect living room, and eventually they get that's not what I'm looking for— that I'm looking for

> the beautiful light ... something that has more expression and character and texture. (MATAR, 2018a).[40]

Dessa maneira, a presença de um porta-retrato contendo o rosto de um homem idoso, embora não seja algo intencional, foi admitido no conjunto composicional da imagem, transformando- se, assim, em um elemento discursivo da cena em si, que se contrapõe ao universo feminino. Como signo do masculino, essa foto de homem põe os sujeitos mãe e filha em relação com esse elemento do campo associado ao patriarcalismo, para lembrar que este campo tem ligações com o dispositivo da maternidade em diferentes níveis (a mãe com o marido ou pai, a filha com o pai ou bisavô), e que, por isso, elas gozam de respaldos diversos desse mundo masculino (a mãe tem maior compromisso com o masculino do que a filha). Esse dado da memória também põe em jogo as forças de submissão que o masculino exerce sobre o feminino; trazendo à superfície da imagem as possíveis relações de obediência a tal estrutura de dominação na imagem.

A presença do signo masculino, conferida pela foto no porta-retrato, além de criar uma triangulação na dinâmica relacional dos sujeitos mãe e filha, estabelece também um ponto de vista que se localiza fora da ligação entre elas. Esse ponto de vista, em termos da dinâmica da cena, se converte em um ponto de fuga em termos do que vivenciam os sujeitos em foco. Pela presença do significante masculino, curiosamente, nessa imagem, tanto o marido ou avô quanto o pai ou bisavô, prefigurados pelo homem da foto, constituem-se em instâncias recorrentes tanto da mãe quanto da filha, ratificando ou retificando os posicionamentos de uma ou de outra na disputa que há entre elas.

Ainda considerando o domínio dos objetos na prática discursiva da fotografia de Matar, é preciso que apreciemos o emprego dos espelhos na dinâmica enunciativa das imagens em função da relação mãe e filha em foco. Dando continuidade ao processo de análise da realidade microfísica que foi capturada na fotografia de nosso *corpus*, o espelho (ou o espelhamento) emerge como mais do que um simples registro ou um recurso para a fotografia. O espelho entra na relação dos sujeitos mãe e filha

[40] Eu não queria que [as mães] pensassem que estou vindo para fazer lindos cartões de Natal ou fotos de cartões de férias, e eu pedia a elas que fossem simples, e que eu quisesse que fosse natural. Muitas vezes eu ia para onde quer que eles estivessem, seja no campo de refugiados ou em sua casa no subúrbio, ou qualquer outra coisa. Nunca foi onde eles esperavam que a foto fosse tirada. Muitas vezes eles teriam a sala de estar perfeita e, eventualmente, não é isso que eu estou procurando – que estou procurando a bela luz... algo que tenha mais expressão, personalidade e textura. (MATAR, 2018a).

para ser um reflexo dessa relação em alguns momentos; em outros, para ser ele mesmo o item de disputa, numa certa acepção, ao remontar a imagem de um ou de outro sujeito.

A imagem especular pode constituir e desconstituir a subjetividade, fato esse de considerável valor para que possamos entender a triangulação de forças, estabelecida entre os sujeitos mãe, filha e o espelho nas fotografias. A observação dessa mediação do exercício do poder, feita pelo uso do espelho em algumas situações fotográficas, foi um dado intrigante para a análise de como se dá, discursivamente, a relação de poder-saber entre mãe e filha, considerando-se a dimensão do dispositivo da maternidade que se impõe sobre esses sujeitos.

Desta feita, preliminarmente, devemos começar afirmando que a imagem fotográfica e a imagem especular mantêm um relacionamento histórico de muita colaboração em termos de intercâmbio de suas técnicas. O uso do espelho para criação de duplos fotográficos, por exemplo, é uma técnica especular muito conhecida e muito utilizada desde os primórdios da fotografia. O parentesco da imagem especular e da fotografia, certamente, além de aproximá-las, seguramente facilita a criatividade expressiva entre as duas, de forma que nesse

> [...] campo das afinidades, devemos então antes de mais destacar o carácter mimético da imagem especular e da imagem fotográfica, que as aproxima do mito de Narciso (Dubois, 1983/1999); ambas veiculam “duplos” verossímeis, reconhecíveis e espectrais do real. Com efeito, desviando a conhecida observação de Roland Barthes, não é nem a fotografia nem o espelho que vemos: na imagem fotográfica como na imagem especular, “o referente adere à superfície” (Barthes, 1980, p.18). Trata-se daquilo que Rosalind Krauss designa por “qualidade essencialmente dupla”, “transparência do negativo sobre o qual a informação, ainda que invertida, é perfeitamente inteligível dos dois lados” (Krauss, 1985b, pp. 78-82). É a capacidade que a fotografia e o espelho têm de duplicar o olhar, afirmando-se como próteses da visão, como mais tarde se assumirão também o cinema e a televisão. A acuidade visual da fotografia e do espelho são assim comparáveis a esse lençol tão perfeitamente desenhado por Parrahasios que Zeuxis lhe teria pedido impaciente que o retirasse para poder ver o quadro que estava por trás. Pensando num breve ensaio de Vilem Flusser dedicado ao espelho, diríamos que, num sentido figurado, esta é a qualidade que une fotografia à face refletora do espelho, ou seja, à sua frente. [...] (CORREIA, 2021, p.03).

Do ponto de vista das diferenças, podemos afirmar que a imagem especular mais se assemelha à fluidez da água, já que o espelho não consegue fixar a imagem que reflete. A fotografia, de outra feita, surgiu justamente com o intuito de promover a

fixação da imagem que capta através de um conjunto mecânico-químico-digital (um dispositivo). Nesse sentido, ao serem usadas conjuntamente, o espelho e a fotografia promoveriam uma dada complementariedade, de sorte que o espelho é capaz assim de atingir a fixidez de seu reflexo, e a fotografia, por outro lado, consegue levar “seu olho” a atingir lugares inacessíveis sem a ajuda do espelho.

Aliás, em relação a lugares, posições, o espelho para Michel Foucault se constitui como um objeto de dupla face: tanto pode ser uma utopia quanto uma heterotopia. A diferença entre essas duas compreensões está na perspectiva de espaço que o espelho é capaz de proporcionar a quem dele se vale. Para esse filósofo,

> [...] **o espelho, afinal, é uma utopia, pois é um lugar sem lugar**. No espelho, eu me vejo lá onde não estou, em um espaço irreal que se abre virtualmente atrás da superfície, eu estou lá longe, lá onde não estou, uma espécie de sombra que me dá a mim mesmo minha própria visibilidade, que me permite me olhar lá onde estou ausente: utopia do espelho. **Mas é igualmente uma heterotopía**, na medida em que o espelho existe realmente, e que tem, no lugar que ocupo, uma espécie de efeito retroativo; é a partir do espelho que me descubro ausente no lugar em que estou porque eu me vejo lá longe. A partir desse olhar que de qualquer forma se dirige para mim, do fundo desse espaço virtual que está do outro lado do espelho, eu retorno a mim e começo a dirigir meus olhos para mim mesmo e a me constituir ali onde estou; o espelho funciona como uma heterotopia no sentido em que ele torna esse lugar que ocupo, no momento em que me olho no espelho, ao mesmo tempo absolutamente real. em relação com todo o espaço que o envolve, e absolutamente irreal, já que ela é obrigada, para ser percebida, a passar por aquele ponto virtual que está lá longe. [...] (FOUCAULT, 2009, p.415, grifo nosso).

O reflexo do espelho é um fenômeno que tem um *lá* utópico e um *aqui* heterotópico (com sujeitos duplos). À vista disso, o reflexo do espelho marca lugares em *contraposicionamentos*[41] (FOUCAULT, 2009, p.415), isto é, lugares onde as utopias são realizáveis, apesar de seu caráter localizável no além do real. O *lá* utópico

[41] Há, igualmente, e isso provavelmente em qualquer cultura, em qualquer civilização, lugares reais, lugares efetivos, lugares que são delineados na própria instituição da sociedade, e que são espécies de contraposicionamentos, espécies de utopias efetivamente realizadas nas quais os posicionamentos reais, todos os outros posicionamentos reais que se podem encontrar no interior da cultura estão ao mesmo tempo representados, contestados e invertidos, espécies de lugares que estão fora de todos os lugares, embora eles sejam efetivamente localizáveis. Esses lugares, por serem absolutamente diferentes de todos os posicionamentos que eles refletem e dos quais eles falam, eu os chamarei, em oposição às utopias, de heterotopias; e acredito que entre as utopias e estes posicionamentos absolutamente outros, as heterotopias, haveria, sem dúvida, uma espécie de experiência mista, mediana, que seria o espelho. (FOUCAULT, 2009, p.415).

é o que se realiza de subjetivação de um sujeito dado, localizado na realidade, cujo reflexo no espelho se oferece ao olhar do sujeito, tornando possível movimentos de retificação ou ratificação subjetivos.

Em relação a essa proposição, o filósofo Vilém Flusser chama a atenção para a propriedade reflexiva do espelho como atributo oriundo do pensamento e como esse viés pode ser observado, principalmente, no pensamento ocidental:

> [...] todo aquele que reflete está interessado no espelho. O espelho é, por definição, um instrumento que reflete, que especula (de *speculum* = espelho). São Paulo diz que as criaturas são espelhos que refletem Deus. O empirismo iluminista concebe o intelecto como espelho da natureza. O criticismo de Kant é uma revolta contra o espelho e condena o conhecimento especulativo. Para Hegel é o fluxo da realidade um contínuo espelhar de espelhos contrapostos em ângulos, e a dialética é o pensamento especulativo. Finalmente, Wittgenstein concebe a língua e a realidade como dois espelhos pendurados em paredes opostas num quarto vazio. Podemos enfocar, se quisermos, toda a história do pensamento do ponto de vista do espelho. [...] (FLUSSER, 1998b, p.67).

Para Flusser, o espelho pode ser uma condição existencial, sendo assim ele é algo em oposição, refletindo fisicamente seu oposto, que, ao se contrapor, constitui-se como uma negação, um nada. Para o filósofo, a sociedade ocidental moderna está mais interessada nesse aspecto negativo do espelho do que em seus atributos produtivos – a reflexão. É assim que para o filósofo

> [...] o espelho [...] não permite que aquilo que sobre ele incide passe por ele. Refletir é negar, e isto é a sua estrutura. Não pode haver uma reflexão positiva. As respostas que o espelho articula são todas negativas. São inversões das perguntas que o demandam. As equações da ótica confirmarão esta afirmativa. E também confirmarão as análises do pensamento reflexivo. Diz essa análise que todas as sentenças do pensamento podem ser reduzidas à negação formalmente. Não deve portanto surpreender que o fundamento do espelho seja o nada, essa fonte de toda negação possível. O espelho é um ser em oposição justamente porque o seu fundo é o nada do nitrato de prata. [...] (FLUSSER, 1998b, p.69).

Aqui Flusser opõe duas realidades diferentes em relação ao efeito do espelhamento: o corpo e o pensamento. O corpo é refratário na imagem especular, enquanto o pensamento se compartimentaliza. A natureza da coisa refletida é perturbada em função do efeito especulativo da ação do espelho, decorrente da

geração da imagem. Na imagem gerada das mães no espelho, vemos o mesmo disciplinamento que elas impuseram sobre suas filhas. Entretanto, vemos também a articulação de uma presença diferenciada: são imagens de mães solitárias olhando-se e essa ação por si só é significativa.

Capturar essa dimensão especular da subjetividade em sua existência solo é, então, ressignificar essa mesma percepção, mas não apenas isso. A captura de um sujeito na inscrição que este faz de si através do seu corpo no espelho pode bem reconfigurar um modo diferente de subjetivação do sujeito em questão. Pensando assim é que o espelho pode entrar na categoria de um contradispositivo[42], em que determina uma reação à ação imposta pela força administrante da situação.

> [...] As forças resistentes que contradispositivam são ao mesmo tempo uma e muitas. Deparamo-nos, assim, com sua estranha unidade, unidade que existe virtualmente, unidade que se apresenta como conexão descentralizada. “O contradispositivo vem aí!”, uma vez que não para de ameaçar os dispositivos, espreitando suas rachaduras, produzindo brechas e inventando circuitos por onde uma conexão virótica está por se fazer. Nos termos de Paul B. Preciado (2013), trata-se de uma “rede viva decentralizada” na qual ao invés de se dizer “poder”, se diz “potência” e ao invés se de dizer “integração”, se diz “código aberto”. “Eles dizem homem-mulher, branco-negro, humano-animal, homossexual-heterossexual, Israel-Palestina. Nós dizemos: você sabe que teu aparelho de produção de verdade já não funciona mais...” (Preciado, 2013), Eis a ameaça virtual que indica a instalação de um ou mais contradispositivos: sua rede de circulação de poder não funciona(rá) mais! [...] (RODRIGUES; ALVIM, 2016, p.109).

O corpo no espelho porta as marcas de um dado modo de subjetivação no reflexo captado, duplicando o sujeito. Quando a fotografia registra esse reflexo, há a concretização de um momento do sujeito no reflexo especular, ou seja, a imagem especular cria um “retrato” dentro da própria fotografia, seu suporte, adicionando

[42] “Cartografar resistências implica em avaliar os momentos em que as resistências *contradispositivam*. Para essa cartografia das fugas inventivas é importante notar que, perante as linhas fugidias, os poderes agem, preferencialmente, por estratificação, seleção e administração, enquanto as resistências operaram linhas de fuga, colocando-se como matéria desestratificada e desterritorializada. Resistências e poder são dois vetores que não possuem uma mesma natureza. É preciso pensar as resistências como linhas ou vetores entrelaçados e, em certa medida, separados do poder. É preciso também sugerir que ela pode mudar diferindo de si mesma, de forma ativa e afirmativa, possuidora de uma lógica e um movimento próprios que não acompanha mecânica ou dialeticamente as oscilações do poder. O poder, por outro lado, embora certamente produtivo, opera reações secundárias de totalização, manipulação e canalização dos desejos dissidentes. A lição cartográfica é não tomar os mistos por uma realidade homogênea, de forma a fazer perceber que as instâncias molares e moleculares do poder se esforçam para capturar o contradispositivo e, no limite, pará-lo, o que só pode ocorrer em uma operação secundária ou uma reação.” (RODRIGUES; ALVIM, 2016, p.107-108).

maior complexidade à forma de registro do sujeito, o duplo do espelho é também uma imagem que integra, da mesma forma, o regime de luz da produção fotográfica (sua materialidade). Então a fotografia é o mecanismo que conseguiu conferir à fugidia imagem especular sua fixação, “congelando” o reflexo do espelho, dando suporte à imagem especular.

Igualmente importante é ter em mente que ao captar o corpo (pelo espelho ou pela fotografia), nós captamos um feixe de afetos. O corpo e seus afetos fazem parte do poder microfísico ao qual Michel Foucault alude em seus textos. A dimensão física do sujeito no espelho (que está dentro da fotografia) não pode se isentar de carregar consigo os traços concernentes ao que afeta o sujeito no momento em que a foto do reflexo é produzida.

O significado estratégico dessa captura do reflexo, a transformação da mãe em duplo de si mesma, são premissas que se ligam à dimensão dos modos de subjetivação do sujeito, fazendo-nos supor a existência de uma reorganização subjetiva em curso a partir do movimento enunciativo da imagem imposto por diferentes pontos de vista possíveis. Dessa forma, segundo Matar, foi plausível

> that the use of mirrors added another layer. Often in some of these photos, what you see in the mirror is different than what you’re seeing in real life. They’re both real, but I’m seeing two different angles at the same time. For the mothers, it’s sometimes harder to be photographed—the girls tend to be more comfortable in front of the camera. In addition I am photographing them next to a younger version of themselves—the mirror is also a reminder of that. (MATAR, 2019).[43]

A partir disso, comecemos nossa apreciação das fotografias de mães e filhas nos espelhos tal como seguem.

[43] que o uso de espelhos acrescentou outra camada. Muitas vezes, em algumas dessas fotos, o que você vê no espelho é diferente do que você vê na vida real. Ambos são reais, mas estou vendo dois ângulos diferentes ao mesmo tempo. Para as mães, às vezes é mais difícil ser fotografada – as meninas tendem a ficar mais à vontade na frente da câmera. Além disso, estou fotografando-as ao lado de uma versão mais jovem delas mesmas – o espelho também é um lembrete disso. (MATAR, 2019).

Imagem 20: Pin-Chieh e Stephanie, North Andover, Massachusetts, 2017.

Fonte: http://preview.gupmagazine.com/portfolios/rania-matar/unspoken-conversations

Chama a atenção aqui que o espelhamento não é feito propriamente pelo reflexo especular. A mãe posa como se estivesse inserida dentro de um espelho emoldurado e é fotografada com seu reflexo diminuído ao lado da filha, esta sim em primeiro plano na foto, encarando a câmera fotográfica – não há sujeitos duplos aqui. A moldura do espelho cria a ilusão de que a mãe está em um retrato ou uma pintura, mas apurando o olhar seremos capazes de perceber o reflexo da silhueta da filha no canto direito, o que desfaz a sensação de qualquer outra possibilidade. Estamos olhando para a quina de um espelho.

A ambiguidade da imagem se expressa pela presença da mesma indumentária nos corpos de mãe e filha: o mesmo vestido cinza estampado. Esse “espelhamento” do vestido no corpo da mãe e da filha torna ambígua a força em governo entre as duas, principalmente porque não se consegue determinar aqui “o exercício de separação” (RODRIGUES; ALVIM, 2016, p.112) tão característico das situações em que os sujeitos agem ou sofrem a ação de outros sujeitos.

Presumivelmente o vestido está funcionando mais como um elemento de coalizão entre os sujeitos, o que visivelmente é corroborado pela posição corporal de mãe e filha: ambas com as mãos cruzadas à frente do corpo. O elemento destoante,

no entanto, é o rosto. Comparado ao da filha, o rosto da mãe deixa transparecer o passar do tempo, o peso da idade, o envelhecimento, ainda que o vestido seja o componente da imagem que destoe disso, conseguindo marcar a jovialidade do corpo da mãe.

A conjuntura aqui não aponta para uma rivalidade entre mãe e filha. O caráter de ser feminina, exposto pelo vestido que ambas portam, advém com naturalidade em tal grau que não conseguimos ver ou vivenciar na imagem forças e divergência. Não obstante, é a sutileza do rosto da mãe, quando posiciona seu olhar em direção à moldura, fazendo com que este não seja lançado para fora do espelho, conduzido à câmera fotográfica, é este olhar de quem procura não ver que institui um estilo de poder, uma forma de força: a mãe não reage a nada, mas escolhe o recolhimento, a modéstia, a simplicidade, o silêncio até, nesse olhar que não ultrapassa a moldura do espelho.

A força da mãe está numa espécie de privacidade que não é compartilhada. Ambas, mãe e filha, partilham dessa feminil intimidade (o vestido), mas a mãe não a revela ou não permite que essa condição extravase. Esse comedimento da aparição reflexiva da mãe no espelho também alude desse ponto a uma certa forma de *devir*, como se a imagem no espelho fosse capaz de “presentificar” o futuro da filha, isto é, como se a mãe fosse a imagem futura da filha.

Nesse caso, a imagem da mãe opera uma inversão em relação à juventude da filha, ensejando sua imagem como um contradispositivo ao caráter feminino da jovem filha, no sentido também de que o lugar da mãe hoje pode vir a ser ocupado pela filha no futuro, numa espécie de espiralamento espelhado à moda de Jorge Luís Borges (1899-1986), fenomenal escritor argentino.

O poder maternal aqui não está imposto através de uma força coercitiva, imperiosa, compulsiva. Há um traço transcendente que penetra a fotografia a partir da imagem da mãe em relação à imagem da filha, criando uma conexão sutil e quase sublime entre elas, que conduz o observador a se intrigar com os motivos que levaram os sujeitos a trazerem tais fatores para compor a fotografia. A característica feminina de uma e de outra se resolve no tempo atravessado pelo vestido de mãe e filha, mais do que um objeto comum, um traço de poder no corpo da mãe e um traço de possibilidade no corpo da filha.

A imagem 20 provoca uma estranheza que só conseguimos resolver a contento pela explicação existencial dos dois sujeitos, principalmente se nos acercarmos da ideia de que o foco dessa fotografia não é um poder coercitivo, mas antes a ação de uma força que se utiliza de um certo traço parresiástico na composição do todo imagético, tendo em vista o caráter racionalista da reflexão que se consegue detectar entre mãe e filha: a de que a subjetividade feminina está sujeita ao passar dos tempos.

De outro modo, o espelho é basicamente um objeto que reflete a imagem de tudo que se detém diante dele: os espelhos são feitos para essa captura da imagem, essa reflexão (sobre o corpo e sobre o pensamento, como nos ensina Flusser, 1998b). Com isso, aquilo que se oferece como imagem é a devolução (o reflexo) de uma realidade que interpretamos (nem sempre gostamos do que vemos refletido no espelho), isto é, a imagem especular é uma materialidade reflexiva, mas é também um produto de análise, apreciação. Sendo assim, podemos dizer que aquele(a) que se detém frente a um espelho busca por algo visualmente palpável que é uma imagem refletida, mas busca também por aquilo que a imagem especular dirá sobre essa imagem, que é a reflexão que fazemos sobre o refletido.

Tal ligação entre a reflexão sobre o refletido depende do investimento que a imagem faz aparecer pela ação dos sujeitos. Vejamos como isso ocorre nas imagens em sequência.

Imagem 21: Shelita e Taylor, Hyde Park, Massachusetts, 2016.

Fonte: https://raniamatar.com/portfolio/unspoken-conversations/

Imagem 22: Lina e Sarah, Beirute, Líbano, 2014.

Fonte: https://raniamatar.com/portfolio/unspoken-conversations/

A imagem 21 diferencia-se da imagem 22 pela disposição da imagem da mãe ao centro da foto, e também pela maneira pela qual se captura o sujeito-filha. Essa mãe da imagem 21 está conversando com a filha, aliás a porta aberta ao fundo da figura sugere que a filha adentrou o lugar à procura da mãe. Embora não tenhamos acesso ao enunciável da cena, vemos como o corpo e o olhar da filha se dirigem à mãe. Na Imagem 21, a mãe é o centro da cena e isso é indício de poder. O investimento da imagem está ancorado na figura da mãe.

Esse traço de poder é o que vemos refletido na imagem do espelho. O sujeito-mãe está retocando a aparência como alguém que está construindo seu poder de atração feminina. A atração feminina se reflete nesse sujeito-mãe pelo cuidado com que ela toca o cabelo e se admira com o olhar sobre si mesma. Há satisfação no rosto desse sujeito-mãe; seu semblante está transmitindo contentamento, serenidade, bem-estar, vitalidade, força, poder.

Ao observar a mãe, o sujeito-filha está posicionado ao lado desta, de forma que se percebe uma assimetria entre mãe e filha: o olhar do sujeito-filha para a mãe é uma linha debaixo para cima, ou seja, isso reforça uma certa reverência à figura da mãe: a filha olha a mãe com admiração, respeito, simpatia. Isso denota que elas tem um bom relacionamento entre si. A postura doutrinável do corpo da filha é a resposta ao exercício procedente do poder da mãe. Por isso, a assimetria à vista não é algo ruim

ou indesejável, ao contrário, essa assimetria estabelece uma harmonia esperada entre mãe e filha; uma harmonia apropriadamente estabelecida entre esses sujeitos em questão.

Divergindo da imagem 21, a imagem 22 tangencia o poder da mãe sobre o sujeito-filha. Mãe e filha se colocam lado a lado graças ao recurso especular que põe a mãe ao lado da filha, mas esse recurso não foi empregado com a mesma finalidade da imagem 21. Aqui, na imagem 22, a mãe se expõe sem a sua “máscara” de mãe; há a ausência da fisicalização de características de atratividade feminina; parece haver uma incomunicabilidade entre os dois sujeito (mãe e filha), como algo que se tenha desligado entre as duas.

A mãe se apresenta com feições de duras linhas no rosto sério e fechado na imagem 22. O cenário captado atrás da mãe lembra a organização doméstica e as tarefas caseiras que são cumpridas pela maioria das mulheres. De maneira oposta, é a filha que chama a atenção ao centro da foto por encarar a câmera fotográfica. É um olhar que tenta esconder sua aparência feminina, por isso parte do rosto está escondido pela porta do espelho que reflete o rosto da mãe.

Na imagem 22, entre os sujeitos mãe e filha, parece haver a expressão de uma cisão entre elas. A mãe está desgastada e sua aparência deixa isso visível. Ao mesmo tempo, a filha é mostrada como um sujeito pleno em termos de sua aparência, mas não totalmente amadurecido (por esconder-se atrás do espelho); essa ambiguidade da filha remete a sua pouca idade e sua postura um pouco tímida diante da câmera fotográfica. A imagem da mãe no espelho parece ter sido feita de surpresa, de forma que certo desalinho nos cabelos pode ser visto, fazendo com que a mãe pareça até certo ponto aborrecida.

O sujeito-mãe afigura-se como alguém que só consegue tomar consciência da própria ausência como mãe, como uma prostração de si mesma. Essa extenuação atesta que o poder da mãe existiu e, por algum motivo, esse poder se desligou entre mãe e filha. Divisamos entre elas quase como um afastamento, e o espelho marca esse afastamento ao abrir para a mãe o lado oposto ao da filha para se projetar. Elas se opõem, estão em lados opostos, apresentam-se assimetricamente opostas, quase que irreconciliáveis, até pela idade que as separa, apesar da semelhança física. Em uma e em outra os poderes da experiência torna-as inconfundíveis.

E isso ocorre porque a mãe está em situação contradispositiva em relação à subjetividade materna, marcando uma contraconduta em relação a essa posição subjetiva. Na próxima foto[44], a mãe aparece sozinha e se deixa registrar de forma diferente, na plenitude de sua maturidade, sem competir com ninguém. Seu próprio corpo é seu ponto de fuga.

Imagem 23: Lina, Beirute, Líbano, 2014.

Fonte: https://raniamatar.com/portfolio/women-coming-of-age/.

[44] Na realidade essa fotografia faz parte do projeto *Women Coming of Age* de Rania Matar.

CONCLUSÃO

A fotógrafa Rania Matar disse[45] que uma de suas motivações para fotografar mães e filhas foi a sua ignorância a respeito de como é ter uma mãe, em função de ter perdido a sua mãe biológica aos três anos. Essa ausência marcou toda a sua vida; fez com que ela se aproximasse mais do pai (que só se casa pela segunda vez quando Rania completou onze anos). Conforme relata a fotógrafa, foi apenas com o segundo casamento do pai que ela começou a ter consciência de sua própria feminilidade (*womanhood*). Então, como fotógrafa, o olho de Matar indaga, perscruta, observa, admira, narra, emociona-se, enfim, ela busca seu lugar, sua posição como sujeito diante daquilo que vai se configurando diante dela: a experiência com a maternidade que ela não teve com sua mãe biológica.

O que tentamos trazer, durante nosso percurso de pesquisa, foi um pouco do olhar de Rania Matar, para que conseguíssemos, a partir de seu processo de criação, também entender não a ausência materna, mas principalmente a sua atuação – o sujeito-mãe como uma força, como uma subjetividade historicamente produzida, como uma existência estratégica dentro da engrenagem de um dispositivo de poder, cuja emergência social se funda no pressuposto de que o corpo feminino, se feito para parir, foi feito para criar. Para isso foi preciso criar um sujeito: a "boa mãe".

Vimos que foi preciso muito investimento intelectual para que as mulheres aderissem a essa máscara social – a da boa mãe. Através das análises de Elizabeth Badinter (1985) e Michelle Perrot (2005, 2007) conseguimos transitar por um contexto histórico que ilumina quão difícil foi para as mulheres submeterem-se à nova moda da

[45] "I lost my mother very young. I was three and she was 28. I am very close to my father and always have been. My father remarried when I was 11 years old which is the same age of many of the girls I have photographed. It was the first time in my conscious life that there was another woman in the house and I started being more aware of my own womanhood, transforming myself from an absolute tomboy to a little girl. I believe that having my own children focused my vision on what it meant to be a mother, inspiring all my work to look at issues around womanhood and motherhood. My own children inspired all my work, directly at first and indirectly over the years." (MATAR, 2015b). ["Perdi minha mãe muito jovem. Eu tinha três anos e ela 28. Sou muito próximo do meu pai e sempre fui. Meu pai se casou novamente quando eu tinha 11 anos, que é a mesma idade da maioria das meninas que fotografei. Foi a primeira vez na minha vida consciente que havia outra mulher na casa e comecei a ter mais consciência da minha própria feminilidade, transformando-me de uma moleca absoluta em uma garotinha. Acredito que ter meus próprios filhos concentrou minha visão no que significava ser mãe, inspirando todo o meu trabalho a olhar para questões em torno da feminilidade e da maternidade. Meus próprios filhos inspiraram todo o meu trabalho, diretamente no início e indiretamente ao longo dos anos." (MATAR, 2015b).].

“boa mãe”. Enquanto, ao mesmo tempo, a mulher vai perdendo lugar no espaço público, cada vez mais dominado pelo masculino, convencido de que as tarefas públicas devem mesmo ser dominadas pelos homens, relegando as mulheres ao silêncio (tal como preconizou Paulo nos evangelhos):

> [...] ora, a exclusão feminina é ainda mais forte. Quantitativamente escasso, o texto feminino é estritamente especificado: livros de cozinha, manuais de pedagogia, contos recreativos ou morais constituem a maioria. Trabalhadora ou ociosa, doente, manifestante, a mulher é observada e descrita pelo homem. Militante, ela tem dificuldade em se fazer ouvir pelos seus camaradas masculinos, que consideram normal serem seus porta-vozes. A carência de fontes diretas, ligada a essa mediação perpétua e indiscreta, constitui um tremendo meio de ocultamento. Mulheres enclausuradas, como chegar até vocês? [...]. (PERROT, 1988, p.186).

Contudo, essa clausura feminina ao círculo da casa e da família não impediu que as mulheres, de certa maneira, exercessem o poder doméstico e familiar que acabou sendo delegado a ela pelos próprios homens. Vimos como a mulher burguesa foi assumindo tarefas outras que, mais tarde, serviriam como atividades profissionais (educadora, enfermeira). No entanto, embora essas atividades profissionais pudessem ser tomadas como pontos de fuga do enclausuramento doméstico, essas a atividades caracterizam-se pela subalternidade e submissão ao masculino. Até bem pouco tempo, socialmente, o *status* da mulher dependia sempre do marido.

Ainda assim, a rarefação do discurso feminino a partir de sua própria experiência como sujeito é algo muito forte. Parece ser fato que as mulheres em geral têm dificuldade em verbalizar o que vivenciam. A experiência da maternidade, por exemplo, não parece ser totalmente tomada por seu viés parresiástico (apresentamos uma postagem de rede social dando conta dessa possibilidade). Em torno da maternidade, parece haver muita romantização, o que pode tornar a experiência bem difícil e complicada, pois o agenciamento do corpo da mulher é brutal na gravidez, parto, amamentação – algo que o organismo do homem não pode fazer.

Por isso mesmo o corpo da mulher vai ser localizado no centro do investimento do poder político, cujas ações de biopolítica e governamentalidade vão, através do contexto familiar, modificando e interferindo as condições de existência tanto do sujeito-mãe quanto na maneira de funcionamento do próprio dispositivo da maternidade, dentro do dispositivo da sexualidade. Esse atravessamento do político

no contexto familiar faz emergir um sujeito-mãe muito mais alinhado ao cumprimento de rígidas demandas programáticas (no caso da mãe nazista) ou essa rigidez programática acaba por produzir um sujeito-mãe de contracondutas, que não aceita ser conduzido, reagindo coletivamente contra o que considera inaceitável – o aniquilamento da prole.

Igualmente relevante, é a desterritorialização de mães muçulmanas, obrigadas a abandonar seus lares para viverem em campos de refugiados, o que especificamente para elas é uma violência subjetiva marcante, já que a casa, para elas, é um traço significativo de sua identidade como mulheres. Através dessas mães, vemos a ação de um poder macrofísico que atua globalmente, no sentido de privilegiar alguns seres humanos em detrimento de outros, na reorganização do mapa do planeta, com o financiamento de guerras e ações de ódio.

Depois fomos à outra extremidade do poder para observar seu lado microfísico. Nesse ponto, a prática fotográfica intimista de Rania Matar instaura uma discursivização da maternidade que surpreende pelo enquadramento do corpo-sujeito-mãe exercendo a vigilância, o controle, a docilização, a condução do sujeito-filha, sofrendo com a reação desta contra si, pelo que, através do discurso fotográfico, foi visibilizado o esquema de forças em correlações, que deixaram emergir conflitos entre os sujeitos. Tais conflitos tornaram o poder maternal visível tanto pela ação do sujeito-corpo-mãe, quanto pela conduta do sujeito-filha, cujo corpo demonstra o sucesso da força do poder da mãe em maior ou menor grau, pelo comportamento externado, pela consonância ou não em relação ao sujeito-corpo-mãe.

Esse sujeito-corpo-mãe, saturado das demandas impostas pelo dispositivo da maternidade, emerge como agente que atua sobre o corpo-filha no sentido de conformar esse corpo aos moldes sociais históricos existentes. A condução do sujeito-corpo-mãe aparece não como um sistema de dominação, mas como uma manifestação da direção/governo daquele corpo-outro, com a finalidade de que essa condução seja aceita pelo sujeito-filha.

O poder materno intensifica a consciência do outro em relação a sua conduta e seu corpo. Esse poder, ao firmar seu exercício sobre o corpo da prole, impõe sua indelével marca sobre a existência dos filhos, ampliando ou não sua capacidade de movimentação dentro dos esquemas históricos de poder, socialmente impostos a todos nós. Por isso é possível entender a “curiosidade” de Rania Matar sobre a

conduta de sua mãe biológica em relação a ela como filha. Afinal a maternidade não se reduz ao gestar e ao parir:

> [...] O que seria objeto estratégico na gênese do dispositivo da maternidade? Não, não é o gestar que predomina como objeto estratégico na gênese do dispositivo, mas sim o cuidar, o manter vivo, dócil e útil. É o processo de maternagem, o "modo correto" de maternar que caracteriza o dispositivo da maternidade. Independente do gerar, parir, o que dá contorno a uma "boa mãe" ou a transforma em maldita, é a forma como cuidará de sua criança. [...] (MATIAS; BARONE; RORIGUES, 2021, p.8)

A prática fotográfica de Matar demonstra a fragilidade desse "contorno da boa mãe" ao fazer emergir um sujeito-corpo-mãe que conduz o sujeito-filha a partir de objetivos específicos de docilização e de utilidade social desse sujeito. Por essa perspectiva, o esquema de forças que se configura demtro do dispositivo da maternidade guarda similaridades com o poder disciplinar, quanto ao governo dos corpos, mas vemos também traços do poder pastoral, no tocante ao desejo de salvar, guiar, promover a segurança das almas (da prole), isto é, o sujeito-corpo-mãe atua através dessa dupla incidência de sua dimensão microfísica.

Como resultado de estudo, essa constatação da conduta materna, discursivizada pelo enunciado fotográfico de Matar, é a resposta ao objetivo geral da pesquisa, que buscava refletir sobre o esquema de forças nas relações de poder que ligam o sujeito-mãe ao sujeito-filha, através da interpretação de séries enunciativas visuais, em que linhas de força pudessem ser visibilizadas.

Do mesmo jeito, a prática fotográfica de Rania Matar, ao discursivizar a maternidade em sua dimensão dispositiva, possibilitou que examinássemos aspectos da emergência da maternidade como dispositivo de poder, em níveis macrofísico e microfísico na prática discursiva fotográfica. Levando-nos a compreender importantes subjetividades diferenciadas.

Além disso, foi igualmente relevante caracterizar aspectos do dispositivo em relação à prática discursiva da fotografia, focando regularidades visuais do sujeito-mãe no discurso fotográfico, que nos permitiram perceber como a subjetividade materna está centrada na dinâmica do corpo ligado às estratégias de disciplina e de segurança do dispositivo de poder.

Com isso, consequentemente, conseguimos construir uma reflexão sobre o sujeito-mãe e as linhas de força/fuga que se configuraram dentro do dispositivo da

maternidade, levando em conta o sujeito-filha e o exercício de poder observável, naquilo que foi visibilizado pela prática discursiva fotográfica; sendo possível perceber também o próprio corpo do sujeito como um elemento de escape do dispositivo da maternidade, quer pela obsolescência quer pela conscientização do sujeito de uma transformação se aproxima.

REFERÊNCIAS

ALVAREZ, J.; PASSOS, E. Cartografar é habitar um território existencial. *In*: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. DE (Orgs.). **Pistas do método da cartografia**: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre/RS: Sulina, 2009.

AGAMBEN, Giorgio. **O que é o contemporâneo? E outros ensaios**. Chapecó, SC: Argos, 2009.

ARAÚJO, Inês Lacerda. Foucault, um arqueogenealogista do saber, do poder e da ética. **Revista das Ciências Humanas**. Florianópolis, SC, n.35, p. 37-55, abril de 2004. Disponível em file:///C:/Users/Usuario/AppData/Local/Temp/25396-Texto%20do%20Artigo-82680-1-10-20120704.pdf. Aceso em 24/02/2022.

AUMONT, J. **A imagem**. Campinas, SP: Papirus, 1993.

BADINTER, Elisabeth. **Um amor conquistado**: o mito do amor materno. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

BARROS, Laura P. de; KASTRUP, Virgínia. Cartografar é acompanhar processos. *In*: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. DE (org.). **Pistas do método da cartografia**: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre, RS: Sulina, 2009.

BARTHES, Roland. **A câmara clara:** notas sobre a fotografia. RJ: Editora Nova Fronteira, 1984.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. 11. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

BRIFFAULT, Robert. **The Mothers**: the matriarcal theory of social origins. New York, US: Macmillan Company, 1931. Disponível em https://electrodes.files.wordpress.com/2008/12/the_mothers__matriarchal_theory_social_origins__robert_briffault_1931.pdf. Acessado em 19-09-2021.

BUTTIGIEG, Lawrence. Representing the “eroticised” girl: Why not?. *In*: BUTTIGIEG, L.; KANAOUTI, S.; EVANGELISTA, L. M.; STEWART, R. S. Expanding and Restricting the Erotic: A Critique of Current and Past Norms. Danver, MA, USA: Brill, 2020.

BUTLER, Judith. **Quadros de guerra**: quando a vida é passível de luto? Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

BUTLER, Judith. **Corpos que importam**: os limites discursivos do sexo. SP: Editora n-1, 2019. E-book, 411 p. Disponível em https://docero.com.br/doc/8e5ec0n. Acesso 18/01/2022.

CASTRO, Edgardo. **Vocabulário de Foucault**: um percurso pelos seus temas, conceitos e autores. Belo Horizonte, MG: Autêntica Editora, 2009.

CHIGNOLA, Sandro. Sobre o dispositivo: Foucault, Deleuze, Agamben. **Cadernos IHU Ideias**. São Leopoldo, RS, v.12, n.214, p.3-18, 2014. Disponível em https://www.ihu.unisinos.br/images/stories/cadernos/ideias/214cadernosihuideias.pdf . Acesso em 01/03/2022.

CORREIA, Mª da Luz. Jogos de espelhos: o duplo na fotografia recreativa do início do século XX. **Vista**. n. 07, janeiro-junho, 2021. Disponível em https://doi.org/10.21814/vista.3131 . Acesso em 18/11/2021.

COURTINE, J. J.; HAROCHE, C. **História do rosto**. Círculo de Leitura, 1997.

COURTINE, J.J. **Decifrar o corpo**: pensar com Foucault. RJ: Vozes, 2013.

D'EAUBOONE, Françoise. **As mulheres antes do patriarcalismo**. Lisboa, Portugal: Editorial Vega, 1977.

DELEUZE, Gilles; GATTARI, Felix. **Mil Platôs**: capitalismo e esquizofrenia. RJ: Editora 34, 1995, volume 1.

DELEUZE, Gilles; GATTARI, Felix. **Mil Platôs**: capitalismo e esquizofrenia. RJ: Editora 34, 1996, volume 3.

DELEUZE, Gilles. **Foucault**. São Paulo: Brasiliense, 2005.

DELEUZE, Gilles. Aula de 19 de novembro de 1985. *In*: **Michel Focault**: as formações históricas. São Paulo: Editora Politeia e n-1 Edições, 2018.

DELEUZE, Gilles. **Michel Foucault**: o poder. São Paulo: Editora Filosófica Politeia, 2020.

DELEUZE, Gilles. O que é um dispositivo. *In*: **Michel Foucault, filósofo**. Tradução de Wanderson Flor do Nascimento. Barcelona: Gedisa, 1990. Disponível em www.filoesco.unb.br/foucault. Acesso em 26/11/2021.

DELEUZE, Gilles; ROLNIK,

ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

ENGELS, Friedrich. **A origem da família, da propriedade privada e do Estado**: trabalho relacionado com as investigações de L. H. Morgan. 9. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1984.

FELIPE, Jane. Erotização dos corpos infantis. *In*: LOURO, G. L.; FELIPE, J.; GOELLNER, S.V. (Orgs.) **Corpo, gênero e sexualidade**: um debate contemporâneo na educação. 9. ed. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2013.

FLUSSER, Vilém. **Ensaio sobre a fotografia**: para uma Filosofia da técnica. Lisboa, Portugal: Relógio D'Água Editores, 1998a.

FLUSSER, Vilém. **Ficções filosóficas**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1998b.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**: nascimento da prisão. Petrópolis: Vozes, 1987.

FOUCAULT, Michel. O sujeito e o poder (1984). *In:* DREYFUS, Hubert e RABINOW, Paul. **Michel Foucault**: uma trajetória filosófica (para além do estruturalismo e da hermenêutica). RJ: Forense Universitária, 1995, p. 231-249.

FOUCAULT, Michel. **Ditos e Escritos V**: ética, sexualidade e política. RJ: Forense Universitária, 2004.

FOUCAULT, Michel. **Seguranca, territério, populacáo**: curso dado no College de France (1977-1978). São Paulo: Martins Fontes, 2008.

FOUCAULT, Michel. Outros espaços. *In*: _____. **Estética:** literatura e pintura, música e cinema (Ditos e escritos III). 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009. p. 411-422.

FOUCAULT, Michel. **A hermenêutica do sujeito**. 3. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso**. 22. ed. SP: Edições Loyola, 2012.

FOUCAULT, Michel. **O corpo utópico, as heterotopias**. SP: n-1 Edições, 2013.

FOUCAULT, Michel. **A Arqueologia do Saber**. 8. ed. RJ: Forense Universitária, 2014a.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade 1**: a vontade de saber. SP: Paz e Terra, 2014b.

FOUCAULT, Michel (1967). As palavras e as imagens. *In*: **Ditos e Escritos II**: arqueologia das ciências e história dos sistemas de pensamento. 3. ed. Rio de Jameiro: Forense Uniersitária, 2015.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. 7. ed. RJ/SP: Paz e Terra, 2018.

FOUCAULT, Michel. **A hermenêutica do sujeito**: curso dado no *Collège de France* (1981-1982). São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2021.

FREELAND, Alison. From Her Perspective: Rania Matar's Intimate, Vulnerable Portraits. **MainGate AUB Magazine**. Beirute, Líbano, v.XVII, n.2, p.46-47, edição de primavera, 2019.

GATTARI, Felix e ROLNIK, Suely. **Micropolítica**: cartografias do desejo. 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

GOMEZ, G. Q. A maternidade como enigma: Atenas, as Luzes e Freud**. PHYSIS: Revista de Saúde Coletiva**. Rio de Janeiro, v.2, n.10, p.51-74, 2000. Disponível em file:///C:/Users/Usuario/Desktop/Downloads/MATERNIDADEnagrecianoiluminismoemfrued12.pdf. Acesso em 02/03/2022.

GREGOLIN, Mª do Rosário. Discursos e imagens do corpo: heterotopias da (in)visibilidade na Web. *In:* FLORES, G.G.; NECKEL, N.R.F.; GALLO, S.M.L. (org). **Análise de discurso em rede**: cultura e mídia. Campinas: Pontes, 2015a. Disponível em: https://geadaararaquara.blogspot.com/2016/06/discursos-e-imagens-do-corpo.html . Acesso em: 18/07/2021.

GREGOLIN, Mª do Rosário. O dispositivo escolar republicano na paisagem das cidades brasileiras: enunciados, visibilidades, subjetividades. **Revista Moara: estudos linguísticos**. Belém, Pará, n. 43, p. 06-25, Jan./Jun., 2015b.

GROS, Frédéric. **Desobedecer**. São Paulo: Ubu Editora, 2018. Disponível em file:///C:/Users/Usuario/Desktop/Downloads/Desobedecer%20(Cole%C3%A7%C3%A3o%20Exit).pdf. Acesso em 28/03/22.

HALL, Allan. Papers reveal how Goebbels children were killed. The Sydney Morning Herald. 10/10/2009. Disponível em https://www.smh.com.au/world/papers-reveal-how-goebbels-children-were-killed-20091009-gqv1.html. Acesso em 29/03/2022.

HARA, Tony. A fuga da peste, do sujeito e do deserto. *In*: **Neoliberalismos, feminismos e contracondutas**: perspectivas foucaultianas. São Paulo: Intermeios, 2019.

HERWARTS-EMDEN, Leonie. Comportamento. [Entrevista concedida a] Pia Volk. **DW: made for minds**. Publicada em 18/02/2007. Disponível em https://www.dw.com/pt-br/carregamos-a-heran%C3%A7a-nazista-em-rela%C3%A7%C3%A3o-%C3%A0-imagem-da-m%C3%A3e/a-2447174. Acesso em 12/11/2021.

HAESBAERT, Rogério da C. **O mito da desterritorialização**: do "fim dos territórios" à multiterritorialidade. 6. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.

KOSSOY, Boris. **Realidades e ficções na trama fotográfica**. 3. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2002.

MACHADO, Roberto. Por uma genealogia do poder. *In:* FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. 7. ed. RJ/SP: Paz e Terra, 2018.

MALINOWSKI, Bronislaw. **The father in primitive psychology**. New York, US: Norton Company, 1927.

MANN, Sally**. New Mothers**. Edwyn Houk Gallery, 1989. Fotografia Disponível em https://www.houkgallery.com/exhibitions/1990-sally-mann-immediate-family/works/artworks-70102-sally-mann-new-mothers-1989/. Acesso em 11/07/2020.

MARTINS, APV. A ciência obstétrica. In: **Visões do feminino**: a medicina da mulher nos séculos XIX e XX. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2004. Disponível em https://static.scielo.org/scielobooks/jnzhd/pdf/martins-9788575414514.pdf. Acesso em 10/03/2022.

MATAR, Rania. **Unspoken Conversations (Mothers & Daughters)**. Portifólio com 32 fotos disponível em https://raniamatar.com/portfolio/unspoken-conversations/index.php. Acesso em 10/03/2022.

MATAR, Rania. **F-Stop: photography magazine**. Edição online 40. 2010. [Entrevista concedida a Susan Burnstine]. Disponível em https://www.fstopmagazine.com/pastissues/40/Burnstine.html. Acesso em 20/03/2022.

MATAR, Rania. Entrevista ao site Artbreath. 2015a. Disponível em https://artbreath.org/interviews/rania-matar. Acesso em 21/03/2022.

MATAR, Rania. **Becoming: girls, women & coming of Age: photos by Rania Matar**. [Entrevista concedida ao site Wunrn]. 09/12/2015b. Disponível em https://wunrn.com/2015/12/becoming-girls-women-coming-of-age-photos-by-rania-matar/. Acesso em 10/03/2022.

MATAR, Rania. **Photographs that capture ordinary life in the wake of conflict**. [Entrevista concedida à revista Your Middle East] 26/04/2016. Disponível em https://yourmiddleeast.com/2016/04/26/photographs-that-capture-ordinary-life-in-the-wake-of-conflict/. Acesso em 28/03/2022.

MATAR, Rania. **Rania Matar: tracing universal womanhood**. [Entrevista concedida a Jill Waterman]. 2017, republicada em 22/03/2022. Disponível em https://www.bhphotovideo.com/explora/photography/features/rania-matar-tracing-a-universal-womanhood?BI=7367&currency=EUR&gclid=CjwKCAjwi6WSBhA-EiwA6NiokyTD6CczMAcgbWUqsqoX7JG3yzLpMhzAmNNjjqW7GKNLS_p-f8zb4xoCr8kQAvD_BwE. Acesso em 02/04/2022.

MATAR, Rania. **Photographer Rania Matar on Daughters, Film, and In Her Image at Amon Carter**. [Entrevista concedida a Lyndsay Knecht]. 05/04/2018a. Disponível em https://www.dmagazine.com/arts-entertainment/2018/04/photographer-rania-matar-on-daughters-film-and-in-her-image-at-amon-carter/. Acesso em 31/03/2022.

MATAR, Rania. **Reel Women**. Arab News. [Entrevista concedida a Adam Grundey]. Dubai, p.8-9, 07/04/2018b. Publicada na internet em catálogo de divulgação. Disponível em https://www.galerietanit.com/sites/default/files/pdf/rania_matar_she_-_presskit.pdf. Acesso em 10/03/2022.

MATAR, Rania. **Strange Fire**. [Entrevista concedida a Rafael Soldi]. 13/09/2018c. Disponível em https://www.strangefirecollective.com/qa-rania-matar. Acesso em 15/04/2022.

MATAR, Rania (vídeo). Produção: Carrie Wise. Entrevista. 09/11/2018d. Disponível em https://www.ideastream.org/news/rania-matar-on-photographing-women-and-girls. Acesso em 10/03/2022.

MATAR, Rania (vídeo). Rania Matar: Portrait and Fine-Art Photographer (Entrevista). Youtube. Disponível em https://www.youtube.com/watch?app=desktop&v=9LZ8c0ArZwo. Acesso em 22/03/2022.

MATAR, Rania (vídeo). **Artist talk with Rania Matar** (Entrevista). Youtube. Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=FWBDvhojwdk. Acesso em 20/03/2022.

MATAR, Rania. **Us and Them**. [Entrevista concedida a Celia Shareem]. 28/04/2019. Disponível em https://www.khabarkeslan.com/articles/us-and-them-rania-mattar. Acesso em 31/03/2022.

MATIAS, A. G. T.; BARONE, M. A.; RODRIGUES, A. Fazendo ruir o dispositivo da maternidade e (re)inventando maternagens possíveis: narrativas infames e possíveis. **Revista Internacional Interdisciplinar INTERthesis**. Florianópolis, v.18, p.01-18, 2021, Universidade Federal de Santa Catarina. Disponível em https://doi.org/10.5007/1807-1384.2021.e76033. Acessado em 21-09-21.

MAUAD, Ana Maria. Através da imagem: fotografia e História interfaces. **Tempo**. Rio de Janeiro, v.1, n. 2, p.73-98, 1996.

MBEMBE, Achille. Necropolítica. **Arte&Ensaios**. Universidade Federal do Rio de Janeiro, n.32, p.123-151, dezembro, 2016.

MINAYO, Mª Cecília de Souza. Ciência, Técnica e Arte: o desafio da Pesquisa Social. *In*: MINAYO, Mª Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social**: teoria, método e criatividade. 21. ed. Petrópolis: Vozes, 1994.

NABUCO, Edvaldo; AMARANTE, Paulo. Las “locas” de la Plaza de Mayo La lucha e las Madres de Mayo contra la dictadura militar a favor de la vida. **Átropos**, p.XX-XXVIII. Disponível em https://www.madres.org/documentos/doc20111116091442.pdf. Acesso em 29/09/2021.

NAVARRO-BARBOSA, Pedro Luis. Acontecimento discursivo e a construção da identidade na História. *In*: SARGENTINI, V.; NAVARRO-BARBOSA, P. (org.). **Foucault e os domínios da linguagem**: discurso, poder, subjetividade. São Carlos: Claraluz, 2004.

NAVARRO-BARBOSA, Pedro Luis. Por uma análise arqueogenealógica do discurso. *In*: BARONAS, R. L. (org.). **Estudos discursivos à brasileira**: introdução. Campinas/SP: Pontes Editores, 2015.

PERROT, Michelle. **Os excluídos da história**: operários, mulheres, prisioneiros. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

PERROT, Michelle. **As mulheres ou silêncio da história**. Bauru: EDUSC, 2005.

PERROT, Michelle. **Minha história de mulheres**. São Paulo: Contexto, 2007.

PONZIO, Mª Fernanda G. de A. A praça da memória: o cenário das Madres de Plaza de Mayo. **Palimpsesto**. v.6, n.6, dezembro, 2007.

PRADO FILHO, K; TETI, M. M. A cartografia como método para as Ciências Sociais. **Barborói**: revista do Departamento de Ciências Humanas e do Departamento de Psicologia. Santa Cruz do Sul/SC, n.38, p.45-59, jan./jun. 2013.

REVEL, Judith. **Michel Foucault: conceitos essenciais**. São Carlos: Editora Claraluz, 2005.

RODRIGUES, A.; ALVIM, D. M. Como cartografar resistências: apontamentos sobre contradispositivos e criação. **Lugar Comum**. n. 48, p. 103-119, 11/08/2016. Disponível em https://docplayer.com.br/175717908-Como-cartografar-resistencias-apontamentos-sobre-contradispositivo-e-criacao.html. Acesso em 26/11/2021.

SANCHES, Hoster Older. **Dispositivo da sexualidade, sujeito e Aids no Brasil de 1980**: um estudo discursivo. Verlag, Alemanha: Novas Edições Acadêmicas, 2016.

SCHRIVER, Jessica. Photography of Knowing: Sally Mann (blog). WordPress.com: postado em 13/12/2020. Disponível em https://auxjess.wordpress.com/2020/12/13/photography-of-knowing-sally-mann/. Acesso em 19/03/2022.

SILVA, Francisco P. Articulações entre poder e discurso em Michel Foucault. *In*: SARGENTINI, V.; NAVARRO-BARBOSA, P. (org.). **Foucault e os domínios da linguagem**: discurso, poder, subjetividade. São Carlos, SP: Claraluz, 2004.

ZIRBEL, Ilze. Biopoder e Técnicas Reprodutivas. **PRACS: Revista Eletrônica de Humanidades do Curso de Ciências Sociais da UNIFAP**. Macapá, AP, v. 12, n. 1, p. 123-143, jan./jun. 2019. Disponível em file:///C:/Users/Usuario/AppData/Local/Temp/4721-18945-1-PB.pdf . Acesso em 01/03/2022.

VEYNE, Paul. **Como se escreve a história e Foucault revoluciona a história**. 4. ed. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1998.

APÊNDICE

INTRODUÇÃO: A PESQUISA

O *CORPUS*

O *corpus* fotográfico, tomado como série, com fotos do arquivo visual de imagens artísticas (fotos de Sally Mann e Rania Matar), imagens histórico-biográficas (da família Goebbels e de seus corpos), imagens jornalísticas (fotos das mães argentinas da Praça de Maio).

O PROBLEMA

como se dá, discursivamente, em enunciados fotográficos, a relação de poder-saber entre mãe e filha, considerando-se a dimensão do dispositivo da maternidade que se impõe sobre esses sujeitos?

OBJETIVO GERAL

refletir sobre o esquema de forças, nas relações de poder que ligam o sujeito-mãe ao sujeito-filha, através da interpretação de séries enunciativas visuais, em que linhas de força sejam visibilizadas.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

a) examinar aspectos da emergência da maternidade como dispositivo de poder, em níveis macrofísico e microfísico na prática discursiva fotográfica;

b) caracterizar aspectos do dispositivo em relação à prática discursiva da fotografia, focando regularidades do discurso fotográfico, em função do sujeito-mãe;

c) refletir sobre o sujeito-mãe e as linhas de força/fuga que se configuram dentro do dispositivo da maternidade, levando em conta o sujeito-filha e o exercício de poder observável.

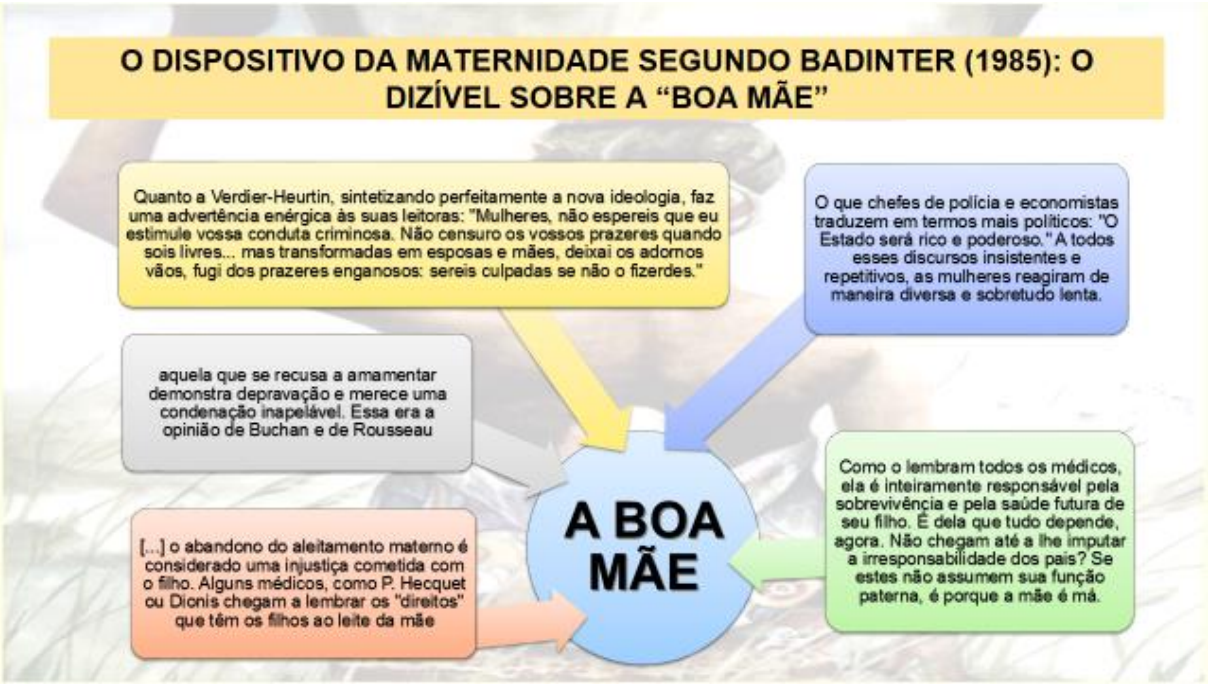
ALGUNS PRESSUPOSTOS TEÓRICOS DOS ESTUDOS DISCURSIVOS FOUCAULTIANOS

IMAGEM A *The new mothers* de Sally Mann.

- **O LUGAR DO SUJEITO: O PATRIARCALISMO;**
- **O DISCURSO: ORGANIZA-SE A PARTIR DA EMERGÊNCIA DO SUJEITO-MÃE COMO A "BOA MÃE";**
- **SUBJETIVIDADE MATERNA: TRANSITA DENTRO DE PARÂMETROS DO PATRIARCADO, MAS LUTA PELA AUTONOMIA;**
- **A PRÁTICA FOTOGRÁFICA: OFERECE VISIBILIDADE À DISCURSIVIZAÇÃO DO SUJEITO-MÃE PELO VIÈS DO IMAGÉTICO E DO DISPOSITIVO.**

O DISPOSITIVO SEGUNDO FOUCAULT

[...] em primeiro lugar, **um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas**. Em suma, **o dito e o não dito são os elementos do dispositivo**. O dispositivo é **a rede que se pode estabelecer entre estes elementos**. Em segundo lugar, gostaria de demarcar a natureza da relação que pode existir entre estes elementos heterogêneos. Sendo assim, tal discurso pode aparecer como **programa de uma instituição ou, ao contrário, como elemento que permite justificar e mascarar uma prática que permanece muda**; pode ainda funcionar como **reinterpretação desta prática**, dando-lhe acesso a um **novo campo de racionalidade**. Em suma, **entre estes elementos, discursivos ou não, existe um tipo de jogo, ou seja, mudanças de posição, modificações de funções, que também podem ser muito diferentes**. Em terceiro lugar, **entendo dispositivo como um tipo de formação** que, **em um determinado momento histórico**, teve como função principal responder a uma urgência. **O dispositivo tem, portanto, uma função estratégica dominante**. Este foi o caso, por exemplo, da absorção de uma massa de população flutuante que uma economia de tipo essencialmente mercantilista achava incômoda: existe ai um imperativo estratégico funcionando como matriz de um dispositivo, que pouco a pouco tornou-se o dispositivo de controle-dominação da loucura, da doença mental, da neurose. [...] (FOUCAULT, 2018, p.364).



O DISPOSITIVO DA MATERNIDADE SEGUNDO FOUCAULT

[...] h*isterização do corpo da mulher*: tríplice processo pelo qual o corpo da mulher foi analisado – qualificado – como corpo integralmente saturado de sexualidade; pelo qual, **este corpo** foi integrado, sob o efeito de uma patologia que lhe seria intrínseca, ao campo das práticas médicas; pelo qual, enfim, **foi posto em comunicação orgânica com o corpo social (cuja fecundidade regulada deve assegurar), com o espaço familiar (do qual deve ser elemento substancial e funcional) e com a vida das crianças (que produz e deve garantir, através de uma responsabilidade biológico-moral que dura todo o período da educação)**: a Mãe, com sua imagem em negativo que é a "mulher nervosa", constitui a forma mais visível desta histerização. [...] (FOUCAULT, 2014b, p.113, negrito nosso).

DISPOSITIVO DA MATERNIDADE: TRÍPLICE PROCESSO DE DISCURCIVISAÇÃO DA RELAÇÃO MÃE/FILHOS

MAPEANDO O TERRITÓRIO DO DISPOSITIVO DA MATERNIDADE NO ARQUIVO DO VISÍVEL E DO ENUNCIÁVEL – MATERNIDADE E O BIOPODER

IMAGEM B - Retrato da família Goebbels.

IMAGEM C – corpos da família Goebbels

[...] concretamente, **esse poder sobre a vida desenvolveu-se a partir do século XVII**, em duas formas principais; que não são antitéticas e constituem, ao contrário, dois pólos de desenvolvimento interligados por todo um feixe intermediário de relações. Um dos pólos, o primeiro a ser formado, ao que parece, **centrou-se no corpo como máquina: no seu adestramento, na aplicação de suas aptidões, na extorsão de suas forças, no crescimento paralelo de sua utilidade e docilidade, na sua integração em sistemas de controle eficazes e econômicos** – tudo isso assegurado por procedimentos de poder que caracterizam as ***disciplinas: anátomo-política do corpo humano***. O segundo, que se formou um pouco mais tarde, **por volta da metade do século XVIII, centrou-se no corpo-espécie, no corpo transpassado pela mecânica do ser vivo e como suporte dos processos biológicos: a proliferação, os nascimentos e a mortalidade, o nível de saúde, a duração da vida, a longevidade, com todas as condições que podem fazê-los variar; tais processos são assumidos mediante toda uma série de intervenções e *controles reguladores*: *uma biopolítica da população***. As disciplinas do corpo e as regulações da população constituem os dois pólos em torno dos quais se desenvolveu a organização do poder sobre a vida. A instalação – durante a época clássica, desta grande **tecnologia de duas faces – anatômica e biológica, individualizante e especificante, voltada para os desempenhos do corpo e encarando os processos da vida** – caracteriza um poder cuja função mais elevada já não é mais matar, mas investir sobre a vida, de cima a baixo. [...] (FOUCAULT, 2014b, p.149-150).

MATERNIDADE E GOVERNAMENTALIDADE

IMAGEM D – mães argentinas andando.

IMAGEM E – mãe argentina confrontando homem da força de segurança

[...] Só obedecemos bem quando fazemos valer, na obediência, essa capacidade de comandar a si mesmo. **A obediência política, cidadã, é *voluntária***. Ela é lúcida, sensata, responsabilizante. Sou eu que me obrigo, *livremente*. Submeto-me às ordens de outro, mas a partir de uma decisão própria. É a mim que comando a obedecer ao outro, isto é, até na obediência se faz valer a soberania de um chefe: é "como meu próprio chefe" que obedeço. **A obediência designa uma ativação da vontade, e não sua abdicação – impossível então encontrar entre os gregos um enunciado como "não sou responsável, pois eu só obedecia".** Com a ideia de obrigação estamos muito longe do modelo do consentimento, em particular na versão dada por Hobbes. Segundo ele, é política por excelência a instituição da partilha entre, de um lado, a autoridade pública, que faz as leis, impõe a ordem pública, e, de outro, a massa dos cidadãos que abandonam seu direito natural e se resignam a obedecer para obter segurança. **A obrigação política em Aristóteles não é instituinte. Ela não legitima nenhuma autoridade soberana exterior, não constrói nenhuma comunidade de renúncia. Cria solidariedades a partir da afirmação, da ativação de um governo de si sobre si: eu me obrigo a obedecer a um outro que é meu igual**. Não pode jamais ser suposta como um *a priori* relegado à origem, pois é por ela, ao contrário, que me faço presente a mim mesmo. É o oposto do consentimento. **A obrigação é a possibilidade geral de desobedecer no interior da própria forma ética da obediência. Em última instância, sou sempre eu que comando a mim mesmo a obedecer, o que significa que, em tal ou tal situação, poderei recusar a mim mesmo de obedecer – pois sou *eu* que comando**. [...] (GROS, 2018, p.69-70).

SUBJETIVIDADE E DESTERRITORIALIZAÇÃO

IMAGEM F – Wafa'a, mãe, e Hasna, filha; foto de Rania Matar.

IMAGEM G – detalhe de Hasna da imagem F.

[...] *Territorialidade/desterritorialização/reterritorialização:* **a noção de território é entendida aqui num sentido muito amplo, que ultrapassa o uso que dela fazem a etologia e a etnologia. Os seres** existentes se organizam segundo territórios que os delimitam e os articulam aos outras existentes e aos fluxos cósmicos. **O território pode ser relativo tanto a um espaço vivido, quanto a um sistema percebido no seio do qual um sujeito se sente «em casa»**. O **território é sinônimo de apropriação, de subjetivação fechada sobre si mesma**. Ele é o conjunto dos projetos e das representações nas quais vai desembocar, pragmaticamente, toda uma série de comportamentos, de investimentos, nos tempos e nos espaços sociais, culturais, estéticos, cognitivos. **O território pode se desterritorializar**, isto é, abrir-se, **engajar-se em linhas de fuga e até sair de seu curso e se destruir. A espécie humana está mergulhada num imenso movimento de desterritorialização, no sentido de que seus territórios "originais" se desfazem ininterruptamente** com a divisão social do trabalho, com a ação dos deuses universais que ultrapassam os quadros da tribo e da etnia, com os sistemas maquínicos que a levam a atravessar, cada vez mais rapidamente, as estratificações materiais e mentais. **A reterritorialização consistirá numa tentativa de recomposição de um território engajado num processo desterritorializante**. O capitalismo é um bom exemplo de sistema permanente de reterritorialização: as classes capitalistas estão constantemente tentando "recapturar" as processos de desterritorialização na ordem da produção e das relações sociais. Ele tenta, assim, **controlar todas as pulsões processuais (ou *phylum* maquínico) que trabalham a sociedade**. [...] (GATTARI; ROLNIK,1996, p.323).

O DISPOSITIVO DA MATERNIDADE EM IMAGENS MICROFÍSICAS DE MÃES E FILHAS

IMAGEM H – Maureen e Devin, foto de Rania Matar.

IMAGEM I – Leila e Souraya, foto de Rania Matar.

[...] mecânica do poder, [...] [de] sua forma capilar de existir, no ponto em que o poder encontra o nível dos indivíduos, atinge seus corpos, vem se inserir em seus gestos, suas atitudes, seus discursos, sua aprendizagem, sua vida quotidiana. O século XVIII encontrou um regime por assim dizer sináptico de poder, de seu exercício *no* corpo social, e não *sobre* o corpo social. [...] (FOUCAULT, 2018, p.215).

[...] quanto às relações de poder propriamente ditas, elas se exercem por um aspecto extremamente importante através da produção e da troca de signos; e também não são dissociáveis das atividades finalizadas, seja daquelas que permitem exercer este poder (com as técnicas de adestramento, os procedimentos de dominação, as maneiras de obter obediência), seja daquelas que recorrem, para se desdobrarem, a relação de poder (assim na divisão do trabalho e na hierarquia das tarefas). [...] (FOUCAULT, 1984, p.241).

IMAGEM J – Susie e Tea, foto de Rania Matar.

IMAGEM K – Rawiya e Celine, foto de Rania Matar.

A MICROFÍSICA DO ESPELHO

IMAGEM L – Shelita e Taylor, foto de Rania Matar.

[...] todo aquele que reflete está interessado no espelho. O espelho é, por definição, um instrumento que reflete, que especula (de *speculum* = espelho). São Paulo diz que as criaturas são espelhos que refletem Deus. O empirismo iluminista concebe o intelecto como espelho da natureza. O criticismo de Kant é uma revolta contra o espelho e condena o conhecimento especulativo. Para Hegel é o fluxo da realidade um contínuo espelhar de espelhos contrapostos em ângulos, e a dialética é o pensamento especulativo. Finalmente, Wittgenstein concebe a língua e a realidade como dois espelhos pendurados em paredes opostas num quarto vazio. Podemos enfocar, se quisermos, toda a história do pensamento do ponto de vista do espelho. [...] (FLUSSER, 1998b, p.67).

[...] o espelho [...] não permite que aquilo que sobre ele incide passe por ele. Refletir é negar, e isto é a sua estrutura. Não pode haver uma reflexão positiva. As respostas que o espelho articula são todas negativas. São inversões das perguntas que o demandam. As equações da ótica confirmarão esta afirmativa. E também confirmarão as análises do pensamento reflexivo. Diz essa análise que todas as sentenças do pensamento podem ser reduzidas à negação formalmente. Não deve portanto surpreender que o fundamento do espelho seja o nada, essa fonte de toda negação possível. O espelho é um ser em oposição justamente porque o seu fundo é o nada do nitrato de prata. [...] (FLUSSER, 1998b, p.69).

IMAGEM M – Lina e Sarah, foto de Rania Matar.

MAIS UMA VEZ O DISPOSITIVO

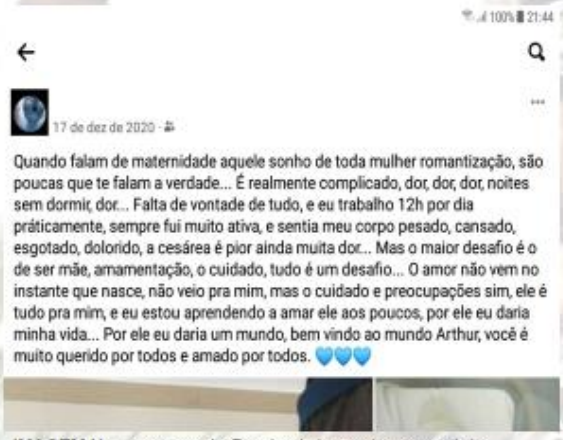


IMAGEM N – postagem do *Facebook* do arquivo pessoal da pesquisadora.

IMAGEM O – Huguette, mãe, e Brigitte, filha; foto de Rania Matar.

CONCLUSÃO

- ✓ A prática fotográfica de Matar demonstra a fragilidade desse "contorno da boa mãe" ao fazer emergir um sujeito-corpo-mãe que conduz o sujeito-filha a partir de práticas específicas de docilização e de utilidade social desse sujeito. Por essa perspectiva, **o esquema de forças que se configura dentro do dispositivo da maternidade guarda similaridades com o poder disciplinar, quanto ao governo dos corpos, mas vemos também traços do poder pastoral, no tocante ao desejo de salvar, guiar, promover a segurança das almas (da prole), isto é, o sujeito-corpo-mãe atua através dessa dupla incidência de sua dimensão microfísica.**
- ✓ Como resultado de estudo, essa constatação da conduta materna, discursivizada pelo enunciado fotográfico de Matar, é a resposta ao objetivo geral da pesquisa, que buscava **refletir sobre o esquema de forças nas relações de poder que ligam o sujeito-mãe ao sujeito-filha, através da interpretação de séries enunciativas visuais, em que linhas de força pudessem ser visibilizadas.**
- ✓ Do mesmo jeito, a prática fotográfica de Rania Matar, ao discursivizar a maternidade em sua dimensão dispositiva, possibilitou que **examinássemos aspectos da emergência da maternidade como dispositivo de poder, em níveis macrofísico e microfísico na prática discursiva fotográfica. Levando-nos a compreender importantes subjetividades diferenciadas**.
- ✓ Além disso, foi igualmente relevante caracterizar aspectos do dispositivo em relação à prática discursiva da fotografia, focando regularidades visuais do sujeito-mãe no discurso fotográfico, que nos permitiram **perceber como a subjetividade materna está centrada na dinâmica do corpo ligado às estratégias de disciplina e de segurança do dispositivo de poder**.
- ✓ Com isso, consequentemente, conseguimos construir uma **reflexão sobre o sujeito-mãe e as linhas de força/fuga que se configuraram dentro do dispositivo da maternidade, levando em conta o sujeito-filha e o exercício de poder observável,** naquilo que foi visibilizado pela prática discursiva fotográfica; sendo possível perceber também o próprio corpo do sujeito como um elemento de escape do dispositivo da maternidade, quer pela obsolescência quer pela conscientização do sujeito de uma transformação se aproxima.

RESULTADOS	
OBJETIVO GERAL	
Refletir sobre o esquema de forças, nas relações de poder que ligam o sujeito-mãe ao sujeito-filha, através da interpretação de séries enunciativas visuais, em que linhas de força sejam visibilizadas.	O discurso patriarcal estabelece a prevalência hierárquica da mãe em relação aos filhos, sendo este sujeito a responsável pela sobrevivência e educação da prole, mas essa situação é frágil pela resistência em relação ao poder maternal.
OBJETIVOS ESPECÍFICOS	
a) examinar aspectos da emergência da maternidade como dispositivo de poder, em níveis macrofísico e microfísico na prática discursiva fotográfica;	Em nível macrofísico, o dispositivo da maternidade aparece como ferramenta estratégica para políticas de controle populacional, biológico, ideológico ou como elemento de resistência; em nível microfísico, o dispositivo surge a partir do corpo da mãe atuando sobre o corpo da prole, para assegurar a docilização, para vigiá-la, para mantê-la viva.
b) caracterizar aspectos do dispositivo em relação à prática discursiva da fotografia, focando regularidades do discurso fotográfico, em função do sujeito-mãe;	O dispositivo age por intermédio do corpo do sujeito mãe, que atua sobre os corpos dos filhos e sobre suas condutas. Pelo discurso fotográfico, conseguimos observar gestos, condutas, lugares e objetos que enunciam sobre as estratégias do dispositivo ao colocar a mãe como autoridade sobre os filhos.
c) refletir sobre o sujeito-mãe e as linhas de força/fuga que se configuram dentro do dispositivo da maternidade, levando em conta o sujeito-filha e o exercício de poder observável.	O corpo do sujeito-mãe pode se apresentar como linha de força e fuga: quando atua em consonância com o dispositivo é uma força; quando atua em dissonância ao dispositivo é uma linha de fuga.

REFERÊNCIAS

BADINTER, Elisabeth. **Um amor conquistado**: o mito do amor materno. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

FLUSSER, Vilém. **Ficções filosóficas**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1998b.

FOUCAULT, Michel. O sujeito e o poder (1984). *In:* DREYFUS, Hubert e RABINOW, Paul. **Michel Foucault**: uma trajetória filosófica (para além do estruturalismo e da hermenêutica). RJ: Forense Universitária, 1995, p. 231-249.

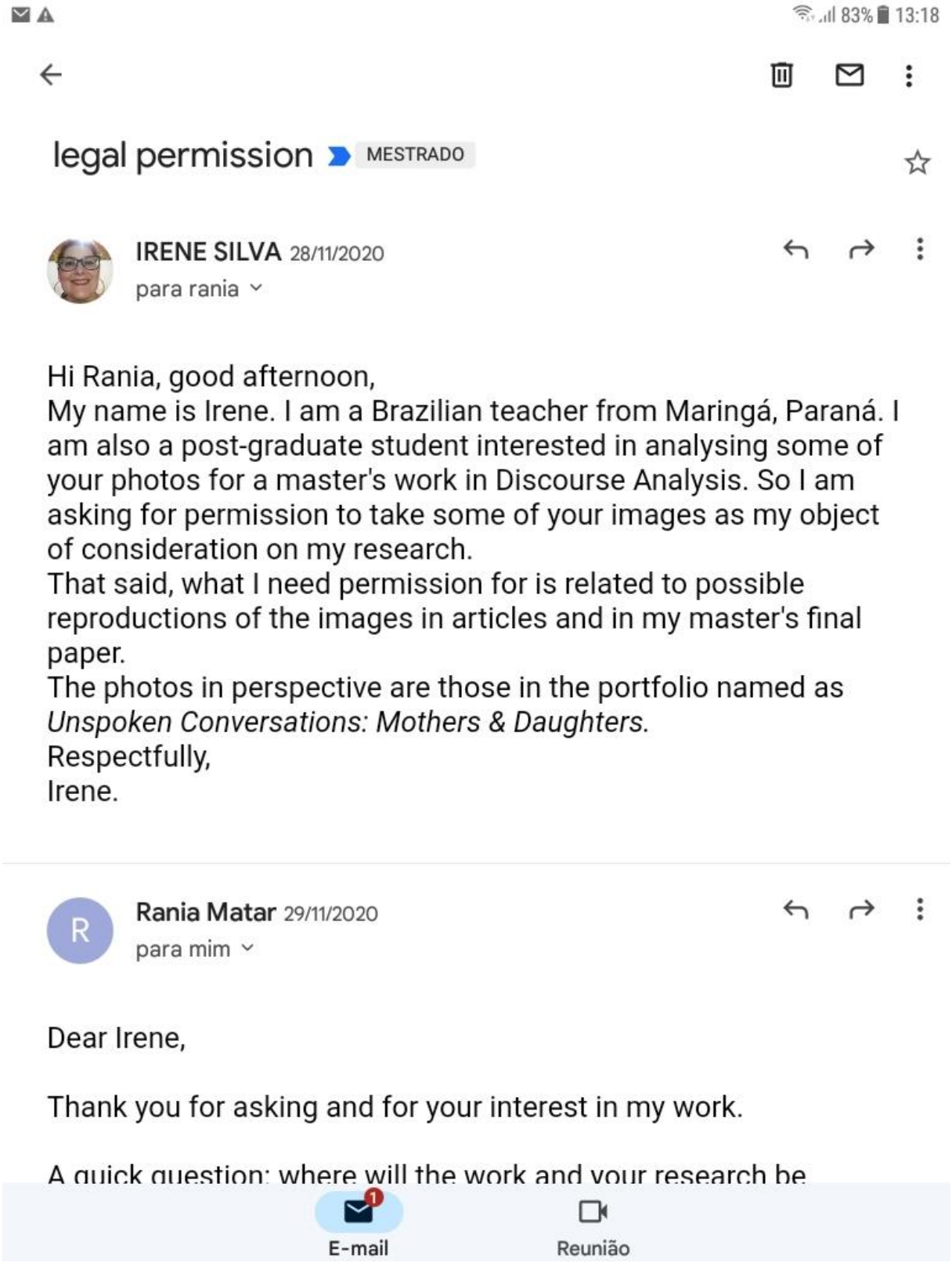
FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade 1**: a vontade de saber. SP: Paz e Terra, 2014b.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. 7. ed. RJ/SP: Paz e Terra, 2018.

GATTARI, Felix e ROLNIK, Suely. **Micropolítica**: cartografias do desejo. 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

GROS, Frédéric. **Desobedecer**. São Paulo: Ubu Editora, 2018.

ANEXOS



83% 13:18

legal permission MESTRADO

IRENE SILVA 28/11/2020
para rania

Hi Rania, good afternoon,
My name is Irene. I am a Brazilian teacher from Maringá, Paraná. I am also a post-graduate student interested in analysing some of your photos for a master's work in Discourse Analysis. So I am asking for permission to take some of your images as my object of consideration on my research.
That said, what I need permission for is related to possible reproductions of the images in articles and in my master's final paper.
The photos in perspective are those in the portfolio named as *Unspoken Conversations: Mothers & Daughters.*
Respectfully,
Irene.

R

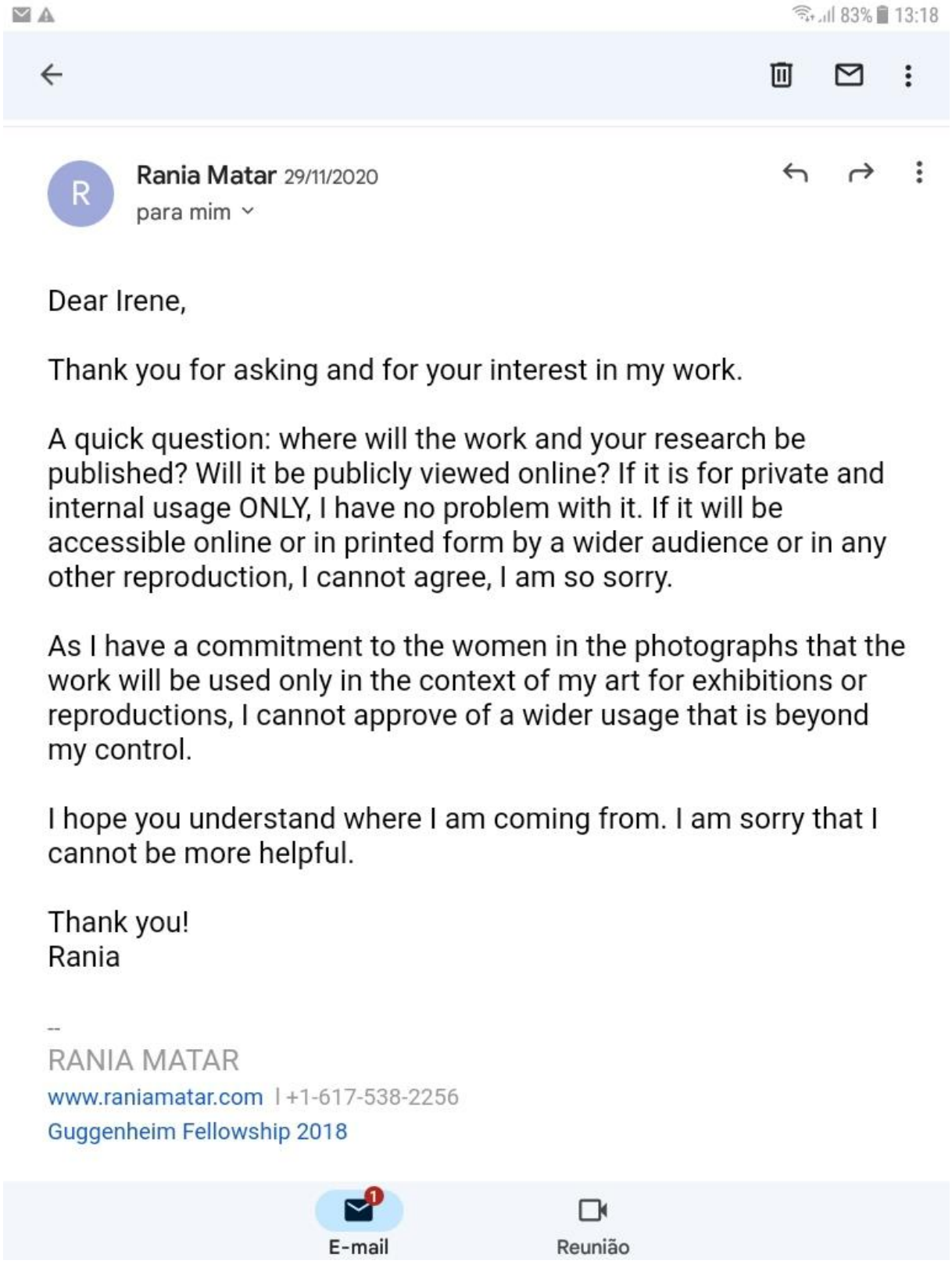
Rania Matar 29/11/2020
para mim

Dear Irene,

Thank you for asking and for your interest in my work.

A quick question: where will the work and your research be

E-mail Reunião



83% 13:18

R

Rania Matar 29/11/2020

para mim

Dear Irene,

Thank you for asking and for your interest in my work.

A quick question: where will the work and your research be published? Will it be publicly viewed online? If it is for private and internal usage ONLY, I have no problem with it. If it will be accessible online or in printed form by a wider audience or in any other reproduction, I cannot agree, I am so sorry.

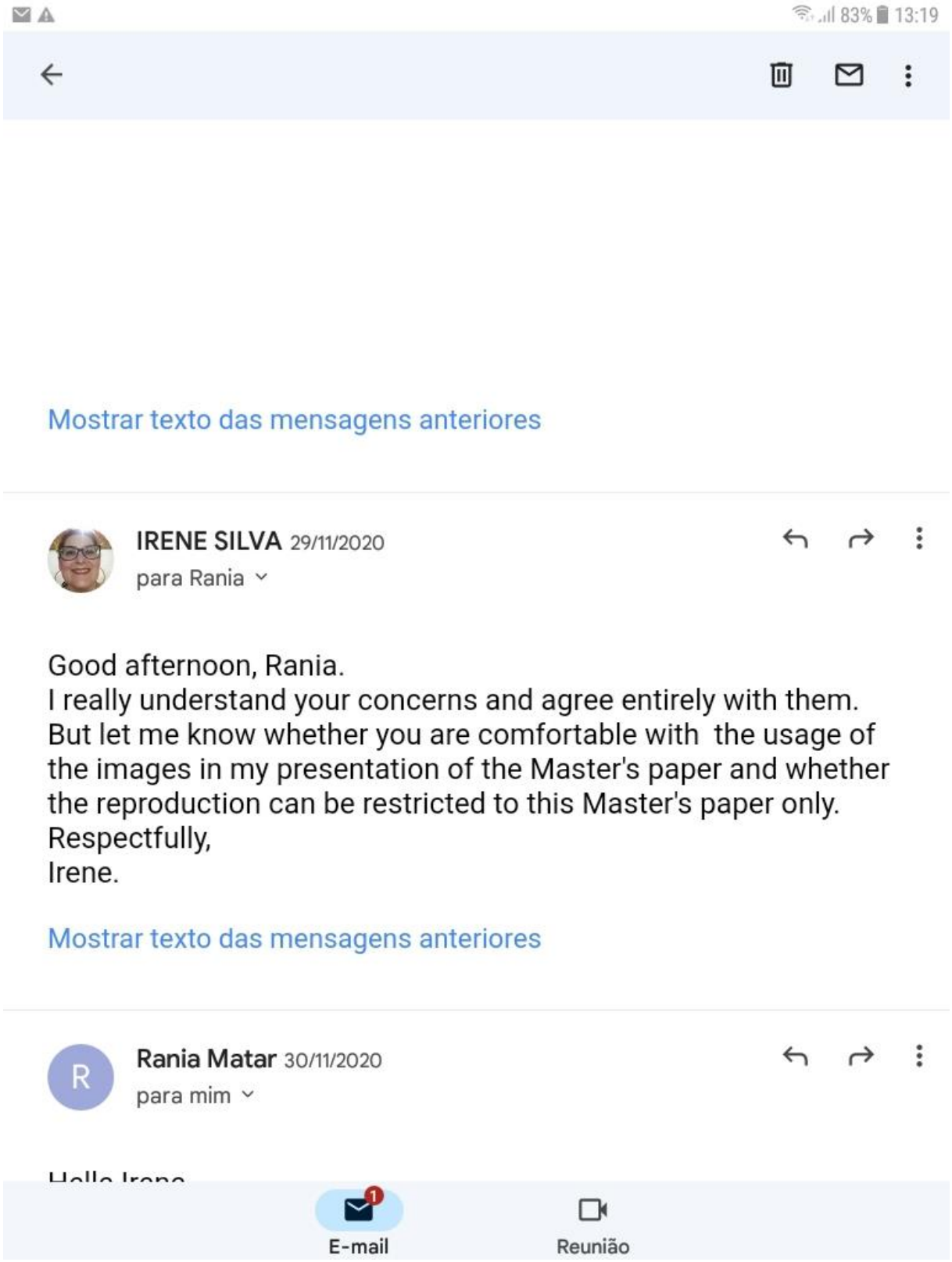
As I have a commitment to the women in the photographs that the work will be used only in the context of my art for exhibitions or reproductions, I cannot approve of a wider usage that is beyond my control.

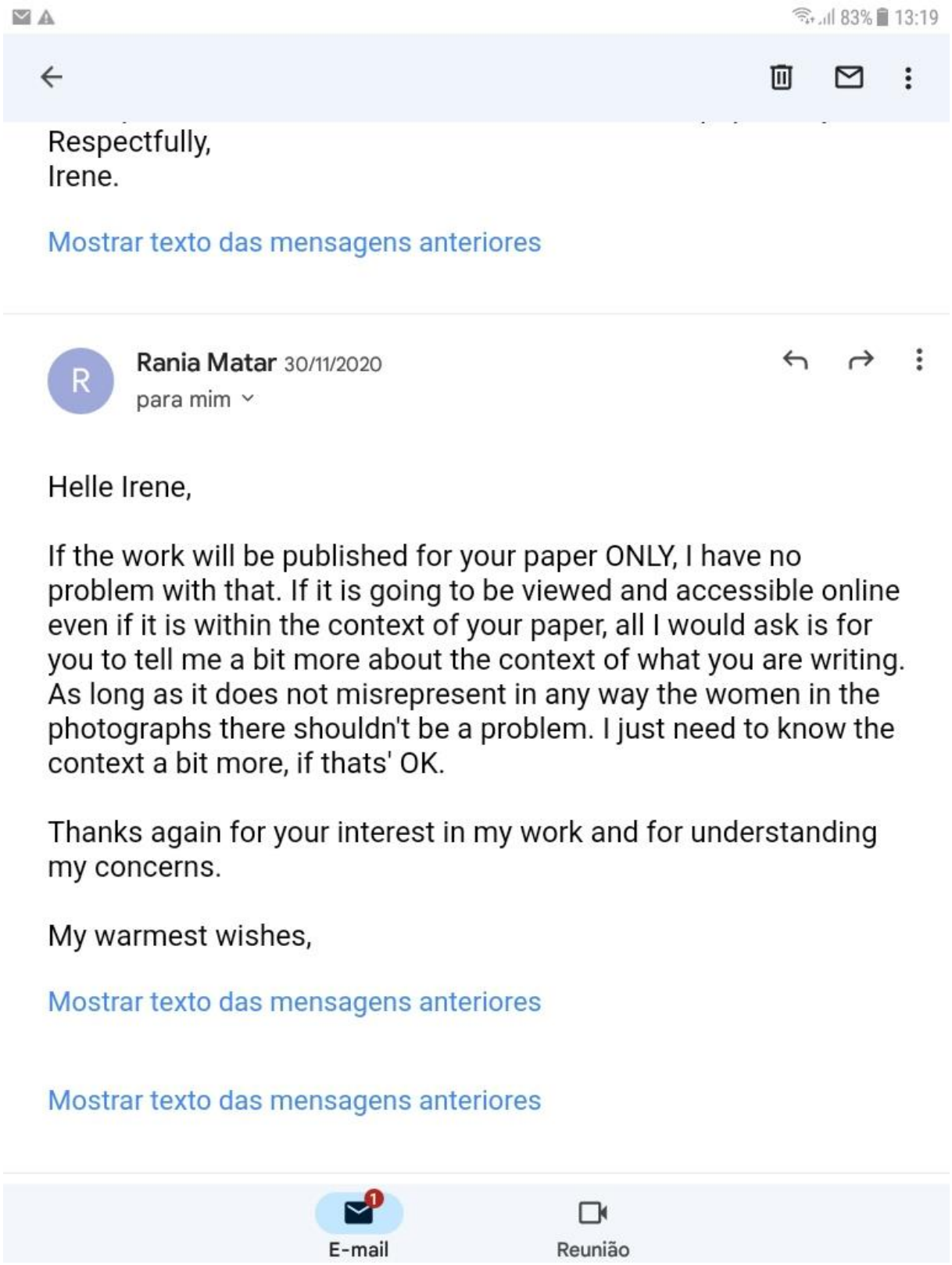
I hope you understand where I am coming from. I am sorry that I cannot be more helpful.

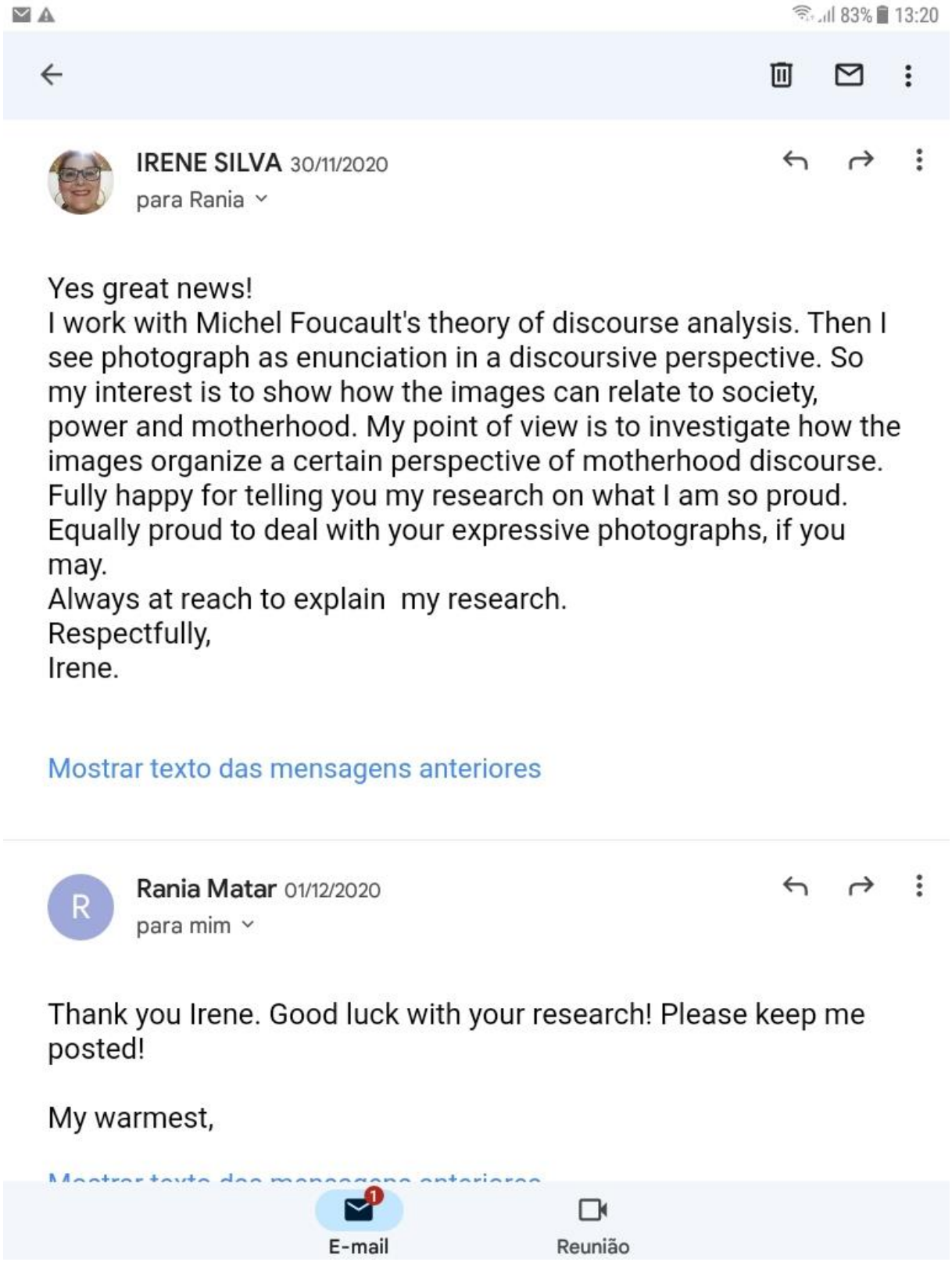
Thank you!
Rania

--
RANIA MATAR
www.raniamatar.com | +1-617-538-2256
Guggenheim Fellowship 2018

E-mail Reunião


83% 13:19
Mostrar texto das mensagens anteriores
IRENE SILVA 29/11/2020
para Rania
Good afternoon, Rania.
I really understand your concerns and agree entirely with them.
But let me know whether you are comfortable with the usage of the images in my presentation of the Master's paper and whether the reproduction can be restricted to this Master's paper only.
Respectfully,
Irene.
Mostrar texto das mensagens anteriores
R
Rania Matar 30/11/2020
para mim
E-mail
Reunião


83% 13:19
Respectfully,
Irene.
Mostrar texto das mensagens anteriores
R
Rania Matar 30/11/2020
para mim
Helle Irene,
If the work will be published for your paper ONLY, I have no problem with that. If it is going to be viewed and accessible online even if it is within the context of your paper, all I would ask is for you to tell me a bit more about the context of what you are writing. As long as it does not misrepresent in any way the women in the photographs there shouldn't be a problem. I just need to know the context a bit more, if thats' OK.
Thanks again for your interest in my work and for understanding my concerns.
My warmest wishes,
Mostrar texto das mensagens anteriores
Mostrar texto das mensagens anteriores
E-mail
Reunião



83% 13:20

IRENE SILVA 30/11/2020
para Rania

Yes great news!
I work with Michel Foucault's theory of discourse analysis. Then I see photograph as enunciation in a discoursive perspective. So my interest is to show how the images can relate to society, power and motherhood. My point of view is to investigate how the images organize a certain perspective of motherhood discourse.
Fully happy for telling you my research on what I am so proud.
Equally proud to deal with your expressive photographs, if you may.
Always at reach to explain my research.
Respectfully,
Irene.

Mostrar texto das mensagens anteriores

Rania Matar 01/12/2020
para mim

Thank you Irene. Good luck with your research! Please keep me posted!

My warmest,

E-mail
Reunião